

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CÍNTIA BICUDO

**AS (IM)POSSIBILIDADES DE EMERGÊNCIA DE AUTORIA NO ARTIGO DE
OPINIÃO NAS CONDIÇÕES DO VESTIBULAR**

Maringá
2019

CÍNTIA BICUDO

**AS (IM)POSSIBILIDADES DE EMERGÊNCIA DE AUTORIA NO ARTIGO DE
OPINIÃO NAS CONDIÇÕES DO VESTIBULAR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Luciana C. Ferreira Dias Di Raimo

Maringá
2019

CINTIA BICUDO

**AS (IM)POSSIBILIDADES DE EMERGÊNCIA DE AUTORIA NO ARTIGO DE
OPINIÃO NAS CONDIÇÕES DO VESTIBULAR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora Dra. Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo
Universidade Estadual de Maringá

Prof.^a Dra. Juliana da Silveira
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Eliana Alves Greco
Universidade Estadual de Maringá

AGRADECIMENTOS

A Deus por possibilitar esta experiência.

À professora Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo pela sua dedicação, apoio e companheirismo durante todo o percurso.

À professora Juliana da Silveira pela leitura e apontamentos preciosos na qualificação, além das contribuições durante os seminários.

À professora Eliana Alves Greco por aceitar participar da banca e pela contribuição na organização da escrita deste trabalho.

À professora Cláudia Valéria Doná Hila por me ensinar e motivar sempre.

Aos amigos do Pibid Glecia, Fran, Luan e Laura pela parceria durante o programa.

Às amigas Aline, Késia, Giselli, Ana e Mari pela companhia e apoio.

Ao Adelino e a Wérica pelo atendimento e atenção em todas as fases desta pesquisa.

À CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente com esta pesquisa.

RESUMO

O objetivo geral de nossa pesquisa é observar as (im)possibilidades de autoria no Artigo de opinião produzido no vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Para tanto, analisamos, com base na Análise de Discurso de linha francesa, 80 redações produzidas no vestibular de inverno de 2016. Dentre os gêneros que podem ser solicitados no vestibular, selecionamos o Artigo de opinião devido à variação na estrutura composicional que acontece no gênero em circulação social (COSTA, 2009) e à valorização da posição social do autor desse gênero como maneira de dar credibilidade aos argumentos (ZANINI, 2017). Como objetivos específicos, delimitamos: 1) apresentar o contexto em que as redações foram produzidas; 2) descrever as características prototípicas do Artigo de opinião no contexto de vestibular; e 3) compreender quais movimentos relacionados à função autoria são possíveis de serem produzidos no vestibular. Em relação ao referencial teórico-metodológico, para empreender esta pesquisa, pautamo-nos nas discussões sobre autoria realizadas pelos estudiosos da Análise de Discurso de linha francesa (FOUCAULT, 1999, 2009; ORLANDI, 1988, 2015; GALLO, 1995; POSSENTI, 2002), bem como nas reflexões sobre gêneros discursivos produzidas a partir dos pressupostos de Bakhtin (1997, 2006). Nesse sentido, no gesto analítico, procuramos compreender os modos de funcionamento da autoria nas condições do vestibular, mobilizando os conceitos de condições de produção, textualização, autenticação/legitimação, com base nos mecanismos textuais e discursivos atinentes à efetivação ou não da autoria. Nas condições de produção do vestibular, podemos ressaltar que há uma injunção à textualização no gênero solicitado (efeito fecho, coesão e coerência), assim como a necessidade de apropriação de elementos constitutivos do “comando” que, contraditoriamente, na tentativa de tornar natural a situação comunicativa, imobiliza a autoria quando o sujeito fala de um lugar que não é o seu. As “singularidades” na instauração da autoria se dão nos pontos em que o sujeito consegue trabalhar a linguagem (modos peculiares de organizar as vozes, jogo de palavras, diálogo com o leitor) e podem ser notadas até mesmo dentre o grupo das zeradas. Dessa maneira, a autoria se efetiva em um movimento no qual o sujeito-candidato faz operar a dispersão e o fechamento dos sentidos, marcando um posicionamento (pelo qual é responsável), ao mesmo tempo em que precisa entrar no jogo de repetir um dado sentido autorizado pelo comando.

Palavras-chave: Vestibular. Artigo de opinião. Autoria. Condições de produção. Gêneros textuais.

ABSTRACT

The overall aim of our research is to observe the (im)possibilities of authorship in the Opinion article written for the entrance examination (vestibular) of the State University of Maringá — Universidade Estadual de Maringá (UEM). For this purpose, we analyzed, based on the French line of Discourse Analysis, 80 essays written for the 2016 winter vestibular. Among the literary genres that can be requested by the examination, we selected the Opinion article due to the structure variation that occurs in the genre in social circulation (COSTA, 2009), and to the valorization of the author's social position of such genre as a way to give credibility to their arguments (ZANINI, 2017). We delimited as specific objectives: 1) to present the context in which the essays were written; 2) to describe the prototypical characteristics of Opinion articles of the vestibular; and 3) comprehend which movements related to the authorship function are possible of being produced in the vestibular. Regarding the theoretical and methodological referential, in order to undertake the research, we were guided by the discussions about authorship carried out by researchers of the French line of Discourse Analysis (FOUCAULT, 1999, 2009; ORLANDI, 1988, 2015; GALLO, 1995; POSSENTI, 2002), as well as by the reflections about discursive genre produced from assumptions of Bakhtin (1997, 2006). In this regard, in the analytical process, we aim at understanding the functioning ways of authorship on the vestibular conditions, mobilizing the concepts of production condition, textualization, authentication/legitimization, based on the textual and discursive mechanisms involved in establishing or not the authorship. In the vestibular production conditions, we can highlight that there is an injunction to the textualization of the requested genre (closure, cohesion and coherence effect), as well as the need of appropriation of constitutive elements of the “command” that, contradictorily, attempting to make the communicative situation natural, immobilizes the authorship when the subject speaks from a place that is not its own. The “singularities” on the installation of authorship are present in the points where the subject can work out the language (peculiar ways of organizing the voices, play on words, dialogue with the reader) and can be noted even among the score zero essays. Therefore, the authorship becomes effective in a movement where the subject/candidate handles the dispersion and the closure of senses, marking a positioning (for which it is responsible), at the same time as it needs to engage in a game of repeating one sense authorized by the command.

Key-words: Vestibular. Opinion article. Authorship. Production condition. Textual genres.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características predominantes dos aprovados no vestibular	17
Quadro 2 – Concorrência no vestibular de inverno de 2016.....	18
Quadro 3 – Gêneros solicitados na prova do vestibular da UEM.....	22
Quadro 4 – Comando de produção no vestibular de verão 2012.....	32
Quadro 5 – Comando de produção no vestibular de inverno 2014.....	33
Quadro 6 – Texto de apoio do vestibular de inverno 2016	34
Quadro 7 – Comando de produção do vestibular de inverno 2016.....	37
Quadro 8 – Condições de produção dos comandos de artigo de opinião apresentados pela UEM.....	39
Quadro 9 – Estrutura composicional do Artigo de opinião no vestibular da UEM	40
Quadro 10 – Exemplo da estrutura composicional do Artigo de opinião	42
Quadro 11 – Marcação explícita das condições de produção fictícia	56
Quadro 12 – Orientações para a produção da dissertação no Enem.....	57
Quadro 13 – Redação 3.....	58
Quadro 14 – Redação 14.....	59
Quadro 15 – Redação 18.....	60
Quadro 16 – Redações que apresentaram diálogo com o leitor.....	61
Quadro 17 – Redação 8.....	63
Quadro 18 – Redação 2.....	64
Quadro 19 – Marcação explícita das condições de produção nas redações médias.....	66
Quadro 20 – Redação 12 M.....	68
Quadro 21 – Redações médias que apresentam resíduos de outros gêneros.....	70
Quadro 22 – Redação 4M.....	72
Quadro 23 – Redação 6M.....	73
Quadro 24 – Redação 10M.....	74
Quadro 25 – Redação 14M.....	76
Quadro 26 – Redação 15M.....	76
Quadro 27 – Redação 16M.....	77
Quadro 28 – Redação 17M.....	78
Quadro 29 – Redações que apresentam reflexões da ordem do texto	79

Quadro 30 – Marcação explícita das condições de produção fictícia nas redações ruins.....	80
Quadro 31 – Resíduos de outros gêneros nas redações ruins.....	81
Quadro 32 – Redação 18R.....	82
Quadro 33 – Redação 16R.....	83
Quadro 34 – Marcação explícita das condições de produção fictícia nas redações zeradas...	85
Quadro 35 – Resíduos de outros gêneros nas redações zeradas.....	86
Quadro 36 – Redação 14Z.....	87
Quadro 37 – Redação 20Z.....	87
Quadro 38 – Redação 5Z.....	88
Quadro 39 – Redações curtas.....	89
Quadro 40 – Problemas de grafia e de acentuação nas redações zeradas.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de(o) Discurso
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPSi	Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil
CISAM	Centro Integrado de Saúde Mental
CVU	Comissão Central do Vestibular Unificado
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
PAS	Processo de Avaliação Seriada
Pibid	Programa Nacional de Bolsa de Iniciação à Docência
UEM	Universidade Estadual de Maringá
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO VESTIBULAR	15
1.1 O ENSINO SUPERIOR	15
1.1.1 A Universidade Estadual de Maringá.....	18
1.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA REDAÇÃO NO VESTIBULAR.....	20
1.3 O NOSSO OBJETO DE ESTUDO	22
1.3.1 Panorama de pesquisas sobre o gênero Artigo de opinião.....	23
2 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO.....	26
2.1 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO EM CIRCULAÇÃO SOCIAL.....	26
2.1.1 A esfera de circulação.....	28
2.1.2 O autor.....	29
2.2 OS COMANDOS DE PRODUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO NO VESTIBULAR.....	30
2.2.1 Artigo de opinião no vestibular de verão 2012.....	32
2.2.2 Artigo de opinião no vestibular de inverno 2014.....	33
2.2.3 Artigo de opinião no vestibular de inverno 2016.....	34
2.3 A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO ARTIGO DE OPINIÃO NO VESTIBULAR.....	39
3 ANÁLISE DE DISCURSO E AUTORIA.....	44
3.1 UM OLHAR DISCURSIVO PARA O ARTIGO DE OPINIÃO NO VESTIBULAR	44
3.2 O AUTOR.....	48

3.3	AUTORIA E ENSINO.....	51
4	A AUTORIA NO ARTIGO DE OPINIÃO.....	55
4.1	REDAÇÕES ÓTIMAS.....	55
4.1.1	Caracterização dialógica das redações ótimas.....	55
4.1.2	Análise discursiva das redações ótimas.....	57
4.1.2.1	Redações que se aproximaram da dissertação.....	57
4.1.2.2	Redações que apresentaram diálogo com o leitor.....	61
4.1.2.3	Redações que apresentam singularidades.....	62
4.2	REDAÇÕES MÉDIAS.....	66
4.2.1	Caracterização dialógica das redações médias.....	66
4.2.2	Análise discursiva das redações médias.....	67
4.3	REDAÇÕES RUINS.....	80
4.3.1	Caracterização dialógica das redações ruins.....	80
4.3.2	Análise discursiva das redações ruins.....	81
4.4	REDAÇÕES ZERADAS.....	84
4.4.1	Caracterização dialógica das redações zeradas.....	84
4.4.2	Análise discursiva das redações zeradas.....	85
4.4.2.1	Autoria nas redações zeradas.....	86
4.4.2.2	Processos textuais e fonológicos das redações zeradas.....	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	95
	ANEXOS.....	104

INTRODUÇÃO

A minha inquietação com a prova de redação do vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM) começou no momento em que vivenciei o ritual do vestibular; eu esperava escrever uma dissertação, mas tive de produzir um resumo e uma resposta interpretativa, o que resultou em uma nota baixa na redação. No vestibular seguinte que realizei, foram solicitados os gêneros carta do leitor e relato; nesse momento, já mais familiarizada com o processo seletivo, não tive problemas para produzir a redação. Ainda assim, senti um incômodo motivado pela necessidade de escrever seguindo um tema, uma finalidade e gêneros pré-estabelecidos.

Ingressei no curso de Letras em 2013; desde então, constitui-se, em mim, um interesse em compreender temas atinentes à produção escrita e ao vestibular. Ao historicizar o meu percurso, a minha primeira inserção nos estudos sobre o contexto de vestibular, durante a graduação, aconteceu por meio da minha participação no Programa Nacional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), no qual eu preparava os alunos de escolas públicas para a prova de redação do vestibular da UEM. Ademais, eu trabalhei como fiscal nos vestibulares da UEM, no período de 2014 a 2018, o que me permitiu vivenciar outro aspecto do processo seletivo. Esse trajeto possibilitou-me observar a situação da produção da redação e as suas adversidades, como: 1) o curto período de tempo; 2) a frequente interrupção dos fiscais; 3) a falta de um leitor interessado na opinião do candidato, já que o leitor será um professor de Língua Portuguesa que tem como único objetivo atribuir uma nota ao texto; e 4) a diferença dos gêneros na situação social¹ e no contexto do vestibular.

Dentre os gêneros que foram cobrados no vestibular da UEM, desde a implantação dos gêneros textuais em 2008, selecionamos o Artigo de opinião para esta pesquisa pelos seguintes motivos: 1) a existência de uma instabilidade na estrutura composicional em sua circulação social (COSTA, 2009); 2) a valorização que a posição social do autor recebe nesse gênero, como maneira de dar credibilidade aos argumentos (ZANINI, 2017); e 3) a produção desse gênero constitui-se como uma reação-resposta a outros enunciados (RODRIGUES, 2005). Por conta disso, o Artigo de opinião constitui um observatório que permite um exame das (im)possibilidades da efetivação da sua autoria no vestibular.

¹ Quando mencionarmos situação social ou circulação social, estamos nos referindo ao Artigo de opinião em sua esfera/lugar de origem apresentada na subseção 2.1 desta pesquisa.

O nosso objetivo geral é observar as (im)possibilidades de autoria no Artigo de opinião produzido no vestibular de inverno de 2016 da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Delimitamos como objetivos específicos: 1) apresentar o contexto em que as redações foram produzidas; 2) descrever as características prototípicas do Artigo de opinião adequadas para o contexto de vestibular; e 3) compreender quais movimentos relacionados à função e ao efeito autoria são possíveis de serem reproduzidos no vestibular.

A partir desse contexto e considerando as reflexões sobre autoria realizadas pelos estudiosos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa (FOUCAULT, 1999, 2009; ORLANDI, 1988, 2015; GALLO, 1995; POSSENTI, 2002), bem como nas reflexões sobre gêneros discursivos produzidas a partir dos pressupostos de Bakhtin (1997, 2006), emergiram as seguintes inquietações iniciais que conduziram à pesquisa: em que medida o vestibular abre espaços para que a autoria se efetive? (já que é uma prática de escrita avaliativa e marcada por uma leitura (prevista) do comando imposta pela banca avaliadora). De que maneira a artificialidade das condições de produção do Artigo de opinião cria um simulacro da autoria? Como/quais são as falhas na instauração de um efeito-unidade que impedem o sujeito-candidato de participar da avaliação do vestibular? Quando e como pode haver ‘autoria’?

Em termos de trajeto investigativo, houve a necessidade de solicitar à Comissão Central do Vestibular Unificado (CVU) redações do gênero Artigo de opinião, a fim de constituir o nosso *corpus* de análise. Desse modo, após a entrega dos textos pela CVU, realizamos uma análise documental², de cunho qualitativo, utilizando, como *corpus*, 80 artigos de opinião produzidos na prova de redação do vestibular de inverno de 2016 da UEM³. Salientamos que as redações foram disponibilizadas e separadas em grupos de acordo com a denominação da CVU; elas foram separadas em ótimas, em médias, em ruins e em zero. Para facilitar a menção e a referência das redações, numeramos, de um a vinte, as redações de cada grupo na ordem em que foram recebidas; acrescentamos a letra M para destacar as médias, R para mostrar as que pertencem ao grupo das ruins e Z nas redações que foram zeradas. As redações ótimas são marcadas apenas com números, pois a letra O poderia ser confundida com o número 0 (zero).

No manual do candidato, há uma seção denominada *Direito de uso das redações*; ela avisa ao candidato que, após a publicação do resultado do vestibular, a redação passa a ser propriedade da UEM, podendo ser utilizada em pesquisas. Por esse motivo, não houve a

² Categorizamos esta pesquisa como análise documental, a partir dos pressupostos de Lüdke e André (1986).

³ Analisamos as redações produzidas em 2016 porque, quando iniciamos a pesquisa, era o ano mais recente em que o vestibular da UEM solicitou a produção do gênero Artigo de opinião.

necessidade de o trabalho ser submetido ao comitê de ética da instituição. Tivemos o cuidado de digitar todas as redações ou os trechos aqui apresentados para que a caligrafia do candidato não seja exposta.

Esta dissertação é constituída por quatro capítulos. No capítulo 1, *Condições de produção do vestibular*, iniciamos com a apresentação das condições de produção amplas (panorama do Ensino Superior) e, na sequência, vamos especificando/delimitando até descrever o contexto em que o *corpus* é produzido. Apresentamos um panorama do ensino superior e o contexto em que as redações são produzidas, com base no vestibular da UEM.

No capítulo 2, *O gênero Artigo de opinião*, descrevemos, por meio da teoria Bakhtiniana, o gênero Artigo de opinião da maneira como ele circula na sociedade; em seguida, averiguamos como os comandos da prova de redação da UEM têm solicitado esse gênero no vestibular. Posteriormente a isso, realizamos uma análise da estrutura composicional das redações consideradas ótimas, a fim de estabelecer o que é aceito como um artigo de opinião adequado no processo seletivo.

No capítulo 3, *Análise de discurso e autoria*, iniciamos com uma reflexão, por meio de uma filiação à Análise de Discurso (AD) de linha francesa, sobre as diferenças nas condições de produção do artigo de opinião em circulação social e em situação de vestibular. Em seguida, discutimos a função do autor.

No capítulo 4, *A autoria no artigo de opinião*, apresentamos reflexões sobre a autoria nos artigos de opinião produzidos no vestibular da UEM no processo seletivo de 2016.

CAPÍTULO 1

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO VESTIBULAR

O objetivo deste capítulo é situar as condições de produção em que as redações foram produzidas no vestibular da UEM. A noção de condições de produção, para a AD, é bastante produtiva, na medida em que possibilita pensarmos o sentido como processo histórico, isto é, tal conceito abre espaços para nos perguntarmos pelas condições histórico-sociais nas quais as redações foram produzidas.

Pêcheux elaborou o conceito de condições de produção do discurso, “que remete à noção de conjuntura e que, por essa via, abre espaço para a aparição das noções de acontecimento discursivo e equívoco [...]” (AMARAL; FONTANA, 2015, p. 37). Orlandi (2015), por sua vez, classifica as condições de produção em dois grupos, a saber: 1.º) as condições de produção ligadas ao contexto imediato, que se referem às circunstâncias da enunciação (Quem fala? Para quem fala? Como fala? Quando fala? Onde o dizer circula?); 2.º) as condições de produção amplas, as quais incluem o contexto sócio-histórico e ideológico.

As condições de produção amplas dão início à nossa discussão, ao tomarmos, por base, o conceito estabilizado de ‘universidade’ que constitui o nosso imaginário discursivo. Refletimos, na seção *O Ensino Superior*, sobre o que um curso superior representa para, na sequência, apresentarmos as condições de produção imediatas relativas ao vestibular, na seção *Condições de produção da redação no vestibular*. Por último, na seção *O nosso objeto de estudo*, descrevemos o nosso *corpus* e o nicho ocupado por esta pesquisa.

1.1 O ENSINO SUPERIOR

Com a Revolução Francesa, o poder passou da aristocracia feudal para a burguesia capitalista-comercial, consequentemente, o aparelho ideológico⁴ igreja foi substituído pelo escolar. A escola, assim como outros aparelhos, ensina “[...] saberes práticos mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da prática desta”

⁴ Os aparelhos ideológicos são instituições que asseguram a reprodução da força de trabalho qualificado. Entre 1930 e 1960, no Brasil, passou por “[...] uma transição caracterizada pela aceleração do modo capitalista de produção, o que ocasionou transformações superestruturais, notadamente no aparelho escolar” (BITTAR, 2012, p. 2).

(ALTHUSSER, 1980, p. 22). A escola utiliza a ação pedagógica para propagar um arbitrário cultural dominante por meio de uma língua professoral, ou seja, os professores ensinam a cultura dominante para os alunos como se a escolha por aquele conteúdo fosse neutra (BOURDIEU; PASSERON, 2008).

O currículo escolar é visto como neutro, mas “[...] o que chamamos de história geral é sempre a de alguns povos ou países. Nunca de outros. Porque foi decidido que a França vale mais que a Angola” (BARROS FILHO; MEUCCI, 2014, p. 185). Percebemos que certos saberes são consagrados em detrimento de outros; nesse processo, apagam-se esses outros saberes.

Bourdieu e Passeron (2008, p. 251) explicam que “[...] a Escola tem apenas por função assegurar a sucessão discreta a direitos de burguesia que não poderiam mais se transmitir de uma maneira direta e declarada”; assim, os privilegiados não aparecem como privilegiados.

Ora, é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (*savoir-faire*) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados. Os mecanismos que reproduzem este resultado vital para o regime capitalista são naturalmente envolvidos e dissimulados por uma ideologia da Escola [...] uma ideologia que representa a Escola como um meio neutro, desprovido de ideologia (ALTHUSSER, 1980, p. 66).

A escola consegue “[...] convencer os deserdados que eles devem seu destino escolar e social à sua ausência de dons ou de méritos quanto em matéria de cultura a absoluta privação de posse exclui a consciência da privação de posse [...]” (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 251). Dessa maneira, é visto, com naturalidade, o fato de que as pessoas com maior poder aquisitivo tenham acesso ao ensino superior, enquanto outros nem terminaram o ensino fundamental.

Para cursar o ensino superior em uma universidade pública e gratuita, é necessário passar por um processo seletivo. No caso da UEM, a seleção dos candidatos que ingressarão na instituição acontece de duas maneiras principais: o vestibular⁵ e o Processo de Avaliação Seriada⁶ (PAS). Decidimos analisar as redações do vestibular porque é o processo pelo qual qualquer sujeito que tenha concluído o ensino médio pode ingressar na universidade, ao passo

⁵ Descrevemos, com mais detalhes, as características do vestibular na seção 1.2 *Condições de produção da redação no vestibular*.

⁶ 20% das vagas anuais ofertadas aos cursos de graduação da UEM são destinadas aos candidatos selecionados pelo PAS da UEM. Resolução n.º 033/2013-CEP. Disponível em: <<http://www.scs.uem.br/2013/cep/033cep2013.htm>>. Acesso em: 31 out. 2018.

que, no PAS, só podem participar alunos que estão cursando o ensino médio e que não reprovaram em alguma etapa anterior.

Observamos as características dos aprovados no vestibular da UEM, em 2016, por meio do questionário socioeducacional preenchido por eles no momento da inscrição. Constatamos que as pessoas que ingressam nessa instituição são, predominantemente, de cor branca, têm renda familiar de 3 a 5 salários mínimos, realizaram o ensino médio em colégios particulares e residem na zona urbana (Quadro 1).

Quadro 1. Características predominantes dos aprovados no vestibular

Características predominantes		Verão 2016	Inverno 2016
		Porcentagem	Porcentagem
Sexo	Feminino	50,58	50,91
Idade	17 anos	33,14	39,52
Cor	Branca	75,88	73,34
Estado	Paraná	79,8	78,77
Cidade	Maringá	48,58	40,98
Zona	Urbana	96,66	95,94
Renda familiar (RF)	3 até 5 salários	29,3	26,4
Participação na RF	Não trabalha	78,55	79,9
Ensino médio (EM)	Particular	58,18	60,48
Quando terminou o EM	2016	39,15	48,4

Fonte: CVU.

De acordo com Barros (2014), a família cria expectativas em relação ao desempenho do candidato, o que torna o processo de seleção bastante penoso. Quando se trata de estudantes oriundos de escolas públicas, temos de acrescentar, nesse quadro, problemas com a autoestima. A autoestima dos estudantes de escolas públicas é vista, pela autora, como um dos maiores causadores da autoexclusão nos vestibulares e no Enem, uma vez que “os principais argumentos de muitos adolescentes para justificar a falta de interesse pelos exames é a crença de que não são capazes de conseguir bons resultados ou de competir com alunos de outras escolas” (BARROS, 2014, p. 1066). Quando analisamos as características dos aprovados (Quadro 1), percebemos que essa autoexclusão dos alunos de colégios públicos tem um sentido/motivo. As características dos aprovados exemplificam como o aparelho ideológico escolar funciona. Destacamos o fato de 79,9 % dos aprovados no vestibular de inverno de

2016 não trabalharem e a sociedade “vê” isso como algo normal, afinal, quem trabalha não tem tempo para estudar. Com isso, a sucessão dos direitos para a burguesia⁷ é assegurado.

1.1.1 A Universidade Estadual de Maringá

A UEM, além do *campus* sede, possui *campus* de extensão em Cianorte, em Cidade Gaúcha, em Diamante do Norte, em Goioerê, em Umuarama e em Ivaiporã. O quadro 2 apresenta a distribuição dos cursos nas cidades e a quantidade de vagas ofertadas por cada curso, com base no vestibular de inverno de 2016.

Quadro 2. Concorrência no vestibular de inverno de 2016

VESTIBULAR DE INVERNO 2016	INSCRITOS		INSCRITOS/VAGAS	
	Não cotista	Cotista	Não cotista	Cotista
Administração (M-Maringá)	158	22	6.1	3.7
Administração (N-Maringá)	262	59	10.1	9.8
Agronomia (I-Maringá)	498	105	18.4	15.0
Agronomia (I-Umuarama)	205	56	15.8	18.7
Arquitetura e Urbanismo (I-Maringá)	790	111	60.8	37.0
Artes Cênicas (V-Maringá)	68	13	5.2	4.3
Artes Visuais (V-Maringá)	96	17	7.4	5.7
Biomedicina (I-Maringá)	336	50	25.8	16.7
Bioquímica (I-Maringá)	83	9	8.3	4.5
Ciência da Computação (I-Maringá)	246	24	17.6	6.0
Ciências Biológicas (I-Maringá)	166	27	12.8	9.0
Ciências Biológicas-licenciatura (N-Maringá)	132	21	10.2	7.0
Ciências Contábeis (M-Maringá)	85	18	6.5	6.0
Ciências Contábeis (N-Cianorte)	92	12	7.1	4.0
Ciências Contábeis (N-Maringá)	214	49	8.2	8.2
Ciências Econômicas (I-Maringá)	56	4	4.0	1.0
Ciências Econômicas (N-Maringá)	88	14	3.4	2.3
Ciências Sociais (N-Maringá)	121	19	9.3	6.3
Comunicação e Multimeios (V-Maringá)	206	33	15.8	11.0
Design (I-Cianorte)	50	9	3.8	3.0
Direito (M-Maringá)	1204	117	46.3	19.5
Direito (N-Maringá)	994	180	38.2	30.0
Ed. Física -Bacharelado (I-Maringá)	191	34	10.1	6.8
Ed. Física -Licenciatura (I-Ivaiporã)	31	12	2.4	4.0
Ed. Física- Licenciatura (I-Maringá)	77	21	7.7	10.5
Ed. Física - Licenciatura (N-Maringá)	192	67	19.2	33.5
Enfermagem (I-Maringá)	224	49	16.0	12.2
Engenharia Agrícola (I-Cidade Gaúcha)	27	4	2.1	1.3

⁷ Utilizamos o termo burguesia porque é o utilizado por Bourdieu e Passeron (2008).

Engenharia Ambiental (I-Umuarama)	49	7	3.8	2.3
Engenharia Civil (I-Maringá)	772	109	28.6	15.6
Engenharia Civil (I-Umuarama)	236	40	18.2	13.3
Engenharia de Alimentos (I-Maringá)	61	6	4.7	2.0
Engenharia de Alimentos (I-Umuarama)	29	2	2.2	0.7
Engenharia de Produção (N-Goioerê)	50	6	3.8	2.0
Engenharia de Prod.- Agroindústria (I-Maringá)	47	2	4.7	1.0
Engenharia de Prod.- Confecção Industrial (I-Maringá)	52	1	5.2	0.5
Engenharia de Prod.- Construção Civil (I-Maringá)	96	9	9.6	4.5
Engenharia de Prod.- Software (I-Maringá)	73	7	7.3	3.5
Engenharia Elétrica (I-Maringá)	241	45	18.5	15.0
Engenharia Mecânica (I-Maringá)	479	64	36.8	21.3
Engenharia Química (I-Maringá)	465	59	16.0	8.4
Engenharia Têxtil (I-Goioerê)	10	3	0.7	1.0
Estatística (N-Maringá)	14	0	1.1	0
Farmácia (I-Maringá)	204	34	9.3	6.8
Filosofia (V-Maringá)	44	3	3.4	1.0
Física (N-Goioerê)	8	2	0.6	0.7
Física (N-Maringá)	126	20	6.6	4.0
Geografia (M- Maringá)	30	6	2.1	1.5
Geografia (N-Maringá)	42	11	3.2	3.7
História (M-Maringá)	91	14	7.0	4.7
História (N-Ivaiporã)	28	12	2.2	4.0
História (N-Maringá)	136	31	10.5	10.3
Informática (N-Maringá)	96	11	6.9	2.7
Letras-Inglês (M-Maringá)	50	6	3.8	2.0
Letras-Português-Licenciatura (M-Maringá)	34	6	2.6	2.0
Letras -Português/Francês (N-Maringá)	12	0	0.9	0
Letras- Português/Inglês (N-Maringá)	75	12	5.8	4.0
Matemática (I-Maringá)	40	3	2.9	1.0
Matemática (N-Maringá)	67	11	2.5	1.6
Medicina (I-Maringá)	3995	493	307.3	164.3
Medicina Veterinária (I-Umuarama)	484	94	37.2	31.3
Moda (M-Cianorte)	61	9	4.7	3.0
Odontologia (I-Maringá)	635	108	48.8	36.0
Pedagogia (M-Maringá)	69	19	5.3	6.3
Pedagogia (N-Cianorte)	73	14	5.2	4.7
Pedagogia (N-Maringá)	118	39	4.5	6.5
Psicologia (I-Maringá)	947	167	36.4	27.8
Química-Bacharelado (I-Maringá)	70	10	5.0	2.5
Química-Licenciatura (N-Maringá)	42	9	3.0	2.2
Secretariado Executivo Trilíngue (N-Maringá)	54	13	4.2	4.3
Serviço Social (N-Ivaiporã)	50	15	3.8	5.0
Tecnologia em Alimentos (N-Umuarama)	9	2	0.5	0.4
Tecnologia em Biotecnologia (N-Maringá)	43	2	4.3	1.0

Tecnologia em Construção Civil (N-Umuarama)	41	11	2.2	2.2
Tecnologia em Meio Ambiente (N-Umuarama)	16	1	0.8	0.2
Zootecnia (I-Maringá)	149	35	5.7	5.8
Total de inscritos: 17505				

Fonte: CVU.

Em 2016, 57 cursos foram ofertados aos vestibulandos do *campus* de Maringá; dentre eles, o mais concorrido foi o curso de Medicina: cada vaga, para cotistas, era concorrida por 164,3 pessoas, enquanto 307,3 inscritos concorriam por uma vaga destinada a não cotistas. O curso menos concorrido foi Letras-Português/Francês: não houve inscritos concorrendo à vaga como cotista e apenas doze inscritos concorreram às vagas como não cotista, resultando, assim, na concorrência de 0,9 inscrito por vaga.

Os vestibulandos estão em um “entrelugar” porque a sociedade os identifica como estudantes, mas estudantes de quê? “A sociedade cobra de nós, a cada encontro, alguma autopresentação. E, por isso, somos constrangidos, o tempo todo, a assumir uma indefinição existencial” (BARROS FILHO; MEUCCI, 2014, p. 181). O vestibulando começa a se definir quando escolhe o curso; tal decisão pode ser pautada na afinidade, no salário ou na facilidade de acesso. Há uma grande chance de o candidato se arrepender da escolha realizada, porque, ao optar por um curso, ele desistiu das outras 56 possibilidades.

1.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA REDAÇÃO NO VESTIBULAR

Neste momento, apresentamos as informações contidas no Manual do Candidato do vestibular de inverno de 2016, com o objetivo de descrever o ritual do vestibular no qual o sujeito-candidato produz a redação. O vestibular da UEM acontece duas vezes ao ano: em julho, denominado vestibular de inverno, e em dezembro, denominado vestibular de verão. O ritual do vestibular é realizado em três dias e o candidato tem das 9h às 13h para realizar a prova. Em 2008, o processo seletivo foi reformulado e ficou dividido da seguinte maneira: no primeiro dia, a prova contém 40 questões somatórias sobre Conhecimentos Gerais; no segundo, a prova é composta por 15 questões de Língua Portuguesa e Literatura, 5 de Língua Estrangeira e o comando para a produção da redação; no último dia, são 40 questões de Conhecimentos Específicos, que variam de acordo com o curso escolhido pelo candidato (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, 2016).

Até o ano de 2007, na prova de redação da UEM, eram solicitadas as chamadas tipologias textuais (narração e dissertação), que valiam de 0 a 110 pontos. A partir do vestibular de inverno de 2008, os gêneros textuais passaram a ser solicitados; a prova pode cobrar que o candidato produza de dois a quatro gêneros diferentes. Além disso, a redação passou a valer 120 pontos. Conforme assevera Lopes-Rossi (2002), o ensino de redação, pautado na produção de descrição, de dissertação e de narração foi questionado na década de 80 por causa da artificialidade da situação de produção. Ninguém precisa escrever uma narração no seu dia a dia. O educando pode precisar narrar um fato, que pode resultar em uma notícia de jornal ou em um boletim de ocorrência, por exemplo. Em cada contexto, o tipo de organização do discurso é diferente, transformando-se, assim, em gêneros discursivos⁸ distintos. Cientes das discussões sobre a designação gêneros discursivos e/ou gêneros textuais, utilizamos, nesta pesquisa, gêneros textuais com base em Menegassi (2017, p. 26): “[...] o termo empregado em situação de ensino é ‘Gênero Textual’, uma vez que os textos trabalhados nesse campo de atuação humana são, na maioria dos casos, trazidos de outros campos da sociedade [...]”.

Como já mencionado, a prova de redação da UEM vale 120 pontos, aproximadamente, 16,66% do total de pontos do vestibular. Como a prova de redação passou a aderir aos gêneros textuais, novos critérios de avaliação precisaram ser estabelecidos. A atribuição de nota é estabelecida a partir da avaliação de dois critérios: o conteúdo e a forma⁹ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, 2016). Aquele avalia a capacidade de o candidato produzir o gênero no tema e nas condições de produção ¹⁰estabelecidos no comando; este avalia o domínio da norma culta e a estrutura composicional/organização textual do gênero, seguindo as informações do comando. Vale salientar que os interlocutores do texto produzido no vestibular são professores de Língua Portuguesa que possuem dezenas de provas para corrigir, então o que parece inédito na segunda prova a ser lida no dia pode não parecer inédito na última prova corrigida.

Desde 2008, quando foram implementados os gêneros, até o vestibular de verão de 2017, foram realizados 20 vestibulares e o gênero mais cobrado, nesse período, foi a carta do leitor, conforme o Quadro 3.

⁸ O conceito de gêneros discursivos é discutido no capítulo 2.

⁹ Manual do candidato do vestibular de inverno de 2016 da UEM. Disponível em: <https://www.npd.uem.br/cvu/relatorios/manual_candidato_8.pdf>. Acesso em: 31 out. 2018.

¹⁰ Silva (2018) constatou que os comandos de produção da redação do vestibular da UEM são produzidos a partir de uma perspectiva Dialógica, por isso o termo condições de produção, neste momento, é o da perspectiva bakhtiniana.

Quadro 3. Gêneros solicitados na prova do vestibular da UEM (2008-2017)

Gêneros solicitados na UEM (2008- 2017)		
Quantidade	Porcentagem	Gênero
8	20%	Carta do leitor
6	15%	Resposta argumentativa
6	15%	Resumo
5	12,50%	Relato
5	12,50%	Texto instrucional
3	7,50%	Resposta interpretativa
3	7,50%	Artigo de opinião
2	5%	Notícia
1	2,50%	Carta aberta
1	2,50%	Carta de solicitação

Fonte: A autora.

Frisamos que o artigo de opinião aparece no programa das provas de vestibular da UEM desde 2008 e foi solicitado em três vestibulares: no de verão em 2012, no de inverno em 2014 e no de inverno em 2016.

Diante disso, tendo em vista as condições de produção imediatas e as mais amplas, que constituem a prática de escrita do artigo de opinião no caso da UEM e, mais especificamente, no vestibular de inverno de 2016, nosso objetivo é compreender, em meio ao funcionamento dos textos selecionados, a efetivação ou não da autoria, utilizando os seguintes critérios: efeito fecho, unidade, coerência, efeito texto e o modo de o sujeito se posicionar frente ao seu contexto, produzindo ou não a repetição histórica.

1.3 O NOSSO OBJETO DE ESTUDO

O objetivo desta pesquisa é analisar as (im)possibilidades de autoria no gênero Artigo de opinião, a partir das condições de produção do vestibular de inverno de 2016 da UEM.

Para isso, consideramos, como *corpus*, 80 artigos de opinião produzidos nesse processo seletivo. As redações foram disponibilizadas pela CVU e separadas em grupos, com 20 redações cada, categorizados pela Comissão como ótimas, médias, ruins e zero. Não houve a necessidade de submeter a nossa pesquisa ao comitê de ética, porque, no manual do candidato, há uma seção denominada *Direito de uso das redações*, que avisa ao candidato que, após a publicação do resultado final do processo seletivo, a redação passa a ser propriedade da UEM, podendo ser utilizada em pesquisas. Tivemos o cuidado de digitar todas

as redações ou os trechos aqui apresentados para que a caligrafia do candidato não fosse exposta.

1.3.1 Panorama de pesquisas sobre o gênero Artigo de opinião

Para construir um panorama de trabalhos já realizados sobre autoria no artigo de opinião no vestibular, isto é, um estado de arte sobre nosso objeto de estudo, realizamos pesquisas em duas vertentes principais: o gênero Artigo de opinião e a prova de redação no vestibular.

Começamos analisando as pesquisas já realizadas no próprio programa de pós-graduação em Letras da UEM para descrever o “nicho” a ser ocupado por esta pesquisa. Constatamos que não há trabalhos sobre o gênero Artigo de opinião embasados na Linguística Aplicada. Existem, porém, pesquisas sobre outros gêneros: Bragagnollo (2011) buscou compreender como se constitui a escrita do gênero resumo acadêmico na formação inicial docente; Magnabosco (2011) investigou a textualidade e a estruturação textual-argumentativa de comentários publicados no blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*; Duran (2011) caracterizou o gênero questão interpretativa em contexto de formação docente inicial; Santana (2012) verificou de que maneira o gênero notícia é abordado no componente curricular em Língua Portuguesa e em outras áreas; Silva (2012), por meio de uma pesquisa-ação, buscou propiciar o letramento midiático de alunos concluintes do ensino médio para a produção do gênero notícia; Estevão (2016) didatizou o gênero parábola para trabalhá-lo no ensino fundamental II; Rosa (2016) refletiu sobre a proposta de produção de escrita de gêneros de caráter instrucional em livros didáticos do ensino fundamental II.

Ao procurar por pesquisas que contemplassem a prova de redação do vestibular da UEM, encontramos: Santos (2012) analisou 15 redações do gênero resposta argumentativa do vestibular de inverno de 2009 da UEM para descrever a ocorrência das relações retóricas na superestrutura do gênero; Calicchio (2014) analisou as 100 respostas argumentativas melhor avaliadas pela banca de avaliação do vestibular de verão de 2011 da UEM com o objetivo de identificar como a hipotaxe adverbial pode contribuir para a construção da argumentatividade do gênero; Corsi, Ritter e Hila (2015) apresentam propostas didáticas voltadas ao ensino dos gêneros solicitados no vestibular; Santos (2016) analisou 15 relatos produzidos no vestibular de verão de 2013 da UEM para descrever a organização textual do gênero; Hila et al. (2017) apresentou os critérios para a avaliação do gênero resumo no contexto do vestibular; Antonio e Navarro (2017) abordaram as características prototípicas dos gêneros que podem ser

solicitados na situação do vestibular – salientamos que esse trabalho não analisou o Artigo de opinião produzido no contexto do vestibular.

Para encontrar pesquisas que analisaram o Artigo de opinião e que utilizaram, como teoria e método, a AD no âmbito nacional, realizamos uma pesquisa com os descritores ‘Artigo de opinião’ e ‘Análise de discurso’ no dia 27 de abril de 2018, no banco de teses da Capes; encontramos 701 trabalhos de doutorado. Para refinar, delimitamos os trabalhos produzidos nos últimos 5 anos, pertencentes às áreas de Linguística, de Letras e de Artes; restaram 148 trabalhos. Analisamos o objeto de estudo desses trabalhos e constatamos que apenas 5 utilizaram o artigo de opinião como *corpus*. Os trabalhos selecionados são apresentados a seguir.

Marchetti (2015) analisa as características estruturais e retóricas de 2 artigos de opinião. Por meio da Gramática Sistemico-Funcional, visa responder às seguintes questões: como é tecida a argumentação nesses textos? Quais recursos persuasivos são usados no processo argumentativo?

Costa (2015) investiga a (não) assunção de diferentes pontos de vista em zona textual de argumentação e de contra argumentação em 100 redações do vestibular de 2010 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A pesquisadora pauta-se em autores de diferentes teorias para responder às seguintes questões: como o vestibulando organiza o discurso em relação à responsabilidade enunciativa? Quais marcas linguísticas nos levam a identificar as diferentes vozes presentes nos textos? Como se apresenta o plano textual do gênero Artigo de opinião? Em que parte do plano textual se materializa a responsabilidade enunciativa?

Farencena (2015) observa as relações lógico-semânticas na organização do texto, em 9 Artigos de opinião a partir da Linguística Sistemico-Funcional. Nesse trabalho, o Artigo de opinião é concebido como um macrogênero no qual relato, interpretação e relato histórico funcionam como microgêneros encaixados no macrogênero, complementando-o.

Santos (2015) analisa o processo de produção de escrita do artigo de opinião em uma proposta que envolve a ‘produção de um jornal’, de, portanto, uma atividade social. Foram analisadas interações entre os alunos e as professoras e as produções escritas dos estudantes, com base nas seguintes categorias: a) enunciativas – plano geral do texto e conteúdo temático; b) discursivas – tipos de perguntas; c) linguístico-discursivas – aspectos linguísticos a partir da teoria da atividade sócio-histórico-cultural.

Jesus (2014) utiliza, como *corpus*, artigos de jornais representativos que circularam no século XIX e verbetes do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa para refletir, a

partir da AD de linha francesa, sobre as questões a seguir: ao deixar de atender pelo nome escravo e passar a ser chamado de liberto, o negro ocupa um novo (ou outro) lugar? Entre uma posição e outra, quais sentidos deslizam? O que é preciso esquecer (silenciar/ apagar) para que novos sentidos irrompam? São novos?

Dessas pesquisas que utilizaram artigos de opinião como *corpus*, apenas Jesus (2014) utiliza a teoria e o método da AD, porém os textos analisados são do século XIX. Diante do exposto, entendemos a relevância do nosso estudo em razão da falta de pesquisas que abordam a produção de textos no vestibular em sintonia com a AD pecheuxtiana. A importância desta pesquisa se dá tanto pela análise que realizamos sobre autoria quanto pelos dados que apresentamos na análise do processo e das condições reais de produção da redação. Pode-se, com isso, contribuir em pesquisas futuras que pretendam compreender eficazmente o processo do vestibular e o que dele resulta.

CAPÍTULO 2

O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Neste capítulo, apresentamos reflexões e análises sobre o gênero Artigo de opinião a partir da teoria do Dialogismo. A presença dessa corrente teórica neste capítulo é necessária por dois motivos principais: 1) é a teoria que norteia os comandos de produção da prova de redação do vestibular da UEM desde 2008, conforme constatou Silva (2018); 2) é a teoria que fundamenta a concepção de linguagem presente nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008).

Desse modo, se a prova do vestibular da UEM se constitui com base em uma visão dialógica, entendemos que apresentar uma reflexão em torno dessa teoria pode servir de terreno para que consigamos compreender em que medida a Análise de discurso, nossa ancoragem teórica e analítica, se aproxima e se distancia da perspectiva de Bakhtin.

Primeiro, apresentamos as características do gênero discursivo Artigo de opinião na seção *O gênero Artigo de opinião em circulação social*, destacando a esfera de circulação e a importância dos autores neste contexto. Em seguida, refletimos, na seção *Os comandos de produção do artigo de opinião no vestibular*, sobre todos os comandos em que o Artigo de opinião foi solicitado pela instituição até o vestibular de verão de 2017. Depois, analisamos as regularidades nas redações consideradas ótimas pela avaliação da CVU para estabelecer a estrutura composicional adequada ao gênero Artigo de opinião no contexto de vestibular, na seção *A estrutura composicional do artigo de opinião no vestibular*.

2.1 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO EM CIRCULAÇÃO SOCIAL

É necessário apresentar o artigo de opinião na sua circulação social antes de analisá-lo no contexto do vestibular porque “[...] qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 114).

Para Bakhtin (1997), o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são marcados pela esfera de comunicação em que o enunciado se encontra: “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Os gêneros possuem um

caráter enunciativo, que “depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que da própria palavra” (MACHADO, 2014, p. 158). Por isso, para esta perspectiva, é importante observar as condições de produção ¹¹do enunciado.

Na acepção de Uber (2008), o artigo de opinião pertence à ordem do argumentar e sua finalidade é persuadir ou convencer o interlocutor. Esse gênero é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazê-lo aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros discursos com os quais mantém uma relação de conflito. Tudo isso comprova que o texto é o lugar de circulação de discursos – mostrados ou não. Nessa perspectiva, o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já dito (CUNHA, 2010). Seja qual for o objeto de discurso, ele já foi falado, julgado, esclarecido por alguém por isso, o “[...] locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A ideia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração, leva a evocar a imagem desse Adão mítico” (BAKHTIN, 1997, p. 319).

Bonini (2010) pormenoriza a maneira como são organizados os gêneros presentes em um jornal e como acontece a relação de dependência entre alguns gêneros; por exemplo, um mapa precisa estar relacionado a uma reportagem ou a uma notícia para produzir sentido. Em contrapartida, o artigo de opinião possui uma unidade textual independente, por isso, é classificado como um gênero livre e autônomo.

O gênero discursivo artigo de opinião, ou artigo assinado, está no agrupamento dos gêneros da ordem do argumentar, pelas características que lhe são peculiares: a discussão de assuntos ou problemas sociais controversos, buscando chegar a um posicionamento diante deles pela sustentação de uma ideia, negociação de tomada de posições, aceitação ou refutação de argumentos apresentados (UBER, 2008, p. 4).

O reconhecimento social do articulista atribui credibilidade ao seu texto e, muitas vezes, funciona como argumento de autoridade. Isso acontece porque “[...] para se ter opinião é preciso ter informação. É absolutamente impossível opinar sem conhecer os fatos” (UBER, 2008, p. 7). Esta é uma das dificuldades da produção desse gênero no vestibular, porque, muitas vezes, o candidato não conhece os fatos, não tem afinidade com o tema. Outra dificuldade, na produção desse gênero no contexto de vestibular, é que o candidato não ocupa uma posição social para legitimar o seu dizer. Para Barros Filho e Meucci (2014), ter algo a

¹¹ As condições de produção na vertente bakhtiniana é descrita na seção 2.2 *Os comandos de produção do artigo de opinião no vestibular*.

dizer não é o bastante; para ser um porta-voz legítimo, é preciso ocupar a posição social autorizada.

A opinião de cada articulista¹² está atrelada ao seu cotidiano, cada um tende a escrever sobre assuntos relacionados à sua profissão ou à sua afinidade, construindo, assim, uma característica temática própria. Por exemplo, um médico psiquiatra tende a escrever sobre saúde e comportamento humano, enquanto um pedagogo, sobre alfabetização. Com base nas projeções que o autor tem do seu interlocutor, ele organiza as vozes que participam do processo dialógico: “Eu me projeto no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que meu reflexo se projete¹³ nele e o dele em mim, que afirmemos um para o outro a existência de duas multiplicidades de ‘eu’ [...]” (BEZERRA, 2014, p. 194). A assinatura do artigo de opinião permite que o leitor tenha um pré-construído de cada articulista, ou seja, ele tem uma previsão/expectativa do que será dito a depender do autor.

Para exemplificar, selecionamos o artigo *O impacto terrível das redes antissociais*, escrito por Jairo Bouer, em 2017, no qual o autor expõe a sua opinião sobre a criminalização das difamações ou das calúnias que acontecem via redes sociais. Esse artigo pode ser lido na íntegra no site da revista *Época*.¹⁴

2.1.1 A esfera de circulação

Ao observarmos a esfera de circulação do gênero, constatamos que o Artigo de opinião, em circulação social, é encontrado em revistas e em jornais impressos ou *on-line*. Para Romualdo e Santana (2017), a finalidade da esfera jornalística é fazer circular periódica e amplamente conhecimentos, informações e pontos de vista da atualidade. A revista *Época*, por exemplo, possui a versão impressa, a versão digital (apenas para assinantes) e o site da revista, no qual são disponibilizados alguns materiais para o público não assinante.

¹² Na AD, o jornalista é descrito como quem “[...]acredita que o modo como discursiviza é objetivo e isento, ‘esquecendo-se’ que para além dos procedimentos normativos jornalística há escolhas outras, da ordem da linguagem, fruto do encadeamento das formações imaginárias, ideológicas e discursivas” (SCHWAAB; ZAMIN, 2014, p. 52).

¹³ O que Bezerra (2014) descreve como projeção se aproxima ao que Orlandi (2015) denomina imagem.

¹⁴BOUER, Jairo. *O impacto terrível das redes antissociais*. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/saude/jairo-bouer/noticia/2017/02/o-impacto-terrivel-das-redes-antissociais.html>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

O artigo é escrito para comentar algo já dito, geralmente uma questão polêmica ou controversa. Como já mencionamos, o jornalista constrói o seu discurso a partir de outros, ao mesmo tempo que dialoga com o discurso potencial do seu leitor.

No artigo *O impacto terrível das redes antissociais*, por exemplo, quando o autor utiliza a expressão “redes antissociais”, ele faz relação com o discurso de que as redes sociais, na verdade, estão afastando as pessoas.

2.1.2 O autor

O reconhecimento social do articulista atribui credibilidade ao texto; muitas vezes, funciona como argumento de autoridade, por isso, geralmente, o artigo vem assinado e é apresentado um breve currículo do autor antes do texto. Jairo Bouer, por exemplo, é descrito da seguinte maneira: “médico formado pela USP, com residência em psiquiatria. Trabalha com comunicação e saúde” (BOUER, 2017, p. 1). Ao pesquisar mais sobre este autor, constatamos que ele já atuou como colaborador em outras empresas, tais como: Folha de S.Paulo, Estado de São Paulo, Rede Globo, MTV, TV Cultura, Canal Futura, Rádio Jovem Pan, 89 FM e Rádio Metropolitana. Vale salientar, ainda, que Bouer ainda é autor de 11 livros.¹⁵

Essa experiência pode ser usada pelo articulista como objeto de crítica, questionamento e/ou argumento para o seu discurso (RODRIGUES, 2005). Ao seguir com o exemplo do artigo de Bouer (2017), destacamos o trecho em que o autor apresenta questionamentos:

Alguém gostaria de ser filmado nessa situação e ver sua imagem “viralizada” pelas redes sociais? É ético expor alguém a se tornar alvo de zombarias e chacotas online? Quem grava e divulga esse conteúdo poderia ser punido pelo prejuízo que causa à imagem da pessoa que sofreu a queda? Alguém sabe quem fez isso e qual a motivação de expor o outro ao ridículo? (BOUER, 2017, p. 1).

A partir desse trecho, percebemos, por exemplo, que a palavra ‘alguém’ poderia ser substituída por ‘você’ sem haver prejuízos, de forma a fazer o leitor refletir e se colocar no lugar da vítima. Para Cunha (2010), os autores também podem usar narrativas como estratégia argumentativa. “O discurso argumentativo, presente no artigo de opinião, tem como finalidade a persuasão ou convencimento do interlocutor, com intenções de que ele

¹⁵ BOUER, Jairo. *Dr. Jairo Bouer*. Disponível em: < <https://doutorjairo.uol.com.br/dr-jairo-bouer/> >. Acesso em: 24 mar. 2019.

compartilhe uma opinião ou realize uma determinada ação” (UBER, 2008, p. 4). Uma característica prototípica do gênero é a discussão de assuntos sociais, marcada pela posição, pela negociação, pela aceitação ou pela refutação de argumentos.

Na escola, quando é solicitado ao aluno(a) a produção de um artigo de opinião, geralmente, ele(a) não ocupa a posição social de um porta-voz legítimo daquele discurso; a projeção feita pelo(a) aluno(a) coloca o seu leitor como mais legitimado a produzir aquele discurso, já que o seu leitor ocupa a posição social de professor. Para facilitar o processo de ensino do artigo de opinião, Hila (2008), respaldada em Barbosa (2006), Brakling (2000), Rodrigues (2005) e Melo (1994), apresenta os aspectos linguístico-enunciativos constitutivos desse gênero, que são os seguintes: 1) organização do discurso em terceira pessoa; 2) predomínio do presente do indicativo e do subjuntivo para a contextualização do assunto; 3) presença de citações e de operadores argumentativos; 4) utilização de aspas como estratégia de ironia; 5) presença do discurso relatado indireto; 6) presença de modalizadores.

2.2 OS COMANDOS DE PRODUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO NO VESTIBULAR

Alguns conceitos do Círculo de Bakhtin permitiram releituras para o desenvolvimento da prova de redação do vestibular; são os seguintes: palavra/discurso; condições de produção; finalidade; interlocutor/outro; gênero discursivo; meio de circulação; situação social (MENEGASSI, 2011).

Silva (2018), ao analisar os comandos da prova de redação do vestibular da UEM, observa uma certa regularidade na presença da finalidade, do interlocutor, do gênero textual, da circulação social, do suporte textual e da posição do autor¹⁶, o que constata que os comandos são produzidos na perspectiva dialógica. Descrevemos, a seguir, cada item do comando.

Nessa perspectiva, “a presença da finalidade¹⁷, na produção do texto escrito, é fundamental, uma vez que é a partir dela que se tem a escrita de um texto que permite a formação e o desenvolvimento de sujeitos que se tornam autores de seus próprios textos” (MENEGASSI, 2011, p. 3). Na situação do vestibular, a finalidade real do aluno é passar no processo seletivo.

¹⁶ Neste momento, a posição do autor significa o papel social em que o candidato tem de se imaginar para escrever seu texto. Lugar e posição social na AD serão discutidos no capítulo 4.

¹⁷ A finalidade/intuito do dizer é um dos pontos de divergência entre a perspectiva bakhtiniana e a pecheuxtiana. Para a AD francesa, o sujeito não é livre para dizer o que quer (MUSSALIM, 2001).

O interlocutor é para quem o autor escreve o seu texto. De acordo com Bakhtin (2006), não podemos produzir um discurso para um interlocutor abstrato porque não teríamos uma linguagem comum: “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor” (BAKHTIN, 2006, p. 115). Na situação do vestibular, não há um interlocutor real; a única coisa que o autor/candidato sabe é que o seu interlocutor é professor de Língua Portuguesa. Menegassi (2011) caracteriza esse tipo de interlocutor como “ideal/virtual”, pois o autor não o conhece, mas constrói a sua imagem: “[...] mesmo não havendo a presença física desse interlocutor, ele interfere diretamente na escrita do aluno, pois os candidatos escrevem com o intuito de agradar a banca” (MENEGASSI, 2011, p. 5).

A finalidade e o interlocutor da escrita definem o gênero textual, que é produzido em um espaço físico, ou seja, em um suporte textual, o qual “é imprescindível para que o gênero circule na sociedade”; além disso, “deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado” (MARCUSCHI, 2003, p. 10). No caso da prova de redação do vestibular, o suporte real são as 15 linhas destinadas à produção do texto na folha de prova.

Para Machado (2014, p. 159), “as esferas de uso da linguagem não são uma noção abstrata, mas uma referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos”. Por isso, no contexto do vestibular, consideramos que a esfera/circulação social do gênero artigo de opinião é acadêmica.

No momento da produção da redação no vestibular, a posição social do autor é a de candidato. Segundo Houaiss e Villar (2010, p. 136), candidato é “quem concorre (a um cargo eletivo, em concurso etc.)”. No vestibular, o autor é identificado apenas por um número, não importando se ele é político, advogado, médico, faxineiro, pai ou avô; nesse contexto, ele é identificado por um código e denominado candidato nos documentos que regem o processo seletivo.

Apresentamos a finalidade, o interlocutor, o gênero textual, a circulação social, o suporte textual e a posição do autor na situação real do vestibular. Ressaltamos, todavia, que cada comando apresenta uma situação fictícia para nortear a escrita do candidato. São essas situações fictícias que observaremos a partir de agora.

O gênero Artigo de opinião foi solicitado em três vestibulares até o início desta pesquisa: vestibular de verão 2012; vestibular de inverno 2014 e vestibular de inverno de 2016. Apresentamos, rapidamente, o comando do vestibular de 2012 e o de 2014, para observar se há alguma regularidade da maneira como a UEM solicita esse gênero.

2.2.1 Artigo de opinião no vestibular de verão 2012

Na prova de redação do vestibular de verão de 2012, foram apresentados dois textos de apoio: o primeiro é uma parte da reportagem *Influência dos pais na hora da escolha*, de Stefanie Archilli, e o segundo texto é um trecho de *A 1ª escolha profissional do adolescente: quem influencia?*, de Anaí Auada. Com base nesses textos, o candidato tinha de produzir um artigo de opinião, seguindo o comando apresentado no quadro 4, e um texto instrucional no qual o autor deveria apresentar diretrizes aos pais a fim de orientá-los no momento de escolha profissional de seus filhos.

Quadro 4. Comando de produção do vestibular de verão 2012

GÊNERO TEXTUAL 1 – ARTIGO DE OPINIÃO Na sua opinião, a influência dos pais pode ser positiva ou negativa na escolha profissional dos filhos? Tendo como apoio os textos 1 e 2, responda a essa questão polêmica, produzindo um ARTIGO DE OPINIÃO, com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas. Você deverá dar um título ao seu artigo. Para orientar sua produção, considere que seu texto será publicado em um jornal de circulação local, cujos leitores podem ter uma opinião diversa da sua, ou podem não ter ainda uma opinião formada sobre a questão em pauta.

Fonte: Universidade Estadual de Maringá (2012).

Esse comando solicita que o candidato produza o gênero Artigo de opinião, no suporte de 10 a 15 linhas de um jornal local, com a finalidade de responder a seguinte pergunta: “a influência dos pais pode ser positiva ou negativa na escolha profissional dos filhos?” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, 2012). Como o candidato deve responder à pergunta, um vestibulando desatento pode produzir uma resposta argumentativa, que é um dos gêneros que pode ser cobrado no vestibular e também tem caráter argumentativo.

O comando classifica o tema como polêmico. O conceito de algo polêmico e/ou controverso que temos estabilizado é o de algo “que desperta ou é capaz de despertar polêmica, controverso”; já a polêmica é definida como “discussão sobre questão que suscita muitas divergências; controvérsia” (HOUAISS; VILLAR, 2010, p. 608). Considerando que o candidato acabou de optar por um curso superior, o tema proposto pelo comando pode estar próximo da sua realidade, o que facilita a produção do texto, já que “há temas sobre os quais temos o que dizer e outros nada. Assim, tornamo-nos pessoas interessantes, atraentes, aplaudidas e celebradas quando temos algo a dizer [...]” (BARROS FILHO; MEUCCI, 2014, p. 186). O comando não apresentou a posição social para a produção do gênero, então, nada

impede que o candidato use a posição real de filho que está fazendo a sua escolha profissional. No que tange aos interlocutores, estes serão os leitores do jornal.

2.2.2 Artigo de opinião no vestibular de inverno de 2014

Na prova de redação do vestibular de inverno de 2014 da UEM, dois artigos de opinião foram disponibilizados como textos de apoio. O primeiro, escrito por Rosana Pinheiro-Machado, antropóloga e professora da Universidade de Oxford, intitulado *Rolezinho é a ocupação de um templo de consumo* apresenta a defesa da prática do rolezinho por parte da autora. O segundo, *Tal como são, os “rolezinhos” atentam contra direitos coletivos*, foi produzido por Mauro Rodrigues Penteado, advogado e professor da Universidade de São Paulo, que se posiciona contra a prática de rolezinho no texto.

Com base nesses textos, as produções de um resumo e de um artigo de opinião foram requisitadas aos candidatos. O comando do gênero Artigo de opinião solicita que o candidato manifeste a sua opinião sobre os rolezinhos em *shopping centers* (Quadro 5). O comando não classificou o tema como polêmico, mas houve divulgação pela mídia e divergência de opiniões cinco meses antes do vestibular. De acordo com Maués (2014), o maior volume de publicações de notícias e de reportagens sobre o rolezinho aconteceu entre os dias 12 e 24 de janeiro de 2014.

Quadro 5. Comando de produção do vestibular de inverno de 2014

GÊNERO TEXTUAL 2 – ARTIGO DE OPINIÃO
Na condição de frequentador/cliente de shopping-centers, redija um texto, em até quinze linhas, no qual você manifeste sua opinião a favor ou contra <i>a prática do rolezinho</i> nesses tipos de estabelecimento. Você deverá dar um título ao seu artigo de opinião e assiná-lo, usando os nomes Carlos ou Eva.

Fonte: Universidade Estadual de Maringá (2014).

O comando solicita que o candidato coloque-se na condição de frequentador ou de cliente de um *shopping*. Muitos candidatos já ocuparam tal posição social; essa realidade, porém, pode parecer distante para outros. Passear pelo shopping pode ser entendido como um gesto de ameaça, a depender da classe social, do grupo de amigos ou das roupas dos sujeitos. Para Orlandi (2004), os pobres passeando no shopping são corpos fora do lugar que lhes é destinado: “[...] quando a classe média bloqueia ruas para as festinhas de seus filhos é ecologismo, está protegendo o espaço de circulação; quando é o pobre, é vandalismo, é coisa

de marginal, é desordem, impede o trânsito” (ORLANDI, 2004, p. 30). A posição discursiva de frequentador ou de cliente de shopping solicitada no comando permite que o candidato realmente exprima a sua posição contrária ou favorável ao tema proposto. Por exemplo, se o comando solicitasse ao candidato assumir a posição de dono de uma loja no *shopping*, poderia conduzi-lo a uma posição contrária ao rolezinho.

Em seguida, o comando solicita que o candidato apresente a sua opinião em relação à prática do rolezinho em *shopping centers*; por fim, destaca que o candidato deve elaborar um título para a sua produção. Nesse comando, não foram mencionadas a esfera de circulação, nem a necessidade de argumentos, direta ou indiretamente; dessa forma, ao mencionar o gênero Artigo de opinião, essas informações estão implícitas.

2.2.3 Artigo de opinião no vestibular de inverno de 2016

Apresentamos, primeiro, o texto de apoio e, depois, o comando de produção¹⁸. Observamos uma preocupação em distinguir, por meio do texto de apoio, o que é empatia do que é simpatia, o que já indica a possibilidade de o candidato se confundir.

Quadro 6. Texto de apoio do vestibular de inverno 2016

REDAÇÃO TEXTO PELOS SEUS OLHOS EU VEJO <i>A empatia, ou a arte de se colocar no lugar do outro, é um valor que anda em falta ultimamente e cujo exercício poderia não apenas melhorar a nossa vida mas transformar o mundo.</i> Patricia Moore é uma americana que, na década de 1980, revolucionou o design dos eletrodomésticos ao passar quase três anos (de 1979 a 1982) vivendo a rotina de uma senhora de 85 anos. Todos os dias, ela cumpria um ritual: aplicava camadas de látex no rosto para parecer enrugada, colocava óculos que lhe borravam a visão, tapava parcialmente os ouvidos para ter dificuldade de escutar, vestia suspensórios e enrolava bandagens para se

¹⁸ Analisamos redações produzidas em 2016 porque, quando iniciamos a nossa pesquisa, este vestibular era o mais recente. Com a pesquisa já em andamento, em 2018, o gênero foi solicitado novamente, mas não havia tempo hábil para esperarmos as redações de 2018 serem disponibilizadas. Por isso, prosseguimos o trabalho com as redações de 2016.

manter encurvada, prendia talas nos braços e pernas que dificultavam a flexibilidade e, ainda, calçava sapatos desiguais que a obrigavam a andar de maneira trôpega. E assim seguia realizando tarefas que uma octogenária precisaria fazer no cotidiano. [...] Mas por que ela fez isso? A motivação de Patricia era entender o mundo pelo ponto de vista das pessoas mais velhas e descobrir os reais obstáculos pelos quais elas passavam diariamente. [...]

A inglesa Jo Berry tinha 27 anos quando o pai, um parlamentar conservador, foi morto por uma bomba numa conferência do partido do qual fazia parte. Era 1984. Entre os responsáveis pelo atentado, estava Pat Magee, que foi preso e libertado anos depois, em 1999. Jo quis se reunir com ele para uma conversa. “Quis me encontrar com Pat para pôr um rosto no inimigo e vê-lo como um ser humano real”, conta. Os dois se sentaram frente a frente dezenas de vezes. E tiveram diálogos penosos para ambos, mas que ajudaram, cada um, a ter compreensão da perspectiva do outro sobre o atentado. O que a experiência trouxe para Jo? Ela fundou, junto com Pat, uma organização chamada Building Bridges for Peace (Construindo Pontes para a Paz, em tradução livre), que incentiva a conversa entre inimigos declarados para que um passe a entender a ótica do outro e, assim, se aproximar da paz. [...]

O que Patricia Moore e Jo Berry têm em comum é que ambas conseguiram desenvolver verdadeiramente a empatia. Essas histórias fazem parte do livro *O Poder da Empatia* (Zahar), do filósofo australiano Roman Krznaric, que traz histórias, pesquisas e projetos em que o mote é entender a importância de perceber o mundo pela visão do outro.

Como fazer isso na prática

Quantas vezes dizemos: “Coloque-se no meu lugar” ou “coloque-se no lugar dele”? Como conseguimos sentir as emoções de uma outra pessoa ou mesmo pressentir suas intenções e compreender suas motivações? Um grupo de pesquisadores franceses se dedicou a responder essas perguntas. [...]

De acordo com os especialistas envolvidos nesse estudo, sem a capacidade de adotar o ponto de vista do outro, o mundo seria habitado por psicopatas e autistas. Mesmo existindo também em alguns primatas, em pássaros e nos golfinhos, é no homem que a empatia se desenvolve de forma mais elaborada.

[...]

Simpatia é outra coisa

É preciso, antes de tudo, não confundir empatia com simpatia, assinala o francês Gérard Jorland, pesquisador do Centro Nacional de Pesquisas Sociais, em Paris. Designa-se por empatia a capacidade de se colocar no lugar do outro para tentar compreender seus sentimentos sem necessariamente experimentar as mesmas emoções. A simpatia, ao contrário, é vivenciar as emoções do outro sem obrigatoriamente se colocar no lugar dele. A simpatia é um contágio de emoções, sendo o riso em cadeia um exemplo típico. Da mesma maneira que podemos chorar ao ver alguém chorando, mesmo sem saber o motivo disso. A empatia pode alimentar a simpatia, mas esta não é uma consequência necessária, acrescenta Élisabeth Pacherie, filósofa do Instituto francês Jean-Nicod. Compreender o sofrimento ou a

alegria que ele sente, colocando-se no lugar do outro, não implica o desejo de ajudá-lo. “O objeto da empatia é a compreensão, e o objeto da simpatia é o bem-estar do outro. Em resumo, a empatia é um modo de conhecimento, e a simpatia, um modo de encontro com o outro, define o psicólogo americano Lauren Wispe.

No entanto, o que os pesquisadores franceses ou mesmo o escritor Roman Krznaric perceberam é que, quando temos um olhar mais empático, passamos a conhecer melhor o outro, o mundo e também a nós mesmos. Em uma sociedade egocêntrica, em que cada um se preocupa apenas consigo mesmo, desenvolver essa qualidade pode ser um caminho para um futuro de relações mais generosas e com mais afeto. [...]

Um exercício poderoso é puxar conversa com um desconhecido. “Concentre-se não em trivialidades como o tempo ou os esportes, mas em temas importantes como as prioridades na vida, as ideias, as esperanças e os sonhos. Isso significa não excluir ninguém: todas as pessoas, não importa que aparência tenham ou de onde venham, podem ser um singular e cativante interlocutor, se você conseguir encontrar uma maneira gentil de ter acesso à sua alma”, escreve Krznaric. “Conversar com estranhos pode ser uma aventura em termos de aprendizado pessoal e de compreensão, uma maneira de desafiar suas ideias e descobrir novas. Em outras palavras, de compreender que a conversa pode ser boa para você.” Para finalizar, Krznaric dá um último motivo para que eu e você comecemos a desenvolver a empatia já: “O hábito de empatizar pode criar laços humanos que fazem valer a pena viver. Nosso bem-estar depende de sairmos do nosso próprio ego e entrarmos na vida de outros. Os prazeres que isso proporciona são reais e profundos. Sem isso somos seres menores, e apenas parte do que poderíamos ser”.

(Texto adaptado da edição de HOLANDA, A. “Pelos seus olhos eu vejo”. In: *Vida Simples*, ano 14, edição 169. São Paulo: Editora Caras, 2016.)

Fonte: Universidade Estadual de Maringá (2016).

O texto de apoio foi extraído da revista *Vida Simples*, uma publicação conhecida por abordar questões relacionadas à saúde e à qualidade de vida. O texto de apoio apresenta marcas de primeira pessoa, por exemplo: “dizemos”, “consequimos”, “motivo para que eu e você comecemos” e “nosso bem-estar”. Para Reginato (2011), é comum a revista *Vida Simples* sugerir/ensinar o leitor por meio de dicas ou de guias, que são escritos em primeira pessoa: “[...] quem narra não se limita a simular a intimidade chamando o leitor de ‘você’, mas também se assume como ‘eu’ ou como ‘nós’, fazendo confidências, compartilhando experiências, fazendo juízos de valor, indicando caminhos” (REGINATO, 2011, p. 38).

O texto, *Pelos seus olhos eu vejo*, apresenta, primeiramente, duas histórias que fazem parte do livro *O poder da empatia*, de Roman Krznaric. Na primeira história, relata como Patrícia Moore viveu, durante três anos, a rotina de uma senhora de 85 anos. Na segunda, mostra a parceria entre a filha da vítima (Jo Berry) e o responsável pelo crime (Pat Magee) a qual foi possível por meio do diálogo.

Na segunda parte, distingue empatia de simpatia. Esta, de acordo com o texto, é “vivenciar as emoções do outro sem obrigatoriamente se colocar no lugar dele [...] é um contágio de emoções”; “um modo de encontro com o outro”; “o objeto da simpatia é o bem-estar do outro”. Já aquela, tema da prova de redação desse vestibular, é descrita como “a capacidade de se colocar no lugar do outro para tentar compreender seus sentimentos sem necessariamente experimentar as mesmas emoções”; “o objeto da empatia é a compreensão”; “a empatia é um modo de conhecimento”.

Na sequência do texto de apoio, é apresentado o comando para a produção de uma carta do leitor; em seguida, há o comando para o gênero Artigo de opinião, o qual apresentamos a seguir.

Quadro 7. Comando de produção do vestibular de inverno 2016

GÊNERO TEXTUAL 2-ARTIGO DE OPINIÃO

Contexto de produção:

Você é psicólogo(a), especialista em comportamento humano, e sua atual pesquisa trata da empatia. Convidado(a) a escrever para um jornal de grande circulação, você tem que defender uma necessidade urgente em nossa sociedade: a de o ser humano desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro, como forma de tentar compreender seus sentimentos ou seu ponto de vista. Isso para melhorar a própria vida e transformar o mundo.

Comando de produção:

A partir do contexto de produção acima apresentado, redija um ARTIGO DE OPINIÃO sobre a importância de as pessoas serem empáticas como forma de melhorar suas vidas e de transformar o mundo colocando-se no lugar do outro. Sustente sua tese apoiando-se em, pelo menos, dois argumentos. Você deverá assinar o artigo como “Colaborador” ou “Colaboradora”. Seu texto deverá ter o mínimo de 10 e o máximo de 15 linhas.

Fonte: Universidade Estadual de Maringá (2016, p.3).

No comando do vestibular de 2016, o contexto de produção é apresentado separadamente do comando de produção. A temática não é polêmica e não dá espaço para que o sujeito marque a sua posição, visto que o comando já apresenta a posição que deve ser ocupada. Como já mencionamos, para ser polêmico, o tema deve possibilitar a divergência de opiniões. Esse comando facilita a produção do gênero porque todos os elementos estão explicitados: a posição social (psicólogo), a esfera de circulação (“jornal de grande circulação”), a finalidade (“defender uma necessidade urgente em nossa sociedade: a de o ser humano desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro”). Observamos que, nesse comando, a tese a ser defendida é apresentada concomitantemente com a finalidade. A

responsabilidade do candidato é elaborar dois argumentos, organizando-os de maneira a respeitar as características do gênero. Isso favorece o candidato considerado regular, que não tem muito contato com o gênero na circulação social e apenas aprendeu a sua estrutura durante a preparação para o processo seletivo.

A posição social de psicólogo nos leva à seguinte reflexão: quem tem acesso a esse profissional? Ao considerarmos que a maioria dos candidatos do vestibular da UEM são de Maringá e região¹⁹, descrevemos, rapidamente, como o maringaense pode ter acesso a um tratamento psicológico gratuito. De acordo com a Prefeitura Municipal de Maringá, a assistência à saúde mental acontece por meio do Centro Integrado de Saúde Mental (Cisam). Para ter acesso ao tratamento psicológico, é necessário ser encaminhado por psicólogos das Unidades Básicas de Saúde ou por psiquiatras do próprio Cisam. As crianças e os adolescentes com comprometimentos psicossociais severos e persistentes são atendidas pelo Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi). Isso posto, ponderemos que os candidatos, os quais não apresentam comprometimentos psicossociais severos, provavelmente, nunca foram a um psicólogo; assim, a projeção que ele possui desse profissional não foi construída com base em um contato direto com ele. Dessa maneira, a posição que o candidato assume para escrever o artigo de opinião é pautada na projeção de psicólogo representada por meio de novelas, de filmes, de livros, de notícias etc. Projeção que, muitas vezes, é estereotipada. Os demais candidatos podem, portanto, sentirem-se mais seguros na produção dos sentidos no texto.

O candidato participa de um “faz de conta” para conseguir produzir o gênero de acordo com as orientações do comando de produção. O candidato tem o seu contexto real e o contexto fictício no qual ele tem de se colocar para produzir no contexto de vestibular. Ao analisar os comandos de 2012, 2014 e de 2016, percebemos que a única categoria presente em todos os comandos é a finalidade/intuito. Para Bakhtin (2006), o intuito discursivo/querer-dizer do locutor está presente em todo enunciado e é, inclusive, um dos critérios para a sua delimitação.

Sistematizamos, no quadro 8, as características levantadas em cada comando apresentado.

¹⁹ Dados apresentados no Quadro 1.

Quadro 8. Condições de produção dos comandos de artigo de opinião apresentados pela UEM

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO				
CATEGORIAS	REAL	FICTÍCIA		
		2012	2014	2016
Posição social do autor	Candidato	X	Frequentedor/ cliente	Psicólogo (a) (especialista em comportamento humano)
Assinatura	X	X	Carlos ou Eva	Colaborador ou Colaboradora
Interlocutor	Banca de professores	Leitores do jornal de circulação local	X	Leitores do jornal de grande circulação
Suporte textual	15 linhas da folha de prova	Até 15 linhas do jornal de circulação local	X	No mínimo 10 e no máximo 15 linhas do jornal de grande circulação
Circulação social/esfera	Escolar/ acadêmica	Jornalística	X	Jornalística
Finalidade/ Intuito	Ser aprovado no vestibular	Responder à pergunta, produzindo um artigo de opinião	Manifestar a opinião sobre a prática do rolezinho, produzindo um artigo de opinião	Defender a necessidade de o ser humano desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro, produzindo um artigo de opinião

Fonte: A autora.

Cientes das categorias presentes em cada comando de produção do gênero Artigo de opinião no vestibular da UEM, estabeleceremos qual é a estrutura composicional desse gênero no vestibular, ou seja, como tem de ser organizado um artigo de opinião para o vestibular da UEM.

2.3 A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO ARTIGO DE OPINIÃO NO VESTIBULAR

Como já mencionamos, o contexto de produção do gênero no vestibular é diferente do midiático, consequentemente, a estrutura do artigo de opinião será distinta. Na situação social, o autor é um jornalista ou um especialista na área. Às vezes, é solicitando a ele um assunto específico, mas, como autoridade, o jornalista pode delimitar o tema, priorizando o que considera importante ou aquilo com que tem afinidade; escreve o seu artigo para pessoas que estão interessadas na sua opinião sobre o assunto. Na situação do vestibular, porém, o

candidato – o autor – tem, em média, 17 ou 18 anos e possui apenas quatro horas para responder a 20 questões de alternativas somatórias e produzir duas redações. Além disso, o tema é imposto pelo comando da prova e ele escreve para uma banca de professores de Língua Portuguesa, cujo objetivo é avaliar o texto.

Por isso, antes de iniciarmos uma reflexão discursiva do gênero, analisamos as regularidades nos vinte artigos de opinião considerados ótimos pela CVU para estabelecer a estrutura composicional desse gênero na situação do vestibular. Para isso, as redações ótimas foram numeradas de um a vinte para referenciá-las.

Nos artigos de opinião analisados, percebemos que a unidade textual se constitui por três partes principais: ‘apresentação do tema’, ‘tomada de posição’ e ‘conclusão’. Cada parte foi analisada e subdividida com o objetivo de descrever, com maior precisão, a estrutura composicional desse gênero no vestibular.

Apresentamos, no quadro 9, as três partes principais com as suas respectivas subdivisões. Para estabelecer essas divisões, utilizamos, como base, Oliveira (2004), que realizou trabalho semelhante ao observar o gênero Artigo de opinião, em circulação na seção *Opinião* do jornal *O povo* do Ceará.

Quadro 9. Estrutura composicional do artigo de opinião no vestibular da UEM

ESTRUTURA COMPOSICIONAL		Recorrência
Apresentação do tema	1- Definição do fato jornalístico	
	2 - Apresentação do(s) antecedente(s) do tema	65 %
	3 - Marcação da posição social solicitada no comando	65 %
Tomada de posição	4 - Formulação da tese	95 %
	5 - Apresentação de argumentos que justificam a tese	85 %
	6- Provocação de reflexões para justificar a tese	
	7 - Indicação de possíveis contra-argumentos	
	8 - Exposição da posição social indicada para justificar a tese	
Conclusão	9 - Apresentação de causas e de consequências com base na tese	
	10 - Retomada da tese	65 %

Fonte: A autora.

Salientamos que não foram todos os textos que apresentaram todas as subdivisões (às vezes, um texto apresentou uma, mas não apresentou outra); por isso, não foi possível selecionar apenas uma redação para exemplificar todas as subdivisões. Por esse mesmo

motivo, destacamos, em negrito, as características que apareceram em mais de 50% das redações analisadas.

Na primeira parte, *apresentação do tema*, realizamos três subdivisões: 1) definição do fato jornalístico, 2) apresentação do(s) antecedente(s) do tema e 3) marcação da posição social solicitada no comando.

Na segunda parte, *Tomada de posição*, realizamos cinco subdivisões: 4) formulação da tese; 5) apresentação de argumentos que justifiquem a tese; 6) provocação de reflexões para justificar a tese; 7) indicação de possíveis contra-argumentos; 8) exposição da posição social indicada para justificar a tese.

Destacamos que há distinção entre apenas *marcar a posição social solicitada no comando* (3) e utilizar a *posição social indicada para justificar a tese* (8). Nestas, os autores conseguiram incorporar tal posição, usando-a a favor de seus argumentos, de modo que a posição social cumpra um objetivo no texto. Exemplificamos com um trecho da redação 5: “e foi precisamente este interesse, amigo leitor, que direcionou minha especialização em psicologia do comportamento humano e **minha atual pesquisa** sobre a empatia e a urgente necessidade da sua prática frequente para a construção de um mundo e vida melhores”.

Na terceira parte que corresponde à conclusão, encontramos apenas dois tipos: 9) apresentação de causas e de consequências com base na tese; 10) retomada da tese.

Um dos critérios utilizados para estabelecer a divisão apresentada no quadro 9 foi a observação da finalidade de cada trecho dentro do texto. A partir desse ponto, constatamos que há expressões lexicais recorrentes em cada etapa do artigo de opinião; consequentemente, essas expressões também tornaram-se critérios para confirmar a divisão.

A estrutura composicional do artigo de opinião, no contexto de vestibular da UEM, deve apresentar os seguintes elementos: antecedentes sobre o tema; posição social solicitada no comando; uma tese; argumentos que justifiquem a tese; retomada da tese, demonstrando a sua importância. Para exemplificar, apresentamos a redação 18 no quadro 10. A coluna da direita denominada *trecho da redação* apresenta a redação 18 completa, nós dividimos a redação em quadros apenas para facilitar a marcação da estrutura.

Quadro 10. Exemplo da estrutura composicional do Artigo de opinião

ESTRUTURA		TRECHO DA REDAÇÃO
APRESENTAÇÃO DO TEMA	APRESENTAÇÃO DO(S) ANTECEDENTES DO TEMA	Desde a antiguidade até os dias de hoje, é comum vermos situações que acabaram resultando em desentendimentos e confrontos pelo fato de que nenhum dos envolvidos pararam para pensar no que motiva o outro a agir como tal.
	MARCAÇÃO DA POSIÇÃO SOCIAL SOLICITADA NO COMANDO	Como psicólogo e especialista em comportamento humano,
TOMADA DE POSIÇÃO	FORMULAÇÃO DA TESE	eu digo que muitas coisas mudariam para melhor se a empatia, assunto da minha atual pesquisa, fosse levada em consideração pela população mundial.
	APRESENTAÇÃO DE ARGUMENTOS QUE JUSTIFICAM A TESE	Ao se colocar no lugar do outro, compreender seus sentimentos e agir com empatia, muitos conflitos poderiam ser evitados.
	PROVOCAÇÃO DE REFLEXÕES PARA JUSTIFICAR A TESE:	Imagine como seria se no Oriente Médio todos respeitassem e compreendessem o próximo independente de sua religião e sem tentar impor suas próprias crenças?
	APRESENTAÇÃO DE ARGUMENTOS QUE JUSTIFICAM A TESE:	A empatia, se levada a sério, poderia diminuir também o número de pessoas que vivem em condições desumanas, pois muitos estariam dispostos a ajudar. Até em casos mais simplórios, como socorrer um amigo que passa por um momento de necessidade, a empatia está presente.
CONCLUSÃO	RETOMADA DA TESE	De modo geral, nossa sociedade precisa ser capaz de agir com empatia e a entender mais as intenções do próximo urgentemente, com o intuito de aumentar a qualidade de vida própria e das pessoas a sua volta, até que isso tenha “efeito dominó” e atinja a todos.

A diferença entre o artigo no contexto social para o artigo no contexto do vestibular é que, no vestibular, o candidato precisa seguir um comando; por isso, muitas vezes, vê a necessidade de explicitar algumas informações que, nos artigos jornalísticos, não aparecem, como apresentar a posição social do autor. Geralmente, não encontramos essa informação nos artigos publicados em jornais e em revistas porque os autores são especialistas e legitimados no assunto e escrevem com certa frequência naquele meio de comunicação, ou seja, os leitores já o conhecem. No contexto de vestibular, por exemplo, nem todos apresentaram uma conclusão, o que estabelece mais uma diferença em relação ao gênero que circula

socialmente. Isso pode ter acontecido devido ao espaço delimitado, até 15 linhas, no qual o candidato tem de escrever o seu artigo.

Nesse sentido, investir na caracterização do artigo de opinião, neste capítulo, representou um esforço de compreender em que medida se dão as condições de produção da prova de redação da UEM e como esse contexto influencia/determina a concepção do gênero a ser produzido. Ademais, o vestibular faz valer o princípio dialógico, dando ênfase às condições de produção que buscam “contextualizar” a produção, ainda que essa, na prática, seja marcada por um faz de conta.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DE DISCURSO E AUTORIA

Neste capítulo, voltamos a trabalhar com os conceitos e reflexões da AD francesa. Descrevemos, na seção *Um olhar discursivo para o artigo de opinião no vestibular*, os conceitos de sujeito, língua, ideologia e formações imaginárias; aplicando-os no contexto do vestibular. Em seguida, discorremos sobre a função do autor na perspectiva da AD, na seção *O autor*; posteriormente, refletimos acerca da (im)possibilidade de autoria nas escolas e no vestibular na seção *Autoria e ensino*.

3.1 UM OLHAR DISCURSIVO PARA O ARTIGO DE OPINIÃO NO VESTIBULAR

Para Mussalin (2001), a AD surge, em 1960, na França, com Pêcheux envolvido nos debates da época em torno da Linguística saussuriana, do Marxismo e da Psicanálise lacaniana da época. A seguir, descrevemos, rapidamente, as contribuições de cada área na formação da AD.

Segundo Althusser, a teoria de Marx é constituída por duas “disciplinas”: a primeira é o materialismo histórico ou a ciência da história (teoria) e a segunda, o materialismo dialético ou a filosofia marxista (método). No entanto, “essa divisão de um pensamento teórico em duas disciplinas gerou certa dificuldade para defini-las separadamente. Dificuldades reconhecidas pelo próprio Althusser [...]” (AMARAL; FONTANA, 2015, p. 46).

Um deslocamento produzido em meio à Linguística diz respeito ao fato de que a linguagem passa a ser vista como não transparente, ou seja, imbricada de ideologia, o que possibilita à AD visar ‘como’ o texto funciona. O legado do materialismo para AD é o seguinte: “[...] há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2015, p. 17).

A contribuição da Psicanálise acontece com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. O sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. De acordo com Magalhães (2010), o terreno da teoria do discurso, para Pêcheux, está na imbricação entre inconsciente e ideologia na materialidade da língua.

[...] o sujeito da linguagem é um sujeito histórico, em que as relações de poder são politicamente simbolizadas. Não são lugares enunciativos, são posições-sujeito relativas ao histórico, ao simbólico e ao ideológico, filiadas a formações discursivas em que joga o poder da linguagem [...] (ORLANDI, 2004, p. 59).

O indivíduo é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Althusser considera que sempre somos interpelados pela ideologia, que “somos sempre já sujeitos e, como tais, praticamos ininterruptamente os rituais do reconhecimento ideológico [...]” (ALTHUSSER, 1980, p. 97).

O sujeito-candidato, interpelado por determinadas ideologias, acredita que o seu sucesso está relacionado à sua aprovação no vestibular. O candidato não cumpre funções por decisão própria, mas por injunções de classe ou de grupo afetados por ideologias que determinam o que eles podem e devem dizer. “Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso [...]” (MUSSALIM, 2001, p. 110).

Na AD, a língua “[...] admite a falta, o furo, a falha; não trabalha com uma noção de estrutura fechada e homogênea” (FERREIRA, 2010, p. 3). A língua, na AD, é a materialização do discurso, portanto não se trata de um mero instrumento a ser controlado ou utilizado para informar um conteúdo; trata-se de um acontecimento no sujeito, em que o sentido é atribuído ideologicamente. “Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [...] a relação língua-discurso-ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 17) é trabalhada nessa perspectiva.

A AD de linha francesa não entende ideologia como ocultação da realidade ou visão de mundo, pois, segundo Orlandi (2001), não há realidade sem ideologia. Assim sendo, a autora descreve ideologia como “[...] fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade” (ORLANDI, 2001, p. 22). Desse modo, quando o comando de produção do vestibular solicita que o candidato produza um artigo de opinião, os candidatos podem atribuir diferentes sentidos para “artigo de opinião”, dependendo da sua história de leitura, colégio em que estudou, classe social a que pertence, entre outros fatores. Ao comparar todos os comandos de produção em que o gênero foi solicitado, constatamos que quanto mais recente é o comando mais características/descrições sobre o gênero ele apresenta. No vestibular de 2016, por exemplo, delimitou-se o número mínimo de argumentos.

O sentido que atribuímos ao que é dito depende da Formação Discursiva (FD) a que nos filiamos. “Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente [...]. O

estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca” (ORLANDI, 2015, p. 43). Por isso, a ideologia determina, inconscientemente, as práticas e os pensamentos dos sujeitos, uniformizando o pensamento das classes sociais.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (ORLANDI, 2015, p. 47).

Dessa forma, ao tomarmos a AD como lugar de reflexão, compreendemos que o artigo de opinião demanda que contemplemos alguns aspectos que estão interligados. O processo de tomada de posição do sujeito e a sustentação desse ponto de vista não podem ser compreendidos como atos livres, produzidos por um sujeito intencional. Em outras palavras, a prática de argumentar que se relaciona ao gênero Artigo de opinião não deve ser compreendida do ponto de vista do jogo das estratégias arquitetadas por um orador que usa a linguagem como instrumento de comunicação, uma vez que o sujeito não é fonte, nem origem, ele apenas retoma sentidos preexistentes.

Dessa maneira, é preciso mobilizar o conceito de formações imaginárias, considerando o que é institucional e o mecanismo imaginário.

Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?) (ORLANDI, 2015, p. 38).

O candidato não escreve a redação do vestibular da mesma maneira que escreve uma redação para o seu professor na escola, porque, no ambiente escolar, o aluno conhece o docente; já, no vestibular, a única coisa que ele sabe sobre o seu interlocutor é que ele é um professor de Língua Portuguesa. Considerando o momento de produção da redação no vestibular de 2016, temos o seguinte contexto: o candidato (locutor) escreve um artigo de opinião, em que defende a necessidade de as pessoas serem empáticas (objeto do discurso) para uma banca de professores de Língua Portuguesa (interlocutores).

Vale salientar que o comando do vestibular de inverno de 2016 da UEM apresenta, ainda, um contexto fictício²⁰. Acreditamos que esse “faz de conta” apresentado no comando produz uma sobreposição de formações imaginárias no momento da escrita porque são várias formações imaginárias em funcionamento, por exemplo, a imagem da posição locutor (*quem sou eu para lhe falar assim?*) adolescente? universitário? candidato? psicólogo? pesquisador?

O sujeito candidato tem de lidar, inicialmente, com a projeção de uma imagem de psicólogo colaborador de um jornal e pesquisador que se dirige a um público, o que se relaciona a um dado efeito leitor. A redação é também produzida a partir da imagem que o sujeito-candidato tem desses professores avaliadores da banca: “como em um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de ‘jogadas’, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos [...]” (ORLANDI, 2015, p. 39). Esse jogo de imagens estabelece o que pode/deve ou não ser dito, considerando o lugar que ocupa e a forma como se constitui no funcionamento discursivo.

Na situação do vestibular, a universidade pode conceber o número de candidatos como uma medida da sua qualidade de ensino, já que a quantidade de pessoas que tentam entrar na instituição reflete na qualidade do processo de seleção. Os alunos “mais eficientes” serão aprovados, os quais elevarão o prestígio da universidade, provocando um número maior de interessados em ingressar na instituição.

Já as escolas e os cursinhos concebem os candidatos como clientela; esperam, portanto, que os alunos sejam aprovados para que fiquem satisfeitos e para que indiquem o local aos seus conhecidos. Se o aluno/cliente for aprovado em um curso considerado concorrido, ainda servirá como propaganda para a instituição.

Nos dias de vestibular, os arredores dos locais de prova parecem feiras de exposição: várias empresas apresentam os seus produtos, há barracas espalhadas, distribuição de panfletos e de brindes. Conforme os candidatos saem do local de prova, são abordados por essas empresas que concebem o vestibular como uma oportunidade de contato direto com possíveis clientes.

A partir das formações imaginárias mencionadas, o candidato tinha de produzir um artigo de opinião. Nas palavras de Orlandi (1996, p. 49), “a argumentação, em análise do discurso, é vista no processo histórico em que as posições dos sujeitos são constituídas”, ou seja, no nível da formulação – em que entram as intenções –, o sujeito está sob efeito da ilusão subjetiva e se coloca como origem do dizer.

²⁰ O contexto fictício foi apresentado e discutido no capítulo anterior.

Assim sendo, um mesmo tema pode causar/produzir interpretações diferentes, dependendo da inscrição do sujeito em uma ou em outra FD. A temática da pobreza, exemplo dado por Orlandi (1996) (falar a favor dos pobres), pode suscitar tanto uma identificação do sujeito em relação aos menos favorecidos quanto um discurso contrário em que “falar a favor dos pobres” é fomentar o vitimismo e o assistencialismo. Assim, os sentidos não estão presos ao discurso; precisam ser tomados em relação às suas condições de produção.

Ao observar o comando de produção e as condições de produção amplas da prova de redação do vestibular, constatamos que é realizada uma previsão de tudo que pode e deve ser dito pelo candidato. A tentativa de controlar os sentidos das redações é, provavelmente, para facilitar e padronizar a atribuição de nota no momento da correção.

O comando de 2016 não apresenta a lógica disjuntiva, a qual permite que o candidato escolha ser “a favor ou contra” a empatia (como aconteceu nos vestibulares anteriores). Nessa lógica, “[...] é ‘impossível’ que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e que não o tenha, que esteja trabalhando e que esteja desempregado [...]” (PECHEUX, 2015, p. 30).

O comando do vestibular de inverno de 2016, como já mencionamos, realiza um fechamento de possibilidades para o candidato. Percebemos que, pelo fato de o comando apresentar todas as categorias das condições de produção fictícia²¹, realizou um controle da dispersão dos discursos; essa ação, no gênero em circulação social, é exercida pelo autor.

3.2 O AUTOR

Nesta seção, apresentamos, resumidamente, a relação entre texto e autor elaborada por Foucault (1999, 2009), visto que as suas discussões são retomadas nos trabalhos dos seguintes autores: Orlandi (1988, 2015); Lagazzi-Rodrigues (2006); Possenti (2002, 2013); Chartier (2014); Mendonça (2016).

Para definir o que é autor, Foucault (2009) começa pela definição de obra, pensando no que é necessário para que um conjunto de textos seja concebido como tal. Se um sujeito que não é autor escreve algo, tal produção é considerada uma obra? Por outro lado, se um autor renomado escreve uma lista de compras, há uma obra? “A palavra obra e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas quanto a individualidade do autor”

²¹ As categorias: posição social do autor; assinatura; interlocutor; suporte textual; circulação social e finalidade foram apresentadas no capítulo anterior (Quadro 6) no momento em que analisamos os comandos a partir do Dialogismo.

(FOUCAULT, 2009, p. 270).

Na sequência, outra reflexão nos é apresentada: o nome do autor, que exerce um papel em relação ao discurso, permite reagrupar alguns textos; assim, “[...] o fato de que vários textos tenham sido colocados sob um mesmo nome indica que se estabelecia entre eles uma relação de homogeneidade ou de filiação [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 273). Se, por acaso, fosse descoberto que algum desses textos não pertencia ao autor, provocaria uma mudança no funcionamento do nome do autor. De acordo com Chartier (2014), o mesmo se aplica aos heterônimos; Fernando Pessoa foi quem mais utilizou essa prática no século XX. Os seus heterônimos eram dotados da função autor, porque “eram identificáveis por suas singularidades de estilo, pelo esboço de suas biografias, por todos os elementos que permitiriam que se lhes reconhecesse [...]” (CHARTIER, 2014, p. 66).

Nesse contexto, Possenti (2013) destaca que um discurso associado a um autor não é uma palavra cotidiana, comum, mas uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve receber um certo *status* em sua cultura. Para Foucault (2009), há alguns discursos que são providos da função autor enquanto outros são desprovidos dela. Por exemplo, uma carta particular pode ter um signatário, mas não um autor; da mesma maneira que um contrato pode ter um fiador, não um autor.

Foucault (2009) chamou de “fundadores de discursividade” autores europeus do século XIX que não podem ser classificados como autores literários, nem como autores de textos religiosos, tampouco como fundadores das ciências. Os “fundadores de discursividade” abriram reflexões diferentes das que eles propuseram, ao mesmo tempo que essas novas reflexões pertencem ao que eles fundaram. Freud, por exemplo, “tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem todas a respeito ao próprio discurso psicanalítico” (FOUCAULT, 2009, p. 282).

No texto pronunciado em 1970, Foucault concebe o autor como princípio de rarefação de um discurso, “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1999, p. 26).

De acordo com Possenti (2002), se considerarmos a noção de autor defendida por Foucault (2009), não é possível discutir autoria em textos escolares, pois o aluno/vestibulando, provavelmente, não escreveu uma obra e não fundou uma discursividade. Por isso, os pesquisadores interessados na discussão sobre autoria vêm trabalhando nesse conceito a fim de introduzir uma nova noção de autoria.

Ao deslocar a visão de Foucault, temos que a posição de Orlandi amplia o entendimento de autor (não só visto como inaugurador de discursividades) e concebe a autoria como princípio necessário a todo discurso.

Para Orlandi (2004), o autor é a função na qual o sujeito se coloca como a origem do seu dizer; é do autor que se exige coerência, explicitação, originalidade, não contradição e progressão do seu discurso. A figura do autor é paradoxal porque “ao mesmo tempo que está na base de uma produção ‘original’, só se realiza dentro de um campo discursivo já cunhado e devidamente legitimado” (GALLO, 1995, p. 54).

[...] o autor é a instância em que haveria maior “apagamento” do sujeito. Isto porque é nessa instância – mais determinada pela representação social – que mais se exerce a injunção a um modo de dizer padronizado e institucionalizado no qual se inscreve a responsabilidade do sujeito por aquilo que diz. É da representação do sujeito como autor que mais se cobra sua ilusão de ser origem e fonte de seu discurso (ORLANDI, 1988, p. 78).

Orlandi (1988) menciona um maior “apagamento” do sujeito nessa instância, porque esperamos que o autor articule os sentidos “com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 1999, p. 28). Ser autor implica uma inserção do sujeito na cultura; para Orlandi (1988), é assumir esse papel social na sua relação com a linguagem, passando da função de sujeito enunciator para a de sujeito autor. O sujeito autor é responsável pela organização do sentido e da unidade no texto.

Desse modo, é preciso compreender o que é função-autor (como princípio organizador do discurso) que se dá em um nível enunciativo, na medida em que os efeitos de unidade, coesão e coerência se impõem.

Primeiramente, em um nível enunciativo-discursivo, que é o caso da função-autor, que tem relação com a heterogeneidade enunciativa e que é condição de todo sujeito e, portanto, de todo acontecimento discursivo. E em segundo lugar, em um nível discursivo por excelência, que é o caso do efeito-autor, e que diz respeito ao confronto de formações discursivas com nova dominante, [...] (GALLO, 2010, p. 03.).

Vale destacar que outro ponto a ser discutido diz respeito ao mito que relaciona a autoria à criatividade ou originalidade. Nas palavras de Pfeiffer (1995, p. 63) “ter o direito à

interpretação, isto é, ser leitor e autor, não significa ser original, mas sim ter o direito à produção de sentidos na linguagem, ser sujeito da linguagem”.

De acordo com Baptista (2011), nos séculos XIX e XX, desenvolveu-se a noção de originalidade, valorizando a literatura que acreditava originar-se da realidade ou de si mesma, de maneira romântica ou realista. Considerar a produção textual como original implica conceber o sujeito autor como original e criativo, além de ser o resultado de uma intencionalidade do sujeito. Por isso, Baptista (2011) relaciona as produções de textos escolares com as noções de imitação e de originalidade; segundo ele, a “[...] imitação implica advogar a primazia de um modelo previamente determinado [...]” (BAPTISTA, 2011, p. 28). É isso que, muitas vezes, acontece na escola: o aluno tem um texto exemplar ²²para seguir, tentar fazer igual, mas, ao mesmo tempo, lhe é cobrada uma certa criatividade.

3.3 AUTORIA E ENSINO

Conforme postula Lagazzi-Rodrigues (2006), a autoria é pautada na legitimação do dizer, por isso, é difícil observar indícios de autoria em textos escolares. Como lembram Barros Filho e Pompeu (2014, p. 52), “[...] ante interesses contraditórios, haverá luta pela definição do sentido legítimo, do bom sentido. Considerando óbvio. Porque nomear não é só dar nome às coisas e a ideias abstratas. É impor uma certa visão do mundo que convém a quem nomeia”. Na escola, a posição do sujeito aluno é a que mais sofre restrições discursivas, pois é o professor quem está legitimado para dizer se aquilo que o aluno produz é ou não um texto adequado. Por sua vez, o professor, muitas vezes, sofre restrições por meio dos livros didáticos e da equipe pedagógica. Para Gallo (2012), a escrita produzida, na escola, não chega a ser escrita; é, na verdade, grafado da oralidade que não chega a ser legitimada, publicada e não chega a ter o efeito de autoria.

O que é o efeito de autoria? É o efeito de um texto que se alinha a um lugar discursivo legitimado, reconhecível, sem que haja, para sua interpretação, necessidade do contexto imediato, porque o que está dito se alinha a uma discursividade recorrente, que faz com que ao lermos, reconheçamos os sentidos (GALLO, 2012, p. 55).

²² Esse texto exemplar pertence ao Discurso da Escrita que apresentamos a seguir.

Para Gallo (2012), as redações grafadas na escola inscrevem-se no Discurso da Oralidade, porque é sempre circular, somente podem ser reconhecidas no contexto em que foram produzidas, ou seja, elas não funcionam fora da escola: “[...] os sentidos são inacabados, provisórios, sempre passíveis de serem corrigidos, alterados, ou seja, sem efeito-autor” (GALLO, 2012, p. 55). Para que haja o Discurso da Escrita, é necessário o efeito de sentido de unidade, de ‘fecho’, de legitimidade e de prestígio (GALLO, 2012). O fechamento do Discurso da Escrita é definido pela produção dos efeitos: TEXTO, AUTOR e LEITOR e nenhum desses efeitos são dependentes da escola (GALLO, 2008).

Desse modo, podemos dizer que, nas condições do vestibular, de forma semelhante ao que acontece na escola, a artificialidade das condições de produção imobiliza a produção de um fecho como responsabilidade de um autor reconhecido. Assim, o Discurso da Escrita pode ser analisado e estudado, mas nunca ensinado. A escola é uma instituição mantenedora do Discurso da Escrita (GALLO, 1995).

Ao tomar por base a perspectiva de Gallo, um ponto que merece nossa atenção é a chamada prática de textualização em meio a um jogo entre a dispersão e o fechamento. O conceito de TEXTUALIZAÇÃO é descrito por Gallo (2008) em um trabalho realizado com alunos produzindo um programa de rádio na França. A autora acompanhou/conduziu ²³de perto o planejamento para a produção desse programa, por isso foi possível perceber não só quais discursos foram silenciados, mas também o motivo desses silenciamentos. Esse controle de dispersão de sentidos produz um fechamento que Gallo (2008) denominou TEXTUALIZAÇÃO. Para a autora, é a prática da TEXTUALIZAÇÃO que produz o TEXTO, “[...] a TEXTUALIZAÇÃO trabalha sobre fragmentos (matéria linguística) dando a eles limites e organizando seus sentidos” (GALLO, 2008, p. 49).

A “limitação” dos sentidos só é possível por causa dos esquecimentos. O esquecimento número 1, tal como nos ensina Pêcheux, é o esquecimento ideológico “[...] temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes” (ORLANDI, 2015, p.33). Gallo (2008) denomina o processo, resultado desse esquecimento, como autenticação.

²³ Considerando que a nossa pesquisa tem como *corpus* apenas o texto final produzido no vestibular, pautamo-nos apenas em marcas linguísticas que produziram um efeito de fechamento.

A AUTENTICAÇÃO é um processo no qual o sujeito se encontra sempre já imerso, e que dá conta do movimento e da fixação do sujeito no espaço de cadeias significantes que não se alinham necessariamente numa mesma formação discursiva, mas que se alinham numa relação SIGNIFICANTE (GALLO, 2008, p. 59).

O esquecimento número 2, da ordem da enunciação, refere-se à “[...] ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos e o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras[...]” (ORLANDI, 2015, p.33). Gallo (2008) denomina legitimação o processo relacionado com esse esquecimento. A legitimação está na base do fechamento, produzindo um efeito de único “[...] um sentido determinado de um enunciado determinado, apagando o universo discursivo de onde esse sentido se descola” (GALLO, 2008, p. 58).

Nesse sentido, o efeito-autor só se efetiva na produção de um efeito-fechamento no texto.

A posição-sujeito absorve as determinações específicas e produz um efeito de sentido determinado, um efeito de homogeneidade, silenciando/esquecendo as ambiguidades. O sujeito produz esse apagamento através do processo de legitimação, que está na base da textualização, e que mascara o processo de autenticação, justamente apagando (para o sujeito) suas ambiguidades constitutivas (sem jamais consegui-lo totalmente). Assim, há “esquecimento”, relacionado ao processo de autenticação e, ao mesmo tempo, relacionando-se ao processo de legitimação, há memória, no nível do sócio-histórico, que posiciona o sujeito no discurso (GALLO, 2008, p. 68).

Na perspectiva de Lagazzi-Rodrigues (2006), a escola precisa dar condições para que o sujeito escolar se posicione na função da autoria, isto é, “a escola deve propiciar as condições de produção para o sujeito escolar se constituir no lugar autorizado da língua” (PFEIFFER, 2000, p. 21).

Possenti (2013) expressa que os textos escolares podem revelar indícios de autoria, mas isso não significa que os alunos sejam autores. Os autores são escritores cujo texto é considerado consciente, ou seja, os atos falhos apresentados nos textos são vistos como intencionais, “[...] não como equívocos ou sintomas de falta de domínio do texto” (POSSENTI, 2013, p. 244). Para o autor, os alunos que produzem boas redações são bons alunos, mas não são autores. No ideário de Orlandi (1988, p. 82), a escola pode ser útil, mas não é suficiente para formar um autor, “[...] uma vez que a relação com o fora da escola também constitui a experiência da autoria. De toda forma, a escola, enquanto lugar de

reflexão, é um lugar fundamental para a elaboração dessa experiência, a da autoria, na relação com a linguagem”.

Os textos produzidos no vestibular sofrem limitações parecidas com aquelas que são impostas aos textos produzidos na escola. O candidato, assim como o aluno, não tem o seu dizer legitimado, pois é o interlocutor, com base no que pode e deve ser dito, que estabelecerá se o texto está adequado ou não. Os textos produzidos no vestibular, assim como os escolares, são reconhecidos somente no contexto em que foram produzidos e tem como objetivo atingir uma “boa” nota para que o autor (aluno ou candidato) não sofra coerções sociais.

CAPÍTULO 4

A AUTORIA NO ARTIGO DE OPINIÃO

Este capítulo apresenta reflexões sobre a autoria nos artigos de opinião produzidos no vestibular de inverno da UEM em 2016. Dividimos as seções, seguindo a caracterização dos *corpus* já estabelecida pela CVU²⁴, ou seja, apresentamos a seção das redações ótimas, médias, ruins e zeradas.

Iniciamos cada seção descrevendo como as redações responderam ao comando pela vertente dialógica. Em seguida, pautamo-nos, principalmente, em Orlandi (1988) e em Gallo (2008, 2012) para analisarmos as (im)possibilidades de autoria.

4.1. REDAÇÕES ÓTIMAS

No contexto do vestibular, o candidato produz seguindo as instruções do comando de produção que estabelece o contexto fictício/virtual. Quanto maior for a descrição desse contexto fictício, menor será a liberdade para o candidato “criar”. O gênero Artigo de opinião no contexto do vestibular fica mais próximo do Discurso didático pedagógico²⁵ do que do gênero em circulação social.

4.1.1 Caracterização dialógica das redações ótimas

Como constatamos no capítulo 2, o comando de produção do vestibular de 2016 solicita que o candidato produza na posição social de psicólogo (a) (especialista em comportamento humano); que assine como colaborador ou colaboradora e que defenda a necessidade de o ser humano desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro, produzindo um artigo de opinião. Ao utilizar as categorias apresentadas no capítulo 2, comparamos o que foi solicitado no comando com o que foi produzido nas redações. Os resultados são apresentados no quadro 11. Nós optamos por marcar o suporte textual e a

²⁴ Vamos manter a classificação da CVU para que esta pesquisa possa contribuir com o ensino de gêneros nos colégios da região.

²⁵ “[...] o Discurso didático-pedagógico, justamente por causa do seu funcionamento, não permite a posição-sujeito necessária à produção do efeito-AUTOR. Na verdade, esse discurso rejeita essa posição-sujeito” (GALLO, 2008, p. 21).

circulação social no mesmo lugar porque eles estão imbricados, caso o candidato mencione que está escrevendo para um jornal (suporte), automaticamente delimitamos a esfera jornalística.

Nós não apresentamos a análise da finalidade no quadro 11 porque percebemos que todas as redações ótimas defenderam a empatia, ou seja, cumprem a finalidade.

Quadro 11. Marcação explícita das condições de produção fictícia

Categorias	Comando	Redações	Porcentagem
Posição social do autor	Psicólogo (a) (especialista em comportamento humano)	17	85%
Assinatura	Colaborador ou Colaboradora	19	95%
Interlocutor	Leitores do jornal de grande circulação		
Suporte textual	No mínimo 10 e no máximo 15 linhas do jornal		
Circulação social/esfera	Jornalística		

A posição social do autor esteve marcada explicitamente em 85% das redações ótimas. Isso chamou a nossa atenção porque, na circulação social, o autor do artigo de opinião, geralmente, não menciona sua posição social ou profissão porque o leitor já recebeu essa informação anteriormente.

Estamos cientes de que a delimitação do interlocutor, suporte textual e a esfera são apenas para nortear o candidato na sua produção, por isso não apareceu nenhuma menção explícita a essas categorias nas redações ótimas, mas optamos por deixá-las no quadro porque, nas redações ruins e zeradas, podem aparecer marcas dessas categorias.

Nas redações ótimas, todas apresentaram título e 95% optaram pelo uso da primeira pessoa do discurso. As redações apresentam a finalidade diluída, em algumas redações parece que a redação inteira descreve a mesma coisa. Talvez isso tenha acontecido por causa do tema. Quando um tema é polêmico, o autor preocupa-se mais com os possíveis contra-argumentos, e assim produz um texto com argumentos mais diversificados. Como o tema desse vestibular não é polêmico, os argumentos são muito parecidos. Por causa desse tema, o autor/candidato não precisa se preocupar em “agradar” a seu interlocutor (com sua opinião), afinal quem seria contra a empatia?

4.1.2 Análise discursiva das redações ótimas

Ao analisar as redações, encontramos algumas regularidades, com base nisso dividimos as redações ótimas em três grupos. O primeiro é constituído pelas redações que, mesmo tendo obtido uma nota “alta”, aproximaram-se do que seria uma dissertação escolar (modelo fixado na tradição), sendo o maior grupo em que o autor opta por um efeito-fecho típico do modelo da conclusão da dissertação escolar. As redações que não se encaixaram nesse grupo fizeram-nos refletir sobre o que as diferenciam da dissertação. Delimitamos, então, o segundo grupo, no qual os textos materializam um diálogo com o leitor (as redações que apresentam vocativos ou perguntas direcionadas ao interlocutor). Por fim, um terceiro grupo foi criado, com as redações que apresentam formulações que não estavam no texto de apoio produzindo um efeito de criativo/novo, por isso acreditamos que as redações deste grupo apresentam “singularidades”.

4.1.2.1 Redações que se aproximaram da dissertação

Como parâmetro para a definição de uma dissertação, utilizamos a orientação apresentadas no Manual de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)²⁶ de 2017, já que é um exame de nível nacional, que utiliza o texto dissertativo-argumentativo.

Quadro 12. Orientações para a produção da dissertação no Enem

Nessa redação, você deverá defender uma tese – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você deverá, também, elaborar uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto que respeite os direitos humanos.

Fonte: Brasil, 2017, p. 8.

Observamos que as orientações para a produção da dissertação no Enem já direcionam o sujeito a produzir na injunção à textualização, porque já o orienta a escrever com coerência, com unidade textual e com modalidade formal da língua, funções que, de acordo com Orlandi (1988), pertencem ao autor.

Das redações que se aproximam de uma dissertação, 87,5% apresentam três parágrafos: um parágrafo destinado à introdução, um ao desenvolvimento e o último à

²⁶ A finalidade principal do Enem é a avaliação do desempenho escolar e acadêmico ao fim do ensino médio. Os resultados podem ser usados para o acesso à educação superior; para o financiamento estudantil; para o desenvolvimento pessoal; para o aperfeiçoamento no ensino. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/perguntas-frequentes>>. Acesso em: 4 out. 2018.

conclusão. Esse “esquema” seria um resultado de aulas de cursinho? Uma marca do aparelho ideológico escolar funcionando?

Outra regularidade encontrada nas redações desse grupo foi a apresentação de uma tese seguida de uma justificativa, o que também contribui para a aproximação dessas redações com as dissertações produzidas no Enem. O Manual de Redação do Enem apresenta a seguinte estrutura para um texto dissertativo-argumentativo: “apresentar uma tese, desenvolver justificativas para comprovar essa tese e uma conclusão que dê fecho à discussão elaborada no texto, compondo o processo argumentativo” (BRASIL, 2017, p. 18). Pertencem a esse grupo as redações 1, 3, 10, 12, 13, 14, 15 e 18. Elencamos as redações 3 (Quadro 13), 14 (Quadro 14) e 18 (Quadro 15) para exemplificar as especificidades do primeiro grupo.

Quadro 13. Redação 3

ESTRUTURA	TRECHO DA REDAÇÃO
TÍTULO	Genocídios apáticos
INTRODUÇÃO	A empatia é a capacidade de entender as emoções de outras pessoas a partir da permuta de valores entre estas.
TESE	Trata-se de uma virtude que deve ser estimulada com urgência em nossa sociedade, corrompida pelo egocentrismo explícito em várias pessoas.
JUSTIFICANDO A TESE	De fato, é preciso que as pessoas sejam empáticas, pois, do contrário, genocídios podem acontecer; a saber, na segunda guerra mundial, Hitler promoveu inúmeras mortes, como as de judeus, negros e homossexuais, não se colocando no lugar deles. Ademais, como psicólogo, tenho observado em meus pacientes sem a virtude que representa a empatia a ascensão de tendências inerentes a psicopatas e autistas, o que representa um retrocesso às relações humanas tecidas durante várias décadas.
CONCLUSÃO	Sendo assim, é imprescindível que todos nós sejamos pessoas dotadas de empatia, característica rara hodiernamente. Se assim todos fossem, não emergiria traços psicopatas e autistas nas pessoas, que, do mesmo modo, não promoveriam genocídios apáticos.

Quadro 14. Redação 14

ESTRUTURA	TRECHO DA REDAÇÃO
TÍTULO	Precisa-se de empatia
INTRODUÇÃO	Já diziam os filósofos que “o homem é o lobo do próprio homem” e “sei que nada sei”. Acredito eu, psicóloga e especialista em comportamento humano, que eles estavam certos, porque esse mundo extremamente competitivo as pessoas estão se tornando cada vez mais egoístas e se acham melhores que outras, o que resulta na ignorância como o próximo e com o próprio conhecimento. Há quem diga o contrário, que a sociedade de Durkheim, a atual, visa a individualidade, o que indica o maior grau de desenvolvimento. Mas minha atual pesquisa sobre empatia indica que
TESE	é justamente a capacidade de se colocar no lugar do outro – a empatia – é que transformará o mundo.
JUSTIFICANDO A TESE	Além disso, penso que a empatia traz benefícios mútuos: ao mesmo tempo em que se consegue compreender quais são os pensamentos e sentimentos do outro e, logo, ajudá-lo, essa capacidade de ver o mundo sob vários pontos de vista favorece àquele que praticam o ato e entender porque as pessoas se comportam de certa maneira. Ou seja, a sociedade, por consequência, seria mais tolerante das divergências de opinião, crenças, e até mesmo etnia. Em uma escala menor, seríamos capazes de evoluir a forma de como são nossas relações interpessoais, estabelecendo laços mais concretos pela prática da empatia.
CONCLUSÃO	Dessa forma, reforço a importância de se colocar no lugar do outro pois o ato fará bem para o próprio empático. Assim, o mundo precisa de mais empatia nas atividades mais banais do dia-a-dia e até nos mais abrangentes e, cada um fazendo sua parte, a Terra será um lugar mais agradável para se conviver, logo, precisa-se disso urgentemente!

Quadro 15. Redação 18

ESTRUTURA	TRECHO DA REDAÇÃO
TÍTULO	Efeito Dominó
INTRODUÇÃO	Desde a antiguidade até os dias de hoje, é comum vermos situações que acabaram resultando em desentendimentos e confrontos pelo fato de que nenhum dos envolvidos pararam para pensar no que motiva o outro a agir como tal. Como psicólogo e especialista em comportamento humano, eu digo que
TESE	muitas coisas mudariam para melhor se a empatia, assunto da minha atual pesquisa, fosse levada em consideração pela população mundial. Ao se colocar no lugar do outro, compreender seus sentimentos e agir com a empatia, muitos conflitos poderiam ser evitados.
JUSTIFICANDO A TESE	Imagine como seria se no Oriente Médio todos respeitassem e compreendessem o próximo independente de sua religião e sem tentar impor suas próprias crenças? A empatia, se levada a sério, poderia diminuir também o número de pessoas que vivem em condições desumanas, pois muitos estariam dispostos a ajudar. Até em casos mais simplórios, como socorrer um amigo que passa por um momento de necessidade, a empatia está presente.
CONCLUSÃO	De modo geral, nossa sociedade precisa ser capaz de agir com empatia e a entender mais as intenções do próximo urgentemente, com o intuito de aumentar a qualidade de vida própria e das pessoas a sua volta, até que isso tenha “efeito dominó” e atinja a todos.

Ao considerar os mecanismos do domínio do processo discursivo no qual o sujeito se constitui como autor, tal como postula Orlandi (1988), a efetivação da autoria se produz em meio à ancoragem em um modelo geral-padrão a que chamamos de efeito-dissertação. Justamente em virtude de os candidatos buscarem um ponto de referencialidade na memória escolar, acreditamos que a dissertação se materializa como unidade textual tida como modelo seguro, mesmo em um contexto em que se solicite a produção de gêneros textuais, como é o caso do vestibular da UEM. Assim, materializam-se elementos típicos da dissertação escolar, mesclados a aspectos atinentes às exigências do comando da prova.

4.1.2.2 Redações que apresentaram diálogo com o leitor

Podemos dizer que esse diálogo com o leitor ²⁷seria um indício de autoria nesses textos considerados ótimos. Em termos dos processos textuais nos quais o sujeito-candidato marca a sua prática de autor, destacamos a materialização de um diálogo com o leitor nas redações que apresentam vocativos ou perguntas direcionadas ao interlocutor. Percebemos que esse recurso pode produzir um efeito de sensibilizar o leitor em relação ao que está sendo dito, uma vez que o aproxima do tema. Em termos de processo discursivo no qual o sujeito se constitui como autor, ressaltamos que o diálogo com o leitor também (re)cria um espaço discursivo comumente associado ao domínio jornalístico em que se materializa uma interação entre sujeito que escreve e o seu público. As redações 5, 6, 17, 19 e 20 pertencem a esse grupo. O quadro 16 apresenta, em negrito, trechos que exemplificam esse diálogo.

Quadro 16. Redações que apresentam diálogo com o leitor

Redação	Trecho
5	E foi precisamente este interesse, amigo leitor , que [...]
6	Sabe aquele momento em que você se estressou pela demora do motorista da sua frente para estacionar? Já parou para comparar a experiência dele com a sua ? Ou então lembrar que você já necessitou desse tempo? [...]
17	[...] preconizo, dado que todos, sem exceção, estão sujeitos a erros e adversidades, carecendo sempre de auxílio emocional, não é mesmo?
19	Alguma vez você já pensou que estava mesmo certo ao julgar a atitude de alguém, sem saber o motivo?
20	Você já desenvolveu empatia por alguém?

Fonte: A autora.

Na redação 5, o candidato aproxima-se do leitor do texto por meio do vocativo e ainda o classifica como “amigo”; De acordo com Houaiss e Villar (2010, p. 42), esse termo significa o seguinte: “que(m) ama, demonstra amizade”. No contexto fictício, esse amigo seria o leitor do jornal; no contexto do vestibular, são os professores de Língua Portuguesa que esse candidato não conhece.

Nas redações 6, 19 e 20, percebemos a recorrência do pronome ‘você’. A estrutura mais encontrada foi “você já”, seguida de verbo no pretérito perfeito, como acontece em

²⁷ Não consideramos esse diálogo com o leitor como uma marca explícita do interlocutor/leitor na seção anterior (quadro 11) porque, naquela ocasião, estávamos observando a influência do contexto de produção fictício nas redações. No contexto fictício, o interlocutor é o leitor do jornal, enquanto nas redações que apresentam diálogo com o leitor, esse leitor pode ser o professor que está corrigindo.

“você já necessitou”, em “você já pensou” e em “você já desenvolveu”. Essa estrutura leva o leitor a pensar se já passou pelas situações mencionadas, produzindo, assim, um texto sobre empatia que argumenta por meio da empatia do leitor.

Na redação 17, o leitor se aproxima do texto porque é chamado a dar a sua opinião sobre o assunto. Quando o autor escreve “não é mesmo?”, torna o leitor mais ativo, mesmo que ele não responda; nesse momento, ele é conduzido a refletir se concorda ou não com o autor.

4.1.2.3 Redações que apresentam singularidades

Em relação aos processos textuais e discursivos nos quais o sujeito se marca e se constitui como autor, foram levantadas redações em que notamos um sujeito que, além de domínio linguístico, revela-se seguro para dizer o que diz. Tais redações nomeadas como “redações que apresentam singularidades²⁸” trouxeram formulações que não estavam no texto de apoio. Essas formulações apareceram por meio de relatos, de citações ou de exemplificação dos argumentos. Foram consideradas desse grupo as redações 2, 4, 7, 8, 9, 11 e 16. Selecionamos a redação n.º 8 para exemplificar (Quadro 17). Nessa redação, o autor trouxe a importância da empatia em diferentes situações: no relacionamento de casais, entre pais e filhos, entre nativos e imigrantes. Sabemos que esses discursos já foram produzidos anteriormente, mas essa organização com coesão, com coerência, produzindo um efeito de unidade foi produzida pelo autor. Embora o autor não instaure uma discursividade discutida por Foucault, ele produz “[...] um lugar de interpretação no meio dos outros. Esta é a sua particularidade” (ORLANDI, 2004, p. 70). Tão importante quanto organizar o já dito é esse “novo” discurso produzir sentido, ser interpretável.

²⁸ Utilizamos o termo singularidades no sentido de ser peculiar, isto é, produzir um efeito de sentido de único ao leitor.

Quadro 17. Redação 8

Muito além do próprio “eu”

Colaboradora

“Ele (a) nunca se coloca no meu lugar”. Esse é o tipo de frase que escuto com frequência no consultório de psicologia em que trabalho, principalmente quando se trata de relacionamentos conjugais. Porém, o ato de se colocar no lugar do outro, empatia, deve ser realizado em qualquer tipo de relacionamento. Desse modo, as pessoas se tornarão menos individualistas e o mundo bem menos egocêntrico.

Claramente, a empatia no ambiente familiar, por exemplo, tornaria as relações mais leves – os pais entenderiam o jugo pesado que é estudar e diriam menos a famigerada frase: “Você só estuda, não faz mais do que a obrigação ir bem nas provas”; e os filhos, por sua vez, não reclamariam das 45 ligações e mensagens das mães. Compreenderiam o cuidado e zelo das mesmas. Com isso, a gratidão se faria mais presente.

Além disso, a prática da empatia pode alcançar patamares mais amplos, como a diminuição da xenofobia. Uma vez que, colocando-se no lugar do imigrante e pensando como deve ser difícil deixar tudo para trás em busca de melhores condições de vida, a aversão pode dar lugar à compaixão, pois uma coisa é certa: ninguém gosta de repelir outrem. É óbvio que há questões políticas a serem debatidas nesse contexto, porém o que é para ser mostrado é como a empatia pode promover a paz, a compreensão e a leveza de uma vida dura.

O enunciado “Ele (a) nunca se coloca no meu lugar” (linha 1), além de abrir o texto de modo singular, instaura um processo em que o sujeito enunciator já marca a sua posição de psicólogo, já que a prática de ouvir o outro constitui um imaginário relacionado a tal profissão.

O uso do conectivo “Porém” (linha 3), que expressa uma relação de oposição de ideias, garante um efeito de coesão e contribui para que o exemplo do relacionamento entre casais seja ampliado para outros tipos de relacionamentos; nesse ponto, o texto, mais uma vez, recorre à inserção de vozes, nesse caso, de pais e de filhos. O emprego da locução “além disso”, que expressa soma de ideias, abre o terceiro parágrafo que produz um efeito de fecho com a premissa de que é importante se colocar no lugar do outro. Em seguida, é apresentado um exemplo de empatia relacionada à situação dos imigrantes e, mais uma vez, a autoria se efetiva na produção de um fecho entendido, aqui, como um esforço empreendido pelo sujeito do discurso para garantir fecho ao texto, ou seja, um efeito-autoria local. Para Gallo (1995), a função do autor é construir um sentido e um fecho. “Esse ‘fecho’, apesar de ser entre tantos outros possíveis, produzirá, para o texto, um efeito de sentido único, como se não houvesse outro possível” (GALLO, 1995, p. 58).

Na perspectiva de Possenti (2002, p. 112), “as verdadeiras marcas de autoria são da ordem do discurso, não do texto ou da gramática”. O autor discute que se trata de trazer ao texto “eventos e coisas que têm sentido”; ou seja, o sujeito-candidato consegue dar voz a

outros enunciadores. Segundo Possenti (2002, p. 117, grifo do autor), não é somente dar voz ao outro, mas “[...] é uma questão de *como*”. Acreditamos que, no texto apresentado anteriormente, o sujeito-candidato consegue sair da mesmice, uma vez que não materializa somente formas típicas, como “fulano afirmou, disse”; ele traz outras vozes ao texto de um modo singular e, nesse caso, notamos indícios de autoria. O mesmo acontece na redação 2 (Quadro 18), na qual a autoria se destaca na incorporação da função social e no uso dela a seu favor para relatar algo.

Quadro 18. Redação 2

Empatia: a falta dela está gerando mortes A sociedade em que vivemos é ainda egocêntrica, vivenciamos todos os dias inúmeras situações onde nem se quer nos damos ao luxo de pensar “Espera, e se fosse eu?,” não nos preocupamos mais com o nosso próximo. Como psicólogo já vivenciei inúmeras histórias relatadas por pacientes, mas uma que me chamou a atenção foi de um menino com 17 anos e um quadro depressivo agudo, os pais acharam que era frescura já que diziam que ele tinha tudo e nem sequer pararam para entender o que se passava com ele, por isso, não houve o tratamento necessário e o menino veio a cometer suicídio. Casos como esse são muito frequentes e, isso poderia ter acontecido em nossas casas, mas será que seríamos empáticos o suficiente para tentar entender? O índice de suicídio vem aumentando cada vez mais e, vamos esperar que aconteça conosco para tomar uma atitude? Colaboradora
--

Observamos que, no fim do primeiro parágrafo, o autor usa a sua posição social de psicólogo para relatar algo que aconteceu com um paciente que acabou cometendo suicídio por causa da depressão. Essa doença está sendo muito comentada na atualidade, mas relacioná-la com a empatia, por meio da posição de psicólogo, mostra um movimento de autoria, já que “[...] autoria se constitui quando o sujeito empreende um trabalho de levar adiante uma tarefa discursiva e o faz de modo particular.” (BAPTISTA, 2011, p. 27).

Além disso, podemos dizer também que essas redações apresentam indícios de autoria, considerando que o autor pode criar qualquer coisa desde que respeite rigorosamente as regras de linguagem (ORLANDI, 1988). Dito de outra maneira, o autor é aquele que sabe o momento de ser ousado. Possenti (2002, p. 109) apresenta o seguinte exemplo:

Não está impedida, por exemplo, a relativa improvisação do jogador de futebol ou de basquete, que, não obstante, segue um esquema de jogo. Um bom técnico e um bom jogador sabem que pode fazer exatamente parte do esquema que um determinado atleta esteja autorizado, durante uma partida, a ser ele mesmo, a ousar – e o atleta diferenciado é exatamente aquele que sabe quando pode fazer isso.

Ao considerar o processo de autenticação, nesse grupo de textos, esse se dá de forma bastante produtiva, visto que podemos notar o movimento de o sujeito-candidato tornar autêntico (original) um dado sentido, o que se relaciona a um modo “singular” de organizar exemplos, diversas vozes no texto, sem fugir ao tema. Também, quanto à legitimação, o sujeito-candidato assume, de forma consequente com o desenvolvimento do texto, a arbitrariedade do efeito-fecho construído. Em virtude do movimento de análise posto, é possível afirmar que:

o que caracteriza a autoria é a produção de um gesto de interpretação, ou seja, na função-autor o sujeito é responsável pelo sentido do que diz, em outras palavras, ele é responsável por uma formulação que faz sentido. O modo como ele faz isso é que caracteriza sua autoria. Como, naquilo que lhe faz sentido, ele faz sentido. Como ele interpreta o que o interpreta (ORLANDI, 1996, p. 97).

Ao fazer um levantamento final das redações ótimas, temos que 8 se aproximam da dissertação, 5 apresentam diálogo com o leitor e 7 são redações com singularidades. Ao analisar as redações consideradas ótimas e o seu contexto de produção, constatamos que, nas redações que apresentam singularidades, marcam-se, de maneira mais efetiva, os processos de Autenticação e Legitimação (GALLO, 2008), já que muitas dessas redações produziram um efeito original/único. Os sujeitos produzem um gesto de interpretação (um sentido) em meio a uma formulação (efeito-texto-unidade acabado).

Nas outras redações, o candidato diz aquilo que é esperado que se diga. No vestibular de inverno de 2016, o comando contribuiu fortemente para isso, pois já apresentava ao aluno a posição que ele precisaria tomar, a de defesa à necessidade de empatia.

Nesse conjunto de redações classificadas como ótimas, as (im)possibilidades da autoria nas condições de produção de 2016 se relacionam ao fato de

a) o comando da prova dificultar a produção de um evento interpretativo, de modo que o aluno pudesse tornar-se sujeito do seu próprio gesto de interpretação. O comando já oferece a posição que o sujeito deve ocupar, é o vestibular que apresenta o sentido *autorizado* de cada texto, para que, em seguida, o aluno possa dizer estes mesmos sentidos em seu texto (PFEIFFER, 1995);

b) também, no caso do vestibular, o gesto de leitura do tema previsto pela banca e uma estrutura composicional esperada imobilizarem as possibilidades de o sujeito construir o seu próprio processo de produção de sentidos;

c) a instauração de um dado indício de autoria emergir, de forma bastante pontual, em algumas redações, nas quais o sujeito imprime ao texto uma singularidade na forma como organiza outras vozes ou mobiliza uma história de leitura que foge ao texto da coletânea.

4.2 REDAÇÕES MÉDIAS

Analizamos as redações médias (ANEXO B) buscando regularidades.

4.2.1 Caracterização dialógica das redações médias

A quantidade de redações que explicitaram a posição social (quadro 19) caiu 35%, se compararmos com as redações ótimas.

Dentre as redações médias, encontramos uma redação que explicitou a esfera de circulação, o gênero e a finalidade no trecho: “fui convidada por, esse, digo, este jornal de grande circulação para escrever um artigo sobre a importância de as pessoas serem empáticas como forma...” (Redação 6M).

A esfera de circulação, o gênero e a finalidade são apresentadas no comando para nortear o candidato no momento da produção, mas elas não precisam ser retomadas explicitamente no texto, como aconteceu na redação 6M.

Quadro 19. Marcação explícita das condições de produção nas redações médias

Categorias	Comando	Redações	Porcentagem
Posição social do autor	Psicólogo (a) (especialista em comportamento humano)	10	50%
Assinatura	Colaborador ou Colaboradora	15	75%
Interlocutor	Leitores do jornal de grande circulação		
Suporte textual	No mínimo 10 e no máximo 15 linhas do jornal	1	
Circulação social/esfera	Jornalística		

Das 20 redações médias analisadas, 17 optaram pelo uso da primeira pessoa do discurso e 13 apresentaram título. Percebemos que apenas 50% das redações apresentaram a posição social explícita, isso desvaloriza as redações porque para esta vertente teórica a posição social do autor está relacionada à autoria.

[...]a posição social do autor é definida através de marcas linguístico discursivas expressas no texto produzido. O produtor de um enunciado demonstra sua autoria no instante em que assume aquilo que expõe, demonstrando sua subjetividade e seu modo de perceber o assunto abordado (MENEGASSI, 2011, p. 3).

Os enunciados produzidos refletem os discursos dos outros, por isso, muitas vezes, é difícil perceber a opinião do autor. Para Menegassi (2011), a escrita é moldada de acordo com a situação social. É a situação social que determina a ideologia e a expressão do grupo social.

4.2.2 Análise discursiva das redações médias

Tentamos categorizar as redações médias, utilizando os mesmos grupos das redações ótimas,²⁹ mas houve a necessidade de criar um novo grupo, porque nem todas as redações consideradas médias foram produzidas de acordo com o comando, consequentemente, não produziram o gênero Artigo adequado para esse contexto. Apenas 50% das redações explicitaram o papel social solicitado no comando, o que nos leva a refletir sobre as causas desse silenciamento, já que “o incompleto da linguagem é o lugar do possível, é condição do movimento dos sentidos e dos sujeitos. É na incompletude que inscrevemos a questão do silêncio, e, por esta via, a da interpretação como movimento” (ORLANDI, 2004, p. 71). Essa omissão da posição social, nesse caso, a de psicólogo, pode estar relacionada ao fato de o Artigo de opinião, na circulação social, não apresentar tal informação no corpo do texto. Outra possibilidade é considerar a redação e o comando de produção como um único texto, sendo assim, tornar-se-ia desnecessário mencionar a posição social no texto produzido, já que ela está explícita no comando.

Com efeito, falar em posição social, a nosso ver, se relaciona ao que a AD entende como lugar social. Na AD, é preciso separar o indivíduo empírico que ocupa um lugar social (professor, operário, jornalista, por exemplo) da noção de sujeito. Na AD, não se opera com o sujeito empírico fonte de um dizer (sujeito livre, centrado), mas sim com a posição sujeito projetada no discurso. O sujeito de Bakhtin é um sujeito que tem um intuito ou uma vontade enunciativa, ao passo que o sujeito da AD é um descentrado, tem a ilusão da completude, mas é pego na linguagem.

²⁹ As redações que se aproximam da dissertação, as redações que apresentam diálogo com o leitor e as redações que apresentam singularidades.

Assim, nos perguntar pela posição é considerar que lugar social ocupa o jornalista/de que lugar ele fala para que o seu dizer produza um efeito-verdade? No caso deste vestibular, é interessante nos perguntar, especificamente, de um psicólogo colaborador-convidado que escreverá em um jornal amparado pela instituição e por uma legitimidade de seu exercício profissional. Desse modo, podemos considerar a eficácia de um imaginário em que o seu dizer tem legitimidade (se o psicólogo foi convidado deve ter uma imagem relacionada ao sucesso e a um suposto conhecimento na área).

No funcionamento do discurso jornalístico, o jornalista ou profissional convidado evidentemente é reconhecido como especialista ou conhecido pelo grande público. E, quanto ao aluno-adolescente, que lugar social ele ocupa? Qual é o imaginário discursivo que circula sobre as redações produzidas em contexto de vestibular?

Além disso, como se dá o processo em que o sujeito aluno “simula” falar de um lugar que não ocupa (não é psicólogo) e também se posiciona no discurso, se reconhecendo em um sentido sobre a empatia – se filiando a um saber discursivo em que pode não se reconhecer?

As redações médias que apresentam a posição/lugar social produziram trechos problemáticos em termos de efeito de coerência e coesão, pois a posição/lugar social aparece sem fazer relação com o que está sendo dito no texto e isso interfere na autoria, já que é do autor que se exige:

coerência; respeito aos padrões estabelecidos, tanto quanto à forma do discurso como às formas gramaticais; explicitação; clareza; conhecimento das regras textuais; originalidade; relevância e, entre várias coisas, “unidade”, “não contradição”, “progressão” e “duração” do seu discurso (ORLANDI, 1988, p. 78).

Esses candidatos, provavelmente, consideraram que o seu interlocutor será um professor de Língua Portuguesa que terá de ler dezenas de redações no mesmo dia e, por isso, preferiram não confiar no implícito e materializaram a posição/lugar social. Apresentamos, a seguir, um excerto do texto 12M para exemplificar.

Quadro 20. Redação 12M

Mudança urgente
 “Menina de 16 anos sofre estupro coletivo de 33 homens”. Todos ficamos chocados com tal notícia não é? **Como psicóloga e especialista em comportamento humano, confesso que não consigo entender tal, digo, tamanha brutalidade.** Sabe o que é pior? É que estamos inseridos nessa sociedade egocêntrica e narcisista, a qual não é capaz de enxergar o lado do outro. [...]

Destacamos, em negrito, a parte em que a posição/lugar social é mencionada. Nesse contexto, observamos que é possível retirar essa parte sem que o efeito de sentido do texto seja alterado. Isso acontece porque esse trecho está “solto” na redação; ele não estabelece qualquer relação de sentido com as informações anteriores nem com as posteriores. Considerando que o comando delimita quinze linhas para o candidato escrever um Artigo de opinião, o trecho em negrito o fez “perder” uma linha de argumentação; além disso, esse trecho produziu uma quebra na maneira como a argumentação estava sendo construída.

Destacada a diferença da marcação da posição/lugar social nas redações ótimas e nas médias, prosseguimos com a análise. Analisamos as redações médias, utilizando os mesmos grupos de redações estabelecidos anteriormente: redações que se aproximam da dissertação, que apresentam diálogo com o leitor e que apresentam singularidades. No primeiro grupo, enquadrámos as redações 1M, 3M, 4M, 6M, 7M, 9M, 10M, 11M, 13M, 15M, 16M, 19M e 20M; no segundo, as redações 2M, 5M, 8M, 12M e 18M. Durante o processo de análise, percebemos a existência de redações com características que remetem a outros gêneros. Então, considerando o contexto do vestibular e os gêneros que podem ser produzidos nesse contexto, criamos um grupo para as redações que apresentam resíduos de outros gêneros. Nós utilizamos o termo ‘resíduo’ porque nenhuma redação classificada como média produziu, por exemplo, uma carta do início ao fim; o que encontramos foram fragmentos que nos remetem ao gênero Carta da maneira que é solicitada no vestibular. O fato de uma redação possuir resíduos de outros gêneros não impossibilita que ela tenha diálogo com o leitor ou que tenha uma proximidade com o texto dissertativo-argumentativo.

Foram consideradas redações que apresentam resíduos de outros gêneros e identificadas da seguinte maneira: 7M, 8M, 13M, 14M, 16M e 17M. Os resíduos encontrados, que estão apresentados no quadro 21, foram dos gêneros Carta e Resumo. A redação 14M se aproximou de um resumo porque o sujeito-candidato produziu um texto curto, apenas com informações presentes no texto de apoio; a redação 17M é maior, mas também está explicitamente ligada ao texto de apoio. Para Mendonça (2016, p. 282), comentar a fala do outro, discutindo o texto de apoio, “é oportunidade para o candidato se esquivar e não apresentar outros pontos de vista”. O ideal seria que o candidato incorporasse o enunciado do texto de apoio e produzisse o seu, realizando assim o “[...]movimento fundante do sujeito, o de reprodução\transformação” (GALLO, 2008, p. 59).

Já as redações 7M, 8M, 13M e 16M apresentaram, no fim do texto, uma despedida seguida da assinatura; essa composição faz parte da estrutura de uma carta, não de um Artigo

de opinião. A carta de reclamação, por exemplo, é encerrada com saudação final (despedida), assinatura e identificação do emissor (BARROS, 2012).

Quadro 21. Redações médias que apresentam resíduos de outros gêneros

Redação	Trecho	Gênero
7M	Grata, Colaboradora	Carta
8M	Atenciosamente, Colaboradora	Carta
13M	Atenciosamente, Colaboradora	Carta
14M	Segundo a revista Vida Simples [...]	Resumo
16M	Grata pela atenção. Colaboradora	Carta
17M	Segundo Roman [...] segundo o americano Lauren [...] como diz Krznaric [...]	Resumo

Fonte: A autora.

Agora, analisaremos as redações consideradas médias com foco nos mecanismos do domínio dos processos textuais, nos quais o sujeito-vestibulando marca a sua prática de autor, para produzir uma unidade com coerência, com não contradição, com clareza, responsabilizando-se pelo seu dizer. Não realizamos essa análise nas redações ótimas, porque foram raros os deslizos encontrados nos níveis morfossintático e fonológico, impedindo o estabelecimento de regularidades.

Já nas redações médias, fazemos uma análise mais minuciosa, com o intuito de detectar quais mecanismos nos níveis textual, fonológico e morfossintático são utilizados no texto.

No nível textual, investigamos se o candidato produz um Artigo de opinião adequado³⁰ ao contexto de vestibular.

No fonológico, observamos se o candidato compreende as diferenças entre os grafemas e os fonemas; se consegue identificar as letras do alfabeto; se apresenta problemas de ortografia, tendo em mente um imaginário da língua culta.

No nível morfossintático, analisamos se os candidatos fazem uso de recursos de coesão, de concordância, de regência, de colocação pronominal, de pontuação e de conectores de maneira adequada. Para observarmos esse nível, denominamos como adequadas as

³⁰ Descrevemos o que é um Artigo de opinião adequado no Capítulo 2, na seção *A estrutura composicional do artigo de opinião no vestibular*.

construções que seguem as regras da gramática normativa, considerando que se trata de um processo seletivo.

Como essa análise ficaria muito extensa caso descrevêssemos esses três níveis nas 20 redações classificadas como médias, optamos por mencionar apenas as características que se destacaram em cada redação, apresentando algumas redações completas para exemplificar. As redações consideradas médias pela CVU estão transcritas na íntegra no anexo B.

A redação 1M apresentou repetições de palavras, o que interferiu na produção de um efeito de unidade e de progressão do texto. Por exemplo, o verbo ‘ser’ apareceu 10 vezes e a palavra ‘melhor’ apareceu 3 vezes em menos de 5 linhas. No nível textual, essa redação não apresentou características que foram solicitadas no comando, como o título e o papel social de psicólogo.

A redação 2M não apresentou problemas de coesão e de coerência, mas também não desenvolveu uma argumentação. O texto começa provocando uma reflexão que poderia gerar uma tese e a argumentação, mas isso não acontece, prejudicando o nível textual. Destacamos um trecho da redação 2M, no qual se materializa a relação de paráfrase entre as formas verbais: “*Ouvimos*, ou melhor, *ouve-se* sempre o discurso de que ‘cada um é cada um’, mas talvez esse pensamento torne as pessoas extremamente egoístas”. A princípio, a oscilação entre uma forma (*ouvimos*) e outra (*ouve-se*) pode produzir um efeito de que se trata apenas de uma opção textual, porém, ao selecionar “*ouve-se*” no lugar de “*ouvimos*”, o sujeito-candidato está optando pelo uso da terceira pessoa do discurso em seu texto. Levantamos duas possibilidades para que tal substituição acontecesse: 1.^a) o imaginário discursivo que o candidato possui do gênero o estabelece em terceira pessoa, ou seja, para o candidato, um artigo de opinião deve ser “impessoal” e com tom objetivo; 2.^a) o sujeito-candidato não vê a possibilidade de escrever um texto adequado à norma culta em primeira pessoa, pois há um discurso que relaciona o uso da primeira pessoa com uma linguagem mais informal, enquanto o uso da terceira pessoa é relacionado à linguagem formal.

A repetição volta a aparecer na redação 3M; dessa vez, a palavra ‘se’ foi repetida 5 vezes. No nível fonológico, encontramos a palavra “*cituação*” na qual houve a troca do S pelo C e a palavra “*analar*” na qual houve a troca do S pelo Z.

Na redação 4M (Quadro 22), percebemos uma certa instabilidade no uso da 1.^a pessoa e no da 3.^a. Em alguns momentos, o candidato escreve na primeira pessoa do plural, “*nos deixa sedentos*”, “*nos incapacita*”, e, em outros, ele se distancia, usando a terceira pessoa, “*o ser humano tornou-se imune*” e “*compreender e colocar-se*”. No nível morfossintático, encontramos algumas falhas motivadas por omissões de palavras: no trecho “*colocar-se no*

próximo”, percebemos que, para produzir um efeito de sentido, seria necessária a inclusão da palavra ‘lugar’, assim, o mesmo trecho ficaria: “colocar-se no lugar do próximo”. A redação apresentou as características solicitadas no comando (título, posição social e assinatura), mas, devido à instabilidade e à omissão de palavras mencionadas anteriormente, o nível textual foi prejudicado.

Quadro 22. Redação 4M

Empatia, o artigo de luxo Um fato em nossa sociedade: a carência de sentimentos. O ser humano tornou-se imune ao outro de modo que o individualismo transcende a educação e o respeito e nos deixa sedentos de uma convivência mais real. Há a necessidade de reconhecer, compreender e colocar-se no próximo. Como psicóloga a profissão me proporciona outra perspectiva das pessoas tenho percebido na minha pesquisa a dificuldade que muitas possuem em expressar pensamentos. A falta dessa habilidade é refletida nas relações superficiais e distantes. Não decifrar as próprias emoções nos incapacita diante de outro indivíduo. Somos capazes de transformar essa realidade? A instantaneidade das informações é um fator responsável pelo egoísmo construído. Sentimentos de compaixão e amor fraterno são inexistentes. Na França e na Bélgica, o terrorismo evidenciou as relações líquidas e ausência de respeito dos agressores. A empatia é precária no meio social. Assim que houver consciência que essa capacidade é necessária ao desenvolvimento de uma convivência harmoniosa, o mundo será um lugar mais prazeroso e digno. Colaboradora
--

No nível textual, a redação 5M se aproxima do que é esperado para um artigo de opinião nesse contexto (apresenta título, assinatura e argumentos). Já no nível morfossintático, houve algumas falhas de concordância “Aos nos colocar” e no emprego do acento grave indicativo de crase “desde discussões à roubos”.

A redação 6M (Quadro 23) apresenta a esfera de circulação, o tema e a tese explícitos no texto³¹. Ao apresentar essas informações no texto, o candidato prejudica a instauração de um efeito-texto, porque, primeiro, as redações consideradas ótimas não apresentaram essas informações no texto, então, não eram necessárias; segundo, o espaço ocupado com essas informações poderia ter sido usado para fortalecer a argumentação.

³¹ Como já apresentamos na seção 4.2.1 *Caracterização dialógica das redações médias*.

Quadro 23. Redação 6M

O ser humano, deve ser humano “Coloque-se no lugar dele”, “adote o ponto de vista do outro”, “seja mais humano”. Essas são algumas das frases que mais ouvimos quando o tema é empatia. Como psicóloga e especialista em comportamento humano e que dirige atuam, digo, atualmente uma pesquisa sobre empatia, fui convidada por, esse, digo, este jornal de grande circulação para escrever um artigo sobre a importância de as pessoas serem empáticas como forma de melhorar suas vidas e de transformar o mundo colocando-se no lugar do outro. Apenas o fato de vivermos em uma aldeia global, é suficiente para que o exercício da empatia tornar-se um pré-requisito para uma boa convivência? É claro que sim. A ideia de que a empatia não é uma forma de melhorar suas vidas e de transformar o mundo é generalista, simplista e ingênua. É visível que somos interdependentes. Vivemos em uma sociedade orgânica e globalizada. Não é a ciência que irá transformar o mundo, mas sim “o braço estendido” para o outro, para as diferenças e não apenas para o próprio umbigo. Pesquisas comprovam que ser empático, melhora a qualidade de vida, afinal estamos todos ligados. “O ser humano deve ser humano”, exercendo a empatia. Colaboradora.

No nível textual, a redação 7M evidenciou falhas ao apresentar uma despedida, “grata”, antes da assinatura, característica que não apareceu nas redações consideradas ótimas. Além disso, o texto não apresentou menção a outros autores, tampouco relatos exemplificando a importância da empatia, o que tornou a argumentação frágil.

A redação 8M não apresentou título, como era solicitado no comando, e apresentou despedida, que não é característica desse gênero, causando falhas no nível textual. No nível fonológico, não encontramos falhas relevantes.

No nível textual, a redação 9M defende a empatia, mas não apresenta uma tese que norteie a produção, o que prejudica o efeito de unidade do texto em termos do que se espera da apropriação do gênero textual solicitado. A redação não apresenta o título, o que também a desconfigura como um artigo de opinião. No nível morfosintático, percebemos a falta de conectivos para relacionar os sentidos e o uso do acento grave indicativo de crase em situações que contrariam as regras impostas pela gramática normativa, como “a fim de melhores condições à outros”.

A redação 10M (Quadro 24) não apresentou a assinatura solicitada – Colaborador ou Colaboradora–; em vez disso, colocou-se na posição social de colaboradora no fim do texto: “Este é o meu desejo como colaboradora, e o seu qual é?”. Anteriormente, o candidato já havia se marcado na posição de psicólogo especialista em comportamento humano, como vemos no trecho: “[...] como analisadora de comportamento humano, vejo [...]”. Essas duas marcações de posição social não provocam incoerência porque o autor pode ser psicólogo e ser colaborador de uma revista, de um jornal ou de um site ao mesmo tempo. A “falha” ao

responder ao comando de produção provavelmente foi provocada pelo deslize no sentido de colaborador. Colaborador/Colaboradora, no comando, é apresentado/a como possibilidade de assinatura, inclusive com letra maiúscula, produzindo o efeito de sentido de que a palavra Colaborador/Colaboradora é para ser usada como se fosse um nome próprio. Na redação, o candidato apresenta ‘a colaboradora’ como posição social assumida – chegamos a essa conclusão porque não é possível substituir colaboradora por um nome próprio, por exemplo: “Este é o meu desejo como Maria, e o seu qual é?”. Esse tipo de organização textual não produz sentido. Esses fatores interferiram na produção de um artigo de opinião, conforme era esperado nesse contexto, interferindo no nível textual.

O candidato fortalece seu argumento utilizando Durkheim, na segunda parte do seu texto, produzindo um efeito de que tudo o que foi apresentado antes foi “criado” pelo próprio candidato, porque “(...)ao localizar o outro em um ponto do discurso, o locutor institui o resto do discurso como originário dele”(PERES; GRECO, 2014,p.194). Assim, todos os outros “autores” presentes no texto ficaram silenciados.

Quadro 24. Redação 10M

O mundo está violento, agressivo, desumano... e se todos fossem mais empáticos?! A empatia é uma solução para a sociedade atual. As pessoas precisam pensar umas nas outras, se colocar no lugar do próximo seria suficiente, para um estuprador por exemplo, ou será que ele gostaria de ver o próprio filho sendo violentado... com certeza não, mas é o que muitos deles fazem com as vítimas! Talvez essa nova iniciativa contribua para o bem do planeta e melhore a vida de todos. O homem necessita de mais Humanidade! A população está cansada de ser atacada, violada todos os dias, falta amor e principalmente solidariedade, como afirmou Durkheim, esses fatos agravantes geram patologias no corpo social, prejudicando todo o funcionamento de uma rotina ideal, é urgente a necessidade de se estancar essa “ferida”, como analisadora de comportamento humano, vejo o futuro ideal, caso haja transformação no pensamento dos homens, na parceria mútua de todos, ousa ainda dizer: “a união faz a força”, união saudável obviamente. Este é o meu desejo como colaboradora, e o seu qual é?!
--

No trecho “ousa ainda dizer”, na redação 10M, o sujeito-candidato, em meio ao texto, avalia como ousado o que dirá na sequência, produzindo o efeito de sentido de que será dito algo inovador ou polêmico; na verdade, ele menciona um discurso já conhecido por todos, ou seja, “no clichê o sujeito encontra a referencialidade segura” (PFEIFFER, 2000, p. 20).

Na redação 11M, percebemos uma recorrência que indica um possível estilo do autor. Tanto no início do primeiro quanto no do segundo parágrafo, o autor elenca exemplos ou fatos para depois definir o que se trata. No primeiro parágrafo, encontramos: “Chegar em casa, deitar no sofá, ligar o noticiário. Essa simples rotina [...]”, sendo que o mais comum é

começar pelo conceito para depois exemplificar. Se esse mesmo trecho fosse produzido de maneira mais tradicional, ficaria mais ou menos assim: ‘a simples rotina de chegar em casa deitar no sofá e ligar no noticiário’. O mesmo acontece no início do segundo parágrafo: primeiro, são apresentados os fatos para depois mostrar o que eles têm em comum – “Guerras, conflitos ou simples disputas judiciais, a complexidade dos fatos varia, mas todas se resolveriam ou ao menos se remediariam com uma dose diária de empatia entre as pessoas.”. No nível textual, percebemos que a redação 11M apresentou título, assinatura (na parte superior do texto) e o autor se marcou como uma pessoa que estuda e trabalha na área de psicologia, o que, a grosso modo, era esperado nesse contexto.

Palavras como “precisamos” e “intorência” foram encontradas na redação 12M; atribuímos esses desvios ao nível fonológico. No nível morfossintático, destacamos o trecho “*precisamos, de forma urgente, mudarmos nossa postura[...]*”, no qual o candidato substitui a normal culta “precisamos mudar” por “precisamos mudarmos”; muito provavelmente, o termo intercalado, “de forma urgente”, na locução verbal provocou tal desvio. Quanto ao nível textual, essa redação está próxima ao que é esperado para esse contexto, apresentando título, posição social e assinatura. O fato de a tese aparecer explicitamente apenas no fim do texto atrapalhou a organização da argumentação.

Na redação 13M, a produção do gênero ficou prejudicada porque a posição social solicitada no comando não foi apresentada, a tese está diluída e o último parágrafo traz verbos no imperativo, “se importe, desenvolva” e “não se esqueça”, o que nos remete aos gêneros de caráter instrucional. O texto apresenta uma despedida, o que é comum em gêneros com uma circulação restrita entre autor e leitor, como uma carta pessoal ou um e-mail.

O nível textual da redação 14M (Quadro 25) não estava adequado porque não apresentou papel social e assinatura. Outro fator que influenciou no nível textual foi a repetição. A palavra “próximo” apareceu quatro vezes no texto e o verbo “ter” três vezes em apenas duas linhas. No nível fonológico, encontramos a palavra “proximo” representada dessa maneira em três ocasiões e a palavra “tivessemos”, que também não foi acentuada.

No nível morfossintático, percebemos que uma parte não produz sentido porque não conseguimos localizar quem o pronome está retomando, assim, não conseguimos detectar o sujeito, em itálico, no trecho: “Segundo a revista Vida Simples, empatia é compreender o sofrimento do próximo, *ou a alegre que ele se sente colocando no lugar do outro.*”. O trecho destacado não produz sentido, considerando todo o período produzido pelo candidato; esperava-se uma complementação da definição de empatia, assim, haveria continuidade ao que foi dito antes da vírgula. Como a redação 14M apresenta várias menções ao texto de

apoio, nós buscamos, nele, uma explicação para a produção desse trecho “confuso”. Percebemos que, no sexto parágrafo do texto *Pelo seus olhos eu vejo*, há um período que apresenta uma construção muito parecida: “Compreender o sofrimento ou a alegria que ele sente, colocando-se no lugar do outro, não implica o desejo de ajudá-lo.”. O candidato trouxe algumas informações do texto de apoio, mas não conseguiu reorganizá-las para produzir o seu próprio texto.

Quadro 25. Redação 14M

Empatia é uma ação muito importante para a sociedade.

Segundo a revista Vida Simples, empatia é compreender o sofrimento do próximo, ou a alegria que ele sente colocando no lugar do outro.

Se ao mínimo cada um de nós tivéssemos, empatia com o próximo, teríamos uma sociedade melhor ter empatia e ter um olhar de compreensão do próximo e por segundo ter simpatia de ver o outro bem.

Precisamos necessariamente praticar essa ação, que não é muito difícil mais requer cuidado ao analisar e julgar ao nosso próximo na primeira vista.

Ao observar o nível textual da redação 15M (Quadro 26), constatamos a presença do título e da posição social, características que contribuíram para considerar essa redação como um artigo de opinião; ela, entretanto, não apresentou a assinatura, que foi solicitada pelo comando, sendo assim, o nível textual ficou falho. No nível morfossintático, há trechos que apresentam problemas, como em “é preciso se libertar **para do** egoísmo. Ajudar ao próximo é comprovado por estudos que **faz para** a saúde”. No primeiro trecho destacado em negrito, percebemos duas palavras ocupando a mesma função sintática; provavelmente, o candidato percebeu que, nessa ocasião, a palavra “do” (preposição mais artigo) seria mais adequada que “para” (preposição). Percebemos que o segundo trecho em negrito está incompleto: faz o quê para a saúde? Considerando que a redação está defendendo a empatia, somos levados a deduzir que “faz **bem** para a saúde”, mas isso não ficou explícito na redação.

Quadro 26. Redação 15M

“Coloque-se no meu lugar”

A capacidade de compreender o sentimento ou o ponto de vista do outro é extremamente necessário para uma sociedade, o que infelizmente está escasso, nos dias atuais.

Como psicóloga especialista em comportamento humano, analiso muito o cotidiano das pessoas, e vejo o trágico “mundinho das mentes fechadas” que estamos vivendo. É preciso se libertar para do egoísmo. Ajudar ao próximo é comprovado por estudos que faz para a saúde.

Ser uma pessoa empática é a rara capacidade de saber se colocar no lugar do outro, conseguir sentir o que as pessoas têm a nos ensinar.

Todos passam nas nossas vidas por algum motivo, e sempre nos ensinam experiências novas, saiba aproveitar as chances da vida.

A redação 16M (Quadro 27) apresenta título, assinatura e posição social conforme o esperado para o artigo de opinião nesse contexto. A redação, porém, apresenta um trecho antes da assinatura que pode ser visto como uma despedida “Grata pela atenção”, o que não é comum nos artigos de opinião em contexto de vestibular nem nos em circulação social. Percebemos, também, que houve a repetição da palavra sociedade, que aparece quatro vezes no segundo parágrafo. No primeiro parágrafo, não houve repetição de palavras, mas de expressões que produzem o mesmo efeito de sentido, como “dias de hoje” e “nossos dia-a-dia”. Essas repetições, como já mencionamos, atrapalham a construção da argumentação, isto é, fazem o texto “patinar”, descaracterizando-o como artigo de opinião.

Quadro 27. Redação 16M

A importância da empatia nos dias atuais

Nos dias de hoje, pouco tem se falado da importância da empatia em nossos dia-a-dia, porém, porém mo, digo, mais do que nunca este assunto precisa se tornar presente em nossas vidas, vejo como psicóloga essa necessidade.

A empatia leva a simpatia, ações que, se fazem, nes, digo, necessárias na atual sociedade individualista em que vivemos. A comunidade LGBT, negros, mulheres e outras minorias vem ganhando espaço em nossas sociedade, e para que sejam de fato tratados como iguais, a empatia precisa ser colocada em prática.

Outro fato também ligado a isso é o de que, quando somos empáticos uns com os outros a sociedade se torna um lugar melhor, onde cada um pode expressar sua liberdade individual e onde um é capaz de ajudar o outro sem querer nada em troca. Resta que, haja conscientização e que cada um faça sua parte no mundo, para termos assim uma sociedade, um mundo cada vez melhor.

Grata pela atenção.
Colaboradora

No nível textual da redação 17M (Quadro 28), constatamos que o texto apresentou assinatura e posição social, bem como uma argumentação em defesa da empatia; não apresentou, porém, o título, que é uma característica desse gênero. Observando a construção da argumentação, percebemos que a redação apresenta trechos ligados diretamente ao texto de apoio. Apresentamos, como exemplo, o primeiro período da redação, “Quantas vezes dizemos uns aos outros ‘coloque-se no meu lugar’ ou ‘coloque-se no lugar dele’”, que se aproxima muito a “Quantas vezes dizemos: ‘Coloque-se no meu lugar’ ou ‘coloque-se no lugar dele?’”, presente no texto de apoio. No decorrer da redação 17M, o autor explicita que as informações

apresentadas na sua redação são do texto de apoio. Isso é marcado linguisticamente nos trechos: “segundo Roman Krznaric”, “segundo o americano Lauren Wispe” e “e como diz Krznaric”; esses nomes foram citados no texto de apoio. De maneira geral, devido às repetidas menções ao texto de apoio e à ausência de um título, essa redação se aproxima do gênero Resumo escolar. O autor dessa redação não organizou o seu texto a partir de outras vozes (explicitamente); ele organizou apenas as vozes que já estavam no texto de apoio, acrescentando a posição social que lhe foi solicitada no comando. No nível morfossintático, percebemos a ausência de vírgulas e a presença do “porque” em uma situação que, de acordo com a gramática normativa, deveria ser grafado “por que” por estar em uma pergunta.

Quadro 28. Redação 17M

Quantas vezes dizemos uns aos outros “coloque-se no meu lugar” ou “coloque-se no lugar dele”. Mas realmente fazemos isso na pratica? Como psicóloga e especialista em comportamento humano e recentemente fazendo uma pesquisa a qual fala sobre empatia. Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Mas porque devemos ser empáticos? Simples, para melhorar não somente nossa vida mas transformar o mundo segundo Roman Krznaric “O hábito de empatizar pode criar laços humanos que fazem valer a pena viver” e segundo o americano Lauren Wispe “A empatia é um modo de encontro com o outro”.

E como diz Krznaric nosso bem estar depende de sairmos do nosso proprio ego e entrarmos na vida de outros.

Colaboradora

Na redação 18M, a ausência de um título e a ausência da posição social podem desconfigurar o texto como um artigo de opinião adequado para esse contexto. No nível morfossintático, destacamos, em negrito, a repetição de pronomes, exemplificada no seguinte trecho: “Se todos **nós** buscarmos essas atitudes em **nosso** dia-a-dia despertaríamos em **nós** o **nosso** melhor, acarretando o bem do próximo”. Essa repetição poderia ser evitada com a reorganização do texto, já que todos os pronomes em negrito se referem à primeira pessoa do plural.

No nível textual da redação 19M, observamos que a posição social solicitada no comando aparece indiretamente no trecho “artigo que publiquei na Revista de Psicologia”; isso também aconteceu com a tese, interferindo no caráter argumentativo do gênero. Outro fator que afeta o nível textual é a ausência da assinatura solicitada no comando.

A redação 20M não apresenta título nem a posição social de psicóloga, o que desconfigura o gênero. O texto apresenta assinatura seguida da data “Colaboradora – 15 de maio de 2016”, o que não descaracteriza o gênero porque, na situação social, principalmente

na internet, tanto a data da publicação/postagem quanto a assinatura aparecem no artigo de opinião, mas, nas redações ótimas produzidas nesse vestibular, a marcação da data não aconteceu.

Ao analisar as redações consideradas médias, por meio de critérios dos níveis textual, fonológico e morfossintático, constatamos que a maior dificuldade dos candidatos está no nível textual. Chegamos a essa conclusão devido à presença de resíduos de outros gêneros que encontramos em 6 redações e à ausência do título em 35% das redações médias analisadas. A falta do título prejudica a configuração do texto como artigo de opinião porque o título serve para nortear a rarefação do discurso, ou seja, o título ajuda a delimitar o que pode e deve ser dito.

Enquanto analisávamos as redações, encontramos uma certa recorrência do uso da palavra “digo” para produzir uma paráfrase, isto é, dizer de outra maneira algo que já foi dito na redação (Quadro 29). A paráfrase, nesse caso, marca a relação entre duas formas, marca o esforço que o sujeito faz para se corrigir, escolher outra forma que, para ele, é mais adequada, o que se caracteriza como um efeito corretor na dimensão do texto, não como um jogo entre sentidos no/pelo discurso.

Quadro 29. Redações que apresentam reflexões da ordem do texto

REDAÇÃO		TRECHO
MÉDIAS	2M	<i>uma, digo, um</i>
	7M	<i>no, digo, do</i>
	6M	<i>atuam, digo, atualmente</i>
		<i>esse, digo, este jornal</i>
	9M	<i>popo, digo, populações</i>
		<i>ambas, digo, ambos</i>
	16M	<i>mo, digo, mais</i>
		<i>nes, digo, necessárias</i>
RUIM	19R	<i>devevam digo deveriam sem digo ser</i>

Fonte: A autora.

Ao analisarmos cada situação, constatamos que a palavra “digo”, na maioria dos textos analisados, foi utilizada pelo sujeito-candidato como uma maneira de corrigir o que foi escrito anteriormente. Apesar de ser uma reflexão sobre a escrita, acreditamos que essa “reflexão” do candidato está mais ligada ao texto do que ao discurso. Considerando o contexto do vestibular, no qual o candidato não pode rasurar nem usar corretivo na folha definitiva, o “digo” foi usado como um recurso para substituir a palavra ou a letra que o candidato julgou inadequada por outra.

Assim, as (im)possibilidades da autoria, nesse conjunto de textos, estão relacionadas a problemas/falhas na instauração de um efeito texto dentro das exigências de unidade, de progressão, de coerência, de coesão e de não contradição. Percebemos que o sujeito-candidato falha em produzir um efeito de homogeneidade textual, seja em termos de composição, na medida em que confunde dissertação e artigo de opinião, seja, quando esse sujeito, na autenticação, afasta-se mais do Discurso da escrita legítimo e se aproxima da oralidade (não legitimado) em virtude de repetições, omissões, hesitações e até mesmo falhas gramaticais.

4.3 REDAÇÕES RUINS

Começamos a análise das redações ruins (ANEXO C) com os mesmos critérios que analisamos as ótimas e as médias.

4.3.1 Caracterização dialógica das redações ruins

Neste grupo, encontramos a explicitação do gênero e da finalidade, destacamos a redação 4R que explicitou o gênero no trecho: “Venho por meio deste artigo relatar um ...” e a redação 18R que explicitou a finalidade no trecho: “sou formado em psicologia e irei argumentar a importância da empatia.” Em ambos os casos, o candidato não precisava explicitar essas informações. O candidato não precisava “avisar” que iria argumentar. O esperado era que ele produzisse um texto argumentativo sobre o tema.

Quadro 30. Marcação explícita das condições de produção fictícia nas redações ruins

Categorias	Comando	Redações	Porcentagem
Posição social do autor	Psicólogo (a) (especialista em comportamento humano)	4	20%
Assinatura	Colaborador ou Colaboradora	14	70%
Interlocutor	Leitores do jornal de grande circulação		
Suporte textual	No mínimo 10 e no máximo 15 linhas do jornal		
Circulação social/esfera	Jornalística		

Fonte: A autora.

A posição social aparece em apenas 20% das redações ruins, mostrando uma certa liberdade do candidato em relação ao comando. O número de redações que apresentam

assinatura continua alto (70%), provavelmente isso aconteceu porque o comando solicitou explicitamente a assinatura, assim, mesmo quem não conhece o gênero, mas leu atentamente ao comando, assinará a redação como colaborador/colaboradora.

4.3.2 Análise discursiva das redações ruins

Dentre as redações consideradas ruins, nós não conseguimos analisá-las utilizando as categorias das ótimas³² porque muitos textos já não configuram o gênero ou não produzem um sentido. Observamos que apenas 45% das redações ruins apresentam título, que é algo prototípico do artigo de opinião na circulação social.

O comando também solicitou que o candidato se colocasse como psicólogo, especialista em comportamento humano, mas isso aconteceu em apenas 4 redações deste grupo. Desse modo, pautando-nos em uma afirmação de Pêcheux que “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, a qual significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’” (PECHEUX, 2014, p.281), para alguns candidatos, não foi, de fato, possível falar/pensar do lugar do outro.

Neste grupo de redações, foram encontrados resíduos do gênero Carta(Quadro 31).

Quadro 31. Resíduos de outros gêneros nas redações ruins

Redação	Trecho	Gênero
2R	Caro colaboradores	Carta
6R	Atenciosamente, Colaboradora	Carta
18R	Londrina -PR, 13 de setembro de 2014	Carta
19R	Atenciosamente colaborador	Carta

Fonte: A autora.

O resíduo de carta apresentado na redação 2R nos remete ao que conhecemos como vocativo, “*aquele com o qual se está falando*” (HOUAISS; VILLAR, 2010, p. 808). Essa redação apresenta, na última linha, a assinatura com a palavra colaborador, provocando uma incoerência, pois como o autor conversa com o colaborador se ele é o colaborador? Se fosse um artigo de opinião em circulação social, poderia produzir um efeito de reflexão do autor com ele mesmo, dependendo de como o restante do texto fosse construído.

³² As redações que se aproximam da dissertação, as redações que apresentam diálogo com o leitor e as redações que apresentam singularidades.

As redações 6R e 19R apresentam a expressão “atenciosamente” antes da assinatura, que também é comum no gênero Carta, principalmente em situação mais formal. Já no gênero Artigo de opinião, essa despedida não acontece; geralmente, o nome do autor aparece antes do texto, em circulação social.

A redação 18R (Quadro 32) apresentou, dentro da organização composicional do texto, o local, a data e o vocativo que consideramos resíduos do gênero Carta. A guisa de exemplo, o vocativo “Caro leitores(a) do jornal Hoje” funciona como forma de diálogo com um possível leitor e, ao mesmo tempo, como uma resposta ao comando que solicita “escrever para um jornal de grande circulação”. Logo, o interlocutor do texto será o leitor do jornal. Observamos que o primeiro parágrafo foi destinado a responder ao comando, marcando o interlocutor “Caro leitores(a) do jornal Hoje”, a posição social do autor “sou formado em psicologia” e a finalidade/objetivo do texto “argumentar a importância da empatia”.

Quadro 32. Redação 18R

Londrina – PR, 13 de setembro de 2014

Caro leitores(a) do jornal Hoje, sou formado em psicologia e irei argumentar a importância da empatia.

O objeto da empatia é a compreensão e tem a característica de um modo de conhecimento, desenvolver essa qualidade seria excelente ao nosso futuro que teria pessoas mais compreensivas, educadas, generosas e afetivas. Atualmente vivemos em uma sociedade egocêntrica, onde a maioria das pessoas pensa só em si mesmo, desse modo sem as pessoas entender o ponto de vista do outro as pessoas acabam sendo autistas e alienados.

Devemos refletir sobre isso e ir em busca de uma melhor qualidade de vida em meio a sociedade.

Colaborador

À medida que os textos avançam, em termos de efeito-progressão textual, o que se tem é a materialização de afirmações calcadas no senso comum. Em relação aos processos textuais nos quais o sujeito-candidato marca a sua prática de autor, destacamos, nos textos analisados, uma regularidade atinente a falhas na mobilização de recursos linguísticos responsáveis pela coesão, o que implica em problemas na instauração da coerência textual ou de um efeito-homogeneidade.

Se o autor se constitui à medida que o texto se configura (LAGAZZI, 2006), a autoria exige justamente esse esforço empreendido pelo sujeito no sentido de se colocar como origem do dizer e de fazer do dizer algo imaginariamente “seu”, com começo, meio e fim. Assim, a (im)possibilidade de autoria no vestibular se dá nas condições nas quais o sujeito-candidato falha nessa organização de um projeto de texto.

No quadro 33, apresentamos a redação 16R que foi produzida em apenas em um parágrafo e em um único período, ou seja, o(a) candidato(a) utilizou apenas vírgulas no seu texto, na maioria dos casos, antes dos conectivos. O texto abordou o tema solicitado no comando, defendeu a tese, mas apresenta um problema que se desdobra na não efetivação da autoria. O texto, devido à repetição das palavras, “patina”, prejudicando o efeito de unidade e de fecho. As falhas na instauração da coesão como recurso prejudicaram a explicitação do nexos linguístico.

Além disso, o sentido está inacabado, ou seja, o texto não produz um efeito fecho. Para Gallo, (2012), é o efeito que faz parecer ‘único’ e ‘transparente’ o que é múltiplo e ambíguo. Ora, se o Discurso da Escrita exige um efeito de sentido de unidade, de ‘fecho’, de legitimidade e de prestígio (GALLO, 2012), podemos considerar que os textos produzidos deixam os sentidos em aberto, não conseguem conter a deriva. Acreditamos que um texto em que os sentidos ficam soltos pode ser sintoma de um sujeito que falou sobre um assunto que não lhe faz sentido. O sujeito não tem segurança ou o seu conhecimento é vago para abordar o tema a ser discutido. Dessa forma, em sintonia com Pfeiffer (1995), o sujeito é colocado à margem do funcionamento dos sentidos.

Quadro 33. Redação 16R

Atualmente o número de pessoas que se coloca no lugar de outras pessoas e bem pequeno, o que deveria ser o contrário, pois a empatia é um tipo de conhecimento que além de ajudar pessoas esse O, digo, conhecimento pode ser utilizado em situações parecidas além disso as pessoas que se colocam no lugar de outras para resolver um problema acaba conseguindo criar laços de amizade, pois quando uma pessoa está enfrentando um problema ela não consegue achar uma solução, pois as pessoas acabam entrando em desespero e não conseguem parar de pensar no problema, já uma pessoa que se colocou no lugar do outro ela tem uma maior facilidade de achar uma solução, porque, a pessoa não fica desesperada para achar uma solução, pois nada vai acontecer há ela, além disso as pessoas conseguem adquirir conhecimentos de situações problemáticas, além de conseguir ajudar pessoas, que acabará criando laços de amizade que se o número de pessoas que se coloca no lugar das outras aumentar, o número de conflitos vai diminuir.
--

Ainda abordando a redação 16R, as palavras e as expressões que apresentaram maior número de repetição foram pessoas (11 vezes); problemas/problemáticas (4 vezes); se colocar/colocou/colocam no lugar do outro/das outras/de outras (4 vezes); pois (4 vezes); além (4 vezes); achar uma solução (3 vezes). Além disso, essa redação não apresenta título, que é prototípico do gênero, nem assinatura que foi solicitada no comando, de modo a

desconfigurar o texto como artigo de opinião, segundo os critérios apresentados no Manual do Candidato.

Com efeito, problemas no emprego da coesão referencial em que o sujeito falha por não utilizar outro termo/expressão/pronome para produzir a retomada ou a recategorização do referente são recorrentes nesse grupo de redações. Se a coesão não se manifesta linguisticamente, a coerência também fica prejudicada.

Ao ter em vista as redações analisadas, quanto aos mecanismos nos quais o sujeito marca a sua posição como autor, ressaltamos que a autoria jogará justamente com um processo no qual o sujeito-candidato se constitui na contradição entre se colocar como um autor, assumindo o controle de um dizer, no jogo entre a dispersão e o fechamento do dizer. O que notamos nos textos analisados é uma dificuldade em produzir um concerto polifônico, de modo a conter a deriva e os resíduos de outros gêneros (autenticação) e instaurar um fecho com contornos finitos (legitimação).

4.4 REDAÇÕES ZERADAS

De acordo com o Manual do Candidato, as redações que não atingem 24 pontos são desclassificadas/zeradas. Entre essas redações, analisamos os possíveis motivos para receberem a nota zero.

4.4.1 Caracterização dialógica das redações zeradas

Dentre todas as redações analisadas, as redações zeradas (ANEXO D) formam o grupo que apresentou o menor índice de redações com título e com assinatura. Nenhuma redação desse grupo mencionou o texto de apoio mostrando certa autonomia destes candidatos.

Como mencionamos no capítulo 1, os critérios para a correção das redações do vestibular são divididos em 2 grandes grupos, os quais, por sua vez, são subdivididos com o objetivo de que todos os professores que compõem a banca de correção utilizem os mesmos critérios e atribuam notas parecidas.

Assim, as características descritas, aqui, como parte integrante do comando de produção, são, provavelmente, o que serão analisadas no texto do candidato.

Ao analisar a posição social do autor presente nas redações zeradas, constatamos que 8 redações apresentaram a marcação da posição social (Quadro 34), sendo que 4 se marcaram

como psicólogo(a), 2 como colaborador(a) e 2 como pesquisador(a). Não podemos considerar que essas marcações estão inadequadas porque o comando permite essas possibilidades, mas, nas redações consideradas ótimas, o autor reunia as funções de psicólogo, pesquisador e colaborador.

Quadro 34. Marcação explícita das condições de produção fictícia nas redações zeradas

Categorias	Comando	Redações	Porcentagem
Posição social do autor	Psicólogo (a) (especialista em comportamento humano)	8	40%
Assinatura	Colaborador ou Colaboradora	9	45%
Interlocutor	Leitores do jornal de grande circulação		
Suporte textual	No mínimo 10 e no máximo 15 linhas do jornal	1	
Circulação social/esfera	Jornalística		

Fonte: A autora.

Com base nas informações contidas no Manual do Candidato³³ e nas reflexões apresentadas no capítulo 2, analisamos os motivos dessas redações serem zeradas e acreditamos que 1 redação foi zerada por fugir ao tema e 19 redações foram zeradas por não corresponderem ao gênero Artigo de opinião. Das redações que não produziram o gênero, 5 apresentaram falhas no desempenho linguístico em vários níveis. Percebemos que a desestruturação gramatical interfere na produção do gênero.

4.4.2 Análise discursiva das redações zeradas

Ao observar a presença do título, constatamos que ele está presente em 8 redações (40%). Algumas redações zeradas também apresentaram resíduos de outros gêneros (Quadro 35).

³³ Terá nota zero o candidato que: 1) não produzir o gênero; 2) fugir à temática proposta pelo comando; 3) apresentar desestruturação do gênero textual; 4) realizar marca/identificação do candidato; 5) apresentar letra ilegível ou falhas no desempenho linguístico em vários níveis; 6) não entregar a folha definitiva; 7) não escrever a redação em azul escuro.

Quadro 35. Resíduos de outros gêneros nas redações zeradas

Redação	Trecho	Gênero
5Z	Atenciosamente Colaborador	Carta
17Z	Maringá, 18 de julho de 2016	Carta
19Z	Atenciosamente Colaborador	Carta

Fonte: A autora.

Nesse grupo de redações, encontramos resíduos apenas do gênero Carta. Nas redações 5Z e 19Z, encontramos a despedida seguida da assinatura, enquanto, na redação 17Z, houve a marcação do local e da data.

Nas redações zeradas, encontramos muitas redações com falhas no desempenho linguístico em vários níveis, o que dificulta a produção de um sentido. De acordo com Orlandi (2004, p. 70), “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável”, por isso tivemos dificuldade em observar autoria nessas redações.

4.4.2.1 Autoria nas redações zeradas

No primeiro momento, destacamos as redações 4Z, 5Z, 8Z, 14Z, 16Z e 18Z porque elas obedeceram a estrutura adequada para o gênero Artigo de opinião no contexto de vestibular. Essas redações apresentam título e a assinatura usando a palavra “colaborador”, conforme solicitada no comando.

Dentre esse grupo de redações, destacamos a redação 14Z para observar possíveis indícios de autoria. A redação 14Z possui como título “Eu na frente sempre”, em que percebemos um jogo de paráfrase e polissemia com a propaganda da SKY “Você na frente, sempre”, que poderíamos compreender como um modo de o sujeito-autor se marcar no dizer e produzir um efeito autoria. A substituição do “você” pelo “eu”, nesse contexto, já mostra a necessidade da empatia. No segundo parágrafo, percebemos que o uso da primeira pessoa não produz o efeito “eu=autor/candidato”, mas sim “eu=leitor”, fazendo o leitor refletir sobre suas ações. Esse tipo de argumento é possível em um Artigo de opinião em circulação social. O artigo do Jairo Bouer, o qual analisamos no capítulo 2, apresenta um movimento de argumentação parecido quando emprega “alguém” no lugar de “você” no trecho: “Alguém gostaria de ser filmado nessa situação e ver sua imagem “viralizada” pelas redes sociais?[...]”

Alguém sabe quem fez isso e qual a motivação de expor o outro ao ridículo?” (BOUER, 2017, p. 1).

Quadro 36. Redação 14Z

Eu na frente sempre!

Colaboradora

Sou psicóloga, especialista em comportamento humano, e ao observar a sociedade vejo como a “síndrome do eu” está cada vez mais gritante, e a humanidade, cada vez mais desumana.

Minhas necessidades estão sempre em primeiro lugar, não importa por cima de quem eu deva passar, já tenho problemas demais pra ter tempo de resolver o problema dos outros, eles que se virem! Mas quando eu precisar de ajuda e vocês me negarem isso... que espécie de seres humanos são vocês que não tem amor ao próximo?

Um mundo que não tem humanidade, não tem futuro, já está condenado! Nós precisamos começar a olhar pro outro e nós colocar no lugar dele, e assim você perceberá que os seus problemas em são tão grandes assim.

No segundo momento, dentre as redações que não apresentaram a estrutura adequada, destacamos a redação 20Z. Essa redação não apresentou a assinatura que foi solicitada no comando, apresenta falhas no desempenho linguístico e “perde” muitas linhas descrevendo os problemas dos nordestinos deixando o tema “empatia” explícito apenas nos dois últimos parágrafos.

Quadro 37. Redação 20Z

Povo nordestino

Em todo o Brasil á grandes dificuldades de diversos tipos, uma dela e a que o povo nordestino viveram e vivem até nos dias atuais.

Região onde a dificuldades climáticas e financeiras torna um ambiente de miséria.

Em uma reportagem da TV globo em 2013, nos informamos a dificuldade de um chefe encontra em obter alimento para sua família.

Se comparamos com outros estados brasileiros, onde, transporte, moradia, e margem de emprego, entenderemos a dificuldade que o povo nordestino vivem é grande.

Muitos os defamam com crítica de um povo preguiçoso e mal caráter. Mas e se trocar-se de lugar, como seria?

Se em muitos momentos de nossas vida, colocamos nos luga dos outros, antes de fazer uma crítica, entenderíamos que as vezes as nossas dificuldades são menores que a dos outros.

Destacamos o excerto “Muitos os defamam com crítica de um povo preguioso e mal caráter [...]” porque, ainda que contenha falhas na grafia, traz um interessante movimento de o sujeito-autor interpretar a historicidade do dizer, o que se relaciona à repetição histórica.

4.4.2.2 Processos textuais e fonológicos das redações zeradas

Nas redações zeradas, analisamos os níveis textuais, fonológicos e morfossintáticos, bem como apresentamos as características que foram mais recorrentes. Ao considerar os processos textuais nos quais o sujeito-candidato marca a sua prática de autor, destacamos, nos textos analisados, uma regularidade atinente a falhas mais graves que as encontradas nos outros grupos, sobretudo no que se refere a um efeito-unidade textual. Tais falhas aparecem de diferentes maneiras, seja na ausência do título, seja no uso de um título clichê. A ausência do título prejudica o efeito coesão, uma vez que o título aponta para um esforço empreendido pelo sujeito-candidato de relacioná-lo com o desenvolvimento do artigo de opinião. Em contrapartida, alguns títulos pecam por trazerem clichês, lugares-comuns ou por não terem sido mobilizados na produção textual, por exemplo: “Vivenciando nossas vidas” (redação 5Z), “Que angustia” (redação 8Z), “Já dizia o profeta” (redação 13Z) e “Um mundo frio” (redação 16Z).

Elencamos a redação 5Z como exemplo de redação que apresentou algumas características prototípicas das redações ótimas (título, assinatura, uso da primeira pessoa, posição social de pesquisador), mas, por causa de problemas gramaticais e repetições, perdeu o teor argumentativo.

Quadro 38. Redação 5Z

Vivenciando novas vidas Venho estudando a convivência das pessoas no dia a dia e através desses estudos tive a oportunidade de ver com novos olhos o dia a dia de outras pessoas, com isso pude perceber que todos temos nossas dificuldades, mas se nos colocarmos no lugar de outras pessoas, que convivemos ou até mesmo pessoas que não conhecemos podemos ajudalos ou até mesmo sermos ajudados e uma coisa leva a outra, se todos adotarmos esse habito podemos perceber que um mundo melhor pode sim existir, basta acreditar e fazer acontecer. Atenciosamente Colaborador

A redação 5Z foi produzida apenas em 1 parágrafo e 1 período e neste período a palavra “pessoas” apareceu 4 vezes. Essa e outras repetições contribuíram para que o texto “patinasse” em vez de apresentar uma tese e argumentos que a fortalecessem.

Percebemos que alguns textos foram produzidos em um único bloco (1Z, 2Z, 3Z, 5Z, 8Z, 10Z e 11Z); dessa forma, as ideias postas em cena parecem dispersas, não há uma preocupação em produzir parágrafos. Dentre esses textos, destacamos o 3Z, o 10Z e o 11Z (Quadro 39), que foram produzidos em menos de quatro linhas no manuscrito; por isso, foram considerados curtos.

Quadro 39. Redações curtas

3Z	A razão pela qual O fato de a maioria de nós querer ser o que não somos, sentir aquilo que não sentimoara fa- _____
10Z	Desde o tempo de escravidão existem preconceitos entre indivíduos, porém ele foi-se modificando até os dias através. Existem diversos preconceitos e um deles está ligado a empatia. Há quem diga que empatia não é uma forma de exclusão, no entanto, como psicóloga considero que a sua falta gera uma forma de exclusão um dos fatores são
11Z	Como psicologa todos nos devíamos ter uma boa comunicação e um bom diálogo.

Nas redações apresentadas no quadro 39, o sujeito não produz sequências argumentativas, assim, o texto produzido fica mais próximo a uma exposição livre de ideias.

Devido ao tamanho do texto produzido, não podemos considerar a função de autoria nessas redações, porque a autoria é uma prática de textualização, uma “[...] prática em concomitância. O autor se constitui à medida que o texto se configura” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 93); nas redações 3Z, 10Z e 11Z, o texto não se configurou.

Apresentadas as falhas no nível textual, partimos para os níveis fonológico e morfossintático. Alguns textos apresentam problemas de ortografia e de acentuação (Quadro 40). Para apresentar as palavras da coluna “Como deveria ser escrito para seguir a norma culta”, utilizamos, como parâmetro de norma culta, as palavras da maneira como são apresentadas por Houaiss e Villar (2010).

Quadro 40. Problemas de grafia e de acentuação nas redações zeradas

REDAÇÃO	COMO FOI ESCRITO	COMO DEVERIA SER ESCRITO PARA SEGUIR A NORMA CULTA
1Z	Armunia	Harmonia
5Z	Ajudalos	Ajudá-los
	Habito	Hábito
6Z	Bélo	Belo
	Empátia	Empatia
	Converssa	Conversa
7Z	Lisença	Licença
	Descupa	Desculpa
	Armonia	Harmonia
8Z	Proximo	Próximo
	Precissa	Precisa
	Pessotear	Pisotear
	Habito	Hábito
	Más	Mas
9Z	bém éstar	bem estar
	Pós	Pois
11Z	Psicologa	Psicóloga
12Z	Porem	Porém
	Juis	Juiz
	Acuzação	Acusação
	Acuzador	Acusador
	Prezídio	Presídio
	ouso (sentido de ouvir)	Ouço
16Z	Amanha	Amanhã
17Z	Ninguem	Ninguém
18Z	Proximo	Próximo
20Z	Defamam	Difamam
	Preguisoso	Preguiçoso

Fonte: A autora.

Percebemos que nas palavras: *precissa*, *pessotear*, *acuzação*, *acuzador*, e *prezídio* a troca na grafia aconteceu no momento em que o S produz o som de Z.

Já em: *converssa*, *lisença*, *ouso* e *preguiçoso*, a dificuldade consistiu em identificar a letra adequada para produzir o som do S. A linguagem começa pelo inter-ditado: 1) inter-ditado no sentido de dizeres em interligação, redes de dizeres; 2) inter-ditado no sentido de proibido, censurado (GALLO, 2008). A gramática normativa é um inventário de inter-ditados, selecionando alguns dizeres em detrimentos de outros. O trabalho com a gramática normativa

valoriza apenas a estrutura da língua “[...] ao invés de propiciar, dificulta ao sujeito-aluno a experiência de autoria” (GALLO, 2008, p. 15).

De maneira geral, constatamos que as redações zeradas possuem afirmações vagas, fuga ao tema, falhas na compreensão do comando e pontos de contradição, o que dificulta a interpretação dessas redações. Para Orlandi (2004), a interpretação se faz entre a memória institucional que congela os sentidos e os efeitos da memória na qual o sentido pode vir a ser outro, assim, “[...] presença e ausência se trabalham, paráfrase e polissemia se delimitam no movimento da contradição entre o mesmo e o diferente. O dizer só faz sentido se a formulação se inscrever na ordem do repetível, no domínio do interdiscurso” (ORLANDI, 2004, p. 68). Podemos exemplificar a importância do repetível na interpretação por meio das redações consideradas ótimas e médias pela CVU. Nas ótimas houve a menção de autores que estão relacionados direta ou indiretamente com o tema, ou seja, o candidato, na função de autor, selecionou, do seu repertório de leitura, nomes como Thomas Hobbes, Sócrates e Durkheim. Esses autores podem não ter refletido sobre a empatia especificamente, mas pensaram sobre a organização e a convivência social. É justamente essa relação entre esses autores (e não outros) com a empatia que caracterizou a singularidade nessas redações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo observou as (im)possibilidades de autoria no Artigo de opinião produzido no vestibular da UEM, pautando-se nas reflexões sobre autoria realizadas pelos estudiosos da AD francesa (FOUCAULT, 1999, 2009; ORLANDI, 1988, 2015; GALLO, 1995; POSSENTI, 2002), bem como nas reflexões sobre gêneros discursivos produzidas a partir dos pressupostos de Bakhtin (1997, 2006). Para atingir o objetivo proposto, delimitamos, como *corpus*, 80 artigos de opinião produzidos na prova de redação do vestibular de inverno de 2016 da UEM. Essas redações foram disponibilizadas e separadas em grupos, de acordo com a denominação da CVU: ótimas, médias, ruins e zero.

Buscamos delinear reflexões em torno da dimensão dialógica dos textos com base nos conceitos de posição social, suporte, finalidade, interlocutores, esfera, assim como em torno da dimensão discursiva, trazendo à tona os conceitos de autoria, indícios de autoria, condições de produção, textualização, autenticação e legitimação, efeito-fecho, evento interpretativo, para contemplar uma caracterização discursiva da efetivação ou não da autoria.

Ao analisar ao gênero Artigo de opinião produzido no vestibular de inverno de 2016, percebemos algumas regularidades na estrutura das redações consideradas ótimas: 65% apresentaram antecedentes sobre o tema e a posição social solicitada no comando; 95% apresentaram uma tese; 85 % apresentaram argumentos para justificar a tese; 65% retomaram a tese na conclusão. Assim, podemos afirmar que um artigo de opinião adequado para o vestibular da UEM possui essas características.

Nas redações ótimas, o candidato procura explicitar o que foi solicitado no comando, com o objetivo de impossibilitar outros sentidos. A posição sujeito-candidato está determinada pelas coerções que limitam a efetivação de seus enunciados na redação. O candidato tem um comando para seguir e, por isso, muitas vezes vê a necessidade de explicitar algumas informações que nos Artigos jornalísticos não aparecem, como: apresentar a posição social do autor. Essa informação não aparece nos Artigos publicados em jornais e revistas, geralmente, é apresentado um breve currículo do autor antes do texto e como os autores são especialistas/legitimados no assunto e escrevem com certa frequência naquele meio de comunicação os leitores já o conhecem.

Percebemos que, nas redações ótimas, o sujeito-autor demonstra ter domínio da língua, em nível textual. Podemos destacar que o sujeito-candidato pratica a textualização em meio a um jogo entre a dispersão e o fechamento, operando dentro do que é possível dizer nas

condições impostas pelo comando, mas de maneira a constituir o seu próprio dizer, acentuando o seu posicionamento e sua inscrição como sujeito.

Desse modo, na visão de Possenti (2013), podemos notar indícios de autoria em algumas redações ótimas, produções essas marcadas por uma dada singularidade no modo de inserir outras vozes no texto, uso das aspas, ironias, relações de sentidos, citações singulares e jogos com o leitor.

As redações médias apresentaram maior ligação com o texto de apoio, inclusive, foi o único grupo de redações que apresentaram resíduos do gênero Resumo. Nesse caso, as exigências de uma unidade textual não são atingidas, visto que, nesse conjunto de textos, há uma mistura dos gêneros Artigo de opinião, Carta e Resumo.

As redações médias apresentam falhas acentuadas na produção de um efeito de coesão e coerência, justamente por conta de problemas detectados no sentido de mobilizar recursos coesivos, o que implicou em repetições, mau uso de anáforas e trechos mal formulados em termos de clareza. Em termos de autoria discursiva, o que se nota é o fato de que os sujeitos têm pouca história de leitura no tema exigido e isso possa ter dificultado, ainda mais, a sustentação da tese. Acreditamos que o comando - já marcando a posição a ser assumida pelo sujeito - cria uma situação em que o sujeito é cobrado no sentido de ter de escrever bem, mas escreve dentro de FDAs que não lhe são próprias, mas forçadas - ele não se filia a essas FDAs. Assim, muitos candidatos, no caso das médias, não conseguem se sentirem seguros para produzirem um evento interpretativo por conta de, provavelmente, não contarem com uma história de leitura sobre o tema da empatia.

Consideramos que as redações avaliadas como ruins pecam no processo de produzir a unidade na dispersão dos dizeres. As ruins, da mesma forma que as médias, apresentam problemas de ordem textual (nos efeitos de coesão e coerência), mas ainda mais acentuados, sobretudo, na produção de um efeito de unidade textual, além de trazer problemas nos níveis morfossintático e fonológico. O tema da empatia pode não ter possibilitado aos alunos produzirem uma boa argumentação pelo pouco conhecimento na área ou pelo fato de não ser polêmico.

Nenhuma redação zerada mencionou o texto de apoio, mostrando menor preocupação em agradar ao interlocutor/dizer o que é esperado. Entre as 20 redações zeradas, constatamos que 3 apresentaram resíduos do gênero Carta, além das redações que não pertenciam ao gênero Artigo de opinião e, da que fugiu ao tema, temos, também, a presença de redações muito curtas (efeito inacabado), o que não se efetiva como autoria. As zeradas apresentam problemas mais graves que as ruins em todos os níveis, a saber: morfossintático, fonológico,

textual e discursivo. Há, ademais, a presença de clichês, lugares-comuns, construções incoerentes e trechos truncados que comprometem a progressão textual. Ainda que se não observe a produção de autoria no nível do texto (injunção à unidade, ao texto), nas zeradas, curiosamente, percebemos dois contextos de indícios de autoria em produções nas quais o sujeito-candidato consegue produzir uma reflexão sobre um discurso do outro.

Para fins de um efeito fecho para esta dissertação, defendemos a força e a relevância do investimento na Análise de discurso para compreender, discursivamente, a produção de textos nas condições do vestibular, visto que acreditamos que a produção da autoria não é só da ordem do linguístico, mas também do discursivo. Ademais, ressaltamos a necessidade de a escola e o vestibular (re)pensarem como se pode produzir, de fato, a efetivação da autoria nas práticas, oferecendo contextos para que os alunos-candidatos consigam ter/demonstrar não só domínio linguístico e semântico da sua língua, como Pfeiffer (1995, p.91) nos ensina, mas, inclusive, o domínio/saber sobre o que dizer e sobre a posição da qual enunciam.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

AMARAL, Maria Virgínia Borges; FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. Análise de discurso e o materialismo histórico. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Org.). **Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos**. Campinas: Mercado das Letras, 2015. p. 35-54.

ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (Org.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: Eduem, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 112-130.

BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Autoria, discurso e sujeito: uma questão de singularidade ou originalidade?. **Interfaces**, Guarapuava, v. 2, n. 2, p. 22-30, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/1399>. Acesso em: 5 nov. 2018.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Sequência didática artigo de opinião**. São Paulo: Secretaria do Estado de Educação de São Paulo. Circulação restrita. 2006.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação**. 2012. 368 f. Tese. Curso de Letras, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000171939>>. Acesso em: 6 set. 2018.

BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Vestibular e Enem: um debate contemporâneo. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 85, p. 1057-1090, out. 2014. Trimestral. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ensaio/v22n85/v22n85a09.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BARROS FILHO, Clóvis de; MEUCCI, Arthur. **A vida que vale a pena ser vivida**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BARROS FILHO, Clóvis de; POMPEU, Júlio. **A filosofia explica grandes questões da humanidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 191-200.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 34, n. 2, p.157-168, 14 nov. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/17497>>. Acesso em: 6 dez. 2018.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 205-231, set. 2010. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/263/277>. Acesso em: 5 nov. 2018.

BOUER, Jairo. **O impacto terrível das redes antissociais**: Quem usa as redes sociais para agredir, difamar, caluniar ou injuriar pode, sim, ser punido por esses crimes. 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/saude/jairo-bouer/noticia/2017/02/o-impacto-terrivel-das-redes-antissociais.html>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRAGAGNOLLO, Rubia Mara. **O gênero resumo acadêmico na formação docente inicial**. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/rmbragagnollo.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

BRACKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com o artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da palavra do outro. In: ROJO, Roxane. (Org.) **A prática da linguagem na sala de aula**: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 221-247.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Redação no Enem 2017**: cartilha do participante. 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CALICCHIO, Fátima Christina. **A função textual - discursiva da hipotaxe adverbial no gênero resposta argumentativa**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/fccalicchio.PDF>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Tradução de Luzmara Curcino e de Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: Edufscar, 2014.

CORSI, Margarida da Silveira; RITTER, Lilian Cristina Buzato; HILA, Cláudia Valéria Doná (Org.). **Pibid- Letras/Português- UEM:** alguns resultados didático-pedagógicos do letramento literário e da produção textual. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

COSTA, Elis Betania Guedes da. **O plano de texto e as marcas linguísticas da responsabilidade enunciativa no Artigo de opinião do vestibular 2010 da UFRN.** 2015. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21127/1/ElisBetaniaGuedesDaCosta_TESE.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais.** 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

DURAN, Guilherme Rocha. **O gênero discursivo questão interpretativa em contexto de formação docente inicial.** 2011. 306 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/grduran.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

ESTEVÃO, Adriana Gisele. **O gênero discursivo parábola na prática de sala de aula:** uma proposta de didatização. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/agestevao.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

FARENCENA, Gesselda Somavilla. **Artigo de opinião como macrogênero:** relações lógico-semânticas na perspectiva sistêmico-funcional. 2015. 305 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3370473>. Acesso em: 5 nov. 2018.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon:** Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 1-12, jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636/17316>>. Acesso em: 5 nov. 2018

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor?. In: FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Organização de Manuel Barros de Motta. Tradução de Inês Autran Dourado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. Tradução de Inês Autran Dourado.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Autoria: questão enunciativa ou discursiva?. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 1, n. 2, set. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em:
<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/172>. Acesso em: 24 jan. 2019.

_____. **Como o texto se produz**: uma perspectiva discursiva. Blumenau: Nova Letra, 2008.

_____. Novas fronteiras para a autoria. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 27, n. 53, p. 53-64, nov. 2012. Semestral. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/35724>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

HILA, Cláudia Valéria Doná. O gênero artigo de opinião: diagnóstico e intervenção na formação inicial de professores de português. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 1, p. 183-201, jun. 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132008000100011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 5 nov. 2018.

HILA, Cláudia Valéria Doná et al. (Org.). **O gênero resumo no contexto do vestibular**. Pará de Minas: Virtualbooks, 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JESUS, Fabiane Teixeira de. **As cores da nação: um estudo discursivo de artigos colocados em circulação pela mídia impressa sobre o novo lugar do "negro" no conjunto da sociedade nacional**. 2014. 259 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em:
<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270481>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e autoria. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-103.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia et al. (Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986. p. 25-44.

MACHADO, Irene. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 151-166.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. **A construção do texto opinativo no hipergênero blog: análise de comentários do blog papo de amiga da revista capricho**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/ggmagnabosco.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

MARCHETTI, Greta Nascimento. **Recursos argumentativos presentes em textos dos gêneros ensaio e artigo de opinião: uma abordagem sistêmico-funcional**. 2015. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Letras, Linguística, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13772>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: língua, linguística & literatura**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 4-40, out. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/article/view/7434/4503>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

MAUÉS, Erick Gonçalves Afonso et al. **O lado da mídia: análise das publicações acerca do "rolezinho"**. 2014. Disponível em: <www.sndd2014.eventos.dype.com.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=4170>. Acesso em: 11 abr. 2017.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes.1994.

MENDONÇA, Marina Célia. O discurso sobre autoria na esfera didático-pedagógica: algumas considerações. **Revista da Abralin**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 265-284, jul. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47893>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

MENEGASSI, Renilson José. Conceitos bakhtinianos na prova de redação. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, Número Especial: XIX CELLIP, p.1-15, jun. 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/view/407>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

MENEGASSI, Renilson José. Aspectos sobre o gênero discursivo. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (Org.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: Eduem, 2017. p. 17-41.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-141.

OLIVEIRA, Cristina Márcia Mara. Universidade Federal do Ceará Centro de Humanidades Programa de Pós-graduação em Linguística. **A organização retórica de artigos de opinião na imprensa e no jornal escolar**. 163f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp107108.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Nem escritor, nem sujeito: apenas autor. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988. p.75-83.

_____. **Intepretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

_____. **Discurso e Texto. Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001

_____. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de Língua Portuguesa para a educação básica**. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PERES, Aparecida Fatima; GRECO, Eliana Alves. O sujeito professor de língua portuguesa: a construção de uma imagem. **Entretextos**, Londrina, v. 14, n. 1, p.190-206, jun. 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/16516/15207>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

PFEIFFER, Claudia Regina Castellanos. **Que autor é este?**. 1995. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Linguística, Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270699>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. **Bem dizer e retórica: um lugar para o sujeito**. 2000. 185 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270703>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 105-124, jan. 2002. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10411/9677>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

POSSENTI, Sírio. Notas sobre a questão da autoria. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 32, p. 239-250, jan. 2013. Semestral. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19851>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. **Centro Integrado de Saúde Mental (Cisam)**. Disponível em: <<http://www.maringa.pr.gov.br/cisam/index.php>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade: o consumo no discurso jornalístico da Revista Vida Simples**. 2011. 199 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6316/REGINATO%2c%20GISELE%20DOTTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Desiree. (Org.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.152-183.

ROMUALDO, Edson Carlos; SANTANA, Simone Cristina de. A notícia. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (Org.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: Eduem, 2017. p. 153-176.

ROSA, Nataly Gurniski. **Análises de propostas de escrita de gêneros instrucionais em livros didáticos do ensino fundamental II**. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/ngrosa.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SANTANA, Simone Cristina de. **O gênero notícia nas coleções didáticas indicadas pelo programa nacional do livro didático para a educação de jovens e adultos**. 2012. 216 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/dissertacoes/scsantana.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SANTOS, Hérika Ribeiro dos. **A organização textual do gênero relato sob a perspectiva das relações retóricas**. 2016. 155 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/hrsantos.do.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SANTOS, Jackline Altoé dos. **As relações retóricas no gênero resposta argumentativa: um estudo da superestrutura do gênero e da expressão linguística das relações**. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/jasantos.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SANTOS, Juliana Ormastroni de Carvalho. **O artigo de opinião na atividade social “Produzir um Jornal”**: o ensino-aprendizagem de capacidades de linguagem a partir de uma abordagem colaborativa. 2015. 326 f. Tese (Doutorado em Linguagem e Educação) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/13750>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogos**, Itajaí, v. 13, n. 1, p.49-62, abr. 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5587/1/ARTIGO_DiscursoJornal%C3%ADsticoNo%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2019.

SILVA, Ana Maria da. **O gênero notícia no ensino médio: do modelo autônomo ao modelo ideológico de letramento**. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/amsilva.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SILVA, Carla Catarina. **Caracterização dos comandos de produção textual da prova de redação do vestibular da UEM**. 2018. 191 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Letras, Teorias Linguísticas e Literárias, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/ccsilva.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

UBER, Terezinha de Jesus Bauer. **Artigo de opinião: estudos sobre um gênero discursivo**. Maringá, 2008. Disponível em:

<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_terezinha_je_sus_bauer_uber.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Comissão Central do Vestibular Unificado. Vestibular UEM Inverno 2012. **Prova 2** – Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Redação. Disponível em: <<http://www.vestibular.uem.br/2012-V/>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Comissão Central do Vestibular Unificado. Vestibular UEM Inverno 2014. **Prova 2** – Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Redação. Disponível em: <<http://www.vestibular.uem.br/2014-I/uemI2014p2g1.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Comissão Central do Vestibular Unificado. Vestibular UEM Inverno 2016. **Prova 2** – Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Redação. Disponível em: <<http://www.vestibular.uem.br/8/P2G1.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Comissão Central do Vestibular Unificado. Vestibular UEM Inverno 2016. **Manual do Candidato**. Disponível em: <https://www.npd.uem.br/cvu/relatorios/manual_candidato_8.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Comissão Central do Vestibular Unificado. **Questionário Socioeducacional dos Aprovados no vestibular de Inverno 2016**. Disponível em: <<https://www.npd.uem.br/cvu/evento.zul?id=8>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

ZANINI, Marilurdes. Artigo de Opinião: do ponto de vista à argumentação. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (Org.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: Eduem, 2017. p. 42-58.

ANEXOS

ANEXO A - REDAÇÕES DISPONIBILIZADAS PELA CVU MARCADAS COMO ÓTIMAS

(Texto 1)

A empatia como mecanismo de transformação

Colaborador

Solidariedade, compreensão, generosidade, esses são alguns aspectos que recorrem à mente ao abordar a importância de tornarmos a empatia um mecanismo de transformação do mundo. Há quem ironize essa ideia, porém, como psicólogo engajado em pesquisas com essa temática, vejo que um grande avanço para a sociedade egocêntrica atual é nos colocar no lugar do outro, mudando o modo de agir.

Nesse sentido, a empatia tem a capacidade de transformar vidas e pessoas, é possível perceber a maneira de pensar de outros indivíduos, aumentando o grau de perspectiva de mundo. Desse modo, o egoísmo pode ser deixado de lado e passamos a agir com mais solidariedade, abrindo mão de viver apenas prazeres individuais e ir em busca do prazer e benefício coletivos.

Ademais, novas experiências enriquecem o ser humano e, principalmente, pode transformar a vida do próximo, que está do outro lado da questão, o qual poderá lidar melhor com os obstáculos pessoais se possível de generosidade e compreensão alheia. Basta de nos satisfazer apenas com o próprio bem-estar, a empatia é um poderoso exercício de metamorfose, que pode gerar a evolução da espécie humana e modificar a sociedade contemporânea.

(Texto 2)

Empatia: a falta dela está gerando mortes

A sociedade em que vivemos é ainda egocêntrica, vivenciamos todos os dias inúmeras situações onde nem se quer nos damos ao luxo de pensar “Espera, e se fosse eu?,” não nos preocupamos mais com o nosso próximo. Como psicólogo já vivenciei inúmeras histórias relatadas por pacientes, mas uma que me chamou a atenção foi de um menino com 17 anos e um quadro depressivo agudo, os pais acharam que era frescura já que diziam que ele tinha tudo e nem sequer pararam para entender o que se passava com ele, por isso, não houve o tratamento necessário e o menino veio a cometer suicídio.

Casos como esse são muito frequentes e, isso poderia ter acontecido em nossas casas, mas será que seríamos empáticos o suficiente para tentar entender? O índice de suicídio vem aumentando cada vez mais e, vamos esperar que aconteça conosco para tomar uma atitude?

Colaboradora

(Texto 3)

Genocídios apáticos

A empatia é a capacidade de entender as emoções de outras pessoas a partir da permuta de valores entre estas. Trata-se de uma virtude que deve ser estimulada com urgência em nossa sociedade, corrompida pelo egocentrismo explícito em várias pessoas.

De fato, é preciso que as pessoas sejam empáticas, pois, do contrário, genocídios podem acontecer; a saber, na segunda guerra mundial, Hitler promoveu inúmeras mortes, como as de judeus, negros e homossexuais, não se colocando no lugar deles. Ademais, como psicólogo, tenho observado em meus pacientes sem a virtude que representa a empatia a ascensão de tendências inerentes a psicopatas e autistas, o que representa um retrocesso às relações humanas tecidas durante várias décadas.

Sendo assim, é imprescindível que todos nós sejamos pessoas dotadas de empatia, característica rara hodiernamente. Se assim todos fossem, não emergiria traços psicopatas e autistas nas pessoas, que, do mesmo modo, não promoveriam genocídios apáticos.

Atenciosamente,

Colaborador.

(Texto 4)

Pelos olhos do outro

Colaborador

Thomas Hobbes já dizia: “o mundo é uma constante guerra de todos contra todos”. A fim de mudar isso, doutrinas pacíficas (como o cristianismo e o budismo) adotaram lemas que consideram o outro uma extensão do “eu”, promovendo o respeito, paz e compreensão. Em tempos hodiernos, porém, a sociedade voltou-se novamente à barbárie do egoísmo e da competição irracional. Dessa forma, cabe a nós, psicólogos, a função de restaurar a solidariedade e a importância de as pessoas serem empáticas como forma de melhorar suas vidas de transformar o mundo colocando-se no lugar do próximo.

A priori, a consequência mais imediata é a paz, proporcionada pela compreensão dos medos e dificuldades daqueles com que convivemos. A enriquecedora experiência de crescimento conjunto é outra das infinitas benesses. É importante competir e ter objetivos, mas de forma saudável. Por que boicotar o concorrente se há a possibilidade de trocar conhecimentos desenvolver-se como indivíduo? Afinal, o que nos torna humanos é a essência, a alma, o espírito, e devemos conservá-lo acima de tudo. Nenhuma promoção no emprego ou vaga na faculdade vale a perda da própria humanidade.

(Texto 5)

Empatia: a chave para a construção de uma nova realidade

O conceito de “amor líquido” proposto por Z. Bauman sempre me intrigou, especialmente por retratar o efeito devastador da associação entre o consumismo exacerbado e a sociedade egocêntrica e narcísica na qual estamos inseridos. E foi precisamente este interesse, amigo leitor, que direcionou minha especialização em psicologia do comportamento

humano e minha atual pesquisa sobre a empatia e a urgente necessidade da sua prática frequente para a construção de um mundo e vida melhores.

Dada a estrutura sociológica na qual estamos inseridos, a prática da alteridade tem se tornado cada vez mais escassa, culminando num cotidiano caótico que se reflete, na esfera individual, em agrupamentos de pessoas desconexas e, em âmbito global, nova onda de conflitos entre nações, especialmente de cunho étnico. Em suma, tragédias em diversos níveis que poderiam ser reduzidas - ou até evitadas – caso as pessoas agissem de forma empática.

O ato de se colocar no lugar do outro proporciona para o sujeito a possibilidade de construir relações afetivas mais profundas e sinceras, gerando uma espécie de completude como ser humano, e, por conseguinte, o bem esta individual. Não obstante, a prática da empatia funciona como uma ferramenta de aquisição de conhecimento com a qual é possível compreender a perspectiva do outro e, mesmo que tal posição não se desencadeia em simpatia, configura o caminho mais eficaz para a edificação da paz entre as mais diferentes culturas.

Ass. Colaboradora

(Texto 6)

Empáticos? Sejam sem perceberem.

Colaboradora

Atualmente, se colocar no lugar do outro, compreender e conhecer as dificuldades do próximo, é uma atividade chamada empatia que vem sendo deixada de lado pela nossa sociedade. Como psicóloga e especialista em comportamento humano, entendo a importância de as pessoas serem empáticas como forma de melhorar suas vidas e a do outro. Sei que infelizmente não é fácil observar o mundo com os olhos do próximo, porém, se não tentarmos, essa tarefa ficará ainda pior, visto que são coisas simples e constantes no nosso cotidiano.

Sabe aquele momento em que você se estressou pela demora do motorista da sua frente para estacionar? Já parou para comparar a experiência dele com a sua? Ou então lembrar que você já necessitou desse tempo? Já se colocou no lugar de uma criança ou de um idoso quando estão aprendendo ou reaprendendo coisas que para você é simples mas que para eles são grandes obstáculos?

São coisas básicas, que a partir do momento em que sair de um narcisismo, se tornará uma experiência agradável e agirá sem perceber, fazendo então, sua vida valer a pena

(Texto 7)

Empatia: ela existe?

Comum como uma “agulha no palheiro”, a empatia é cada vez mais difícil de ser encontrada, aliás, sentida! Por ser uma dentre as inúmeras emoções que nos caracteriza como humanos. É colocar-se no lugar do outro sem necessariamente passar pelo que ele passou. Mas o que ganho com isso? Esta é a pergunta mais comum quando se trata de ajudar. E a respondo: porque não nascemos para fazer peso nesse mundo! Doar-se, ter empatia proporciona um bem imensurável na minha vida e na sua. É uma forma de melhorar vidas,

transformar o mundo, como um “efeito dominó” ... é contagiante. Grandes exemplos comprovam isso: Madre Tereza de Calcutá que tanto fez pelos pobres, doentes. Zilda Arns, que até colocou sua vida em risco para empatizar, foi ela a criadora da multi mistura contra a desnutrição infantil. E ela era uma criança desnutrida? Não! Ela e outras apenas tiveram a nobreza de empatizar pela causa alheia, mudando o mundo a sua volta. Essas pessoas não são super-heróis, são pessoas assim como eu e você. O que nos diferencia é a atitude de colocar-se no lugar dos outros ou fazer “vistas grossas”.

Colaborador

(Texto 8)

Muito além do próprio “eu”

Colaboradora

“Ele (a) nunca se coloca no meu lugar”. Esse é o tipo de frase que escuto com frequência no consultório de psicologia em que trabalho, principalmente quando se trata de relacionamentos conjugais. Porém, o ato de se colocar no lugar do outro, empatia, deve ser realizado em qualquer tipo de relacionamento. Desse modo, as pessoas se tornarão menos individualistas e o mundo bem menos egocêntrico.

Claramente, a empatia no ambiente familiar, por exemplo, tornaria as relações mais leves – os pais entenderiam o jugo pesado que é estudar e diriam menos a famigerada frase: “Você só estuda, não faz mais do que a obrigação ir bem nas provas”; e os filhos, por sua vez, não reclamariam das 45 ligações e mensagens das mães. Compreenderiam o cuidado e zelo das mesmas. Com isso, a gratidão se faria mais presente.

Além disso, a prática da empatia pode alcançar patamares mais amplos, como a diminuição da xenofobia. Uma vez que, colocando-se no lugar do imigrante e pensando como deve ser difícil deixar tudo para trás em busca de melhores condições de vida, a aversão pode dar lugar à compaixão, pois uma coisa é certa: ninguém gosta de repelir outrem. É óbvio que há questões políticas a serem debatidas nesse contexto, porém o que é para ser mostrado é como a empatia pode promover a paz, a compreensão e a leveza de uma vida dura.

(Texto 9)

O poder transformador da empatia

Empatia é a capacidade de um indivíduo de se imaginar no lugar do outro, usando assim, experimentar seus sentimentos e compreender seus pontos de vista. Como psicólogo, posso afirmar que a maioria dos problemas conjugais e familiares os quais assisto, partem da falta de empatia, a qual torna os indivíduos egoístas e incompreensivos. Porém esse não é apenas um problema de esfera familiar, mas reflete em toda nossa sociedade, onde a intolerância e o individualismo são evidentes em práticas como a xenofobia. A empatia tem o poder de transformar a sociedade e fazer o mundo um lugar melhor. Se o indivíduo se põe por exemplo no lugar do imigrante ou do refugiado e tenta partilhar de seus sentimentos e motivações, é muito pouco provável que esse vá cometer algum ato de repúdio, pelo contrário, da empatia surge a solidariedade e o respeito, conceitos que parecem estar sendo esquecidos atualmente. A prática regular da empatia nas mais variadas relações interpessoais cessaria agressões por conflitos ideológicos e qualquer outra prática de intolerância.

(Texto 10)

A prática da empatia

Como psicóloga, em meus anos de formação em comportamento humano, sempre pesquisei sobre inúmeras temáticas que englobam tal comportamento. Ultimamente, tenho trabalhado sobre a empatia e como a falta dela vem afetando nossa sociedade. Mas afinal, o que é empatia?

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, a fim de tentar compreender seus sentimentos e/ou seu ponto de vista.

Quantas vezes nos deparamos com situações em que de mediato, pensamos em julgar, criticar pelo simples fato de que fulano não tem a mesma opinião que a nossa ou porque fez algo que não consideramos ser o “correto”? É exatamente por isso que precisamos da empatia, para podermos enxergar as coisas sob uma ótica diferente.

Além disso, segundo o filósofo australiano Roman Krznaric “o hábito de empatizar pode criar laços humanos que fazem valer a pena viver [...] sem isso somos seres menores, e apenas parte do que poderíamos ser”.

Portanto, devemos começar a praticar a empatia o quanto antes, para sermos melhores como pessoa e para melhorarmos também a sociedade em que estamos inseridos.

Colaboradora

(Texto 11)

A empatia é a saúde da sociedade e do indivíduo.

Mesmo sendo psicóloga especialista em comportamento humano, é inegável que vivemos em uma sociedade doente e conturbada. A sociedade, no âmbito local ou mundial, ferem a empatia cometendo, desde grosserias públicas, práticas mais graves e frequentes, como o terrorismo.

O dia-a-dia do cidadão seria tão mais saudável se tratado com doses de gentileza e alteridade. No transporte público, o cidadão, à todo custo, se apressa para garantir seu lugar e, ao avistar alguém possivelmente mais cansado, finge que está dormindo. Por que não se dispor a segurar sua mochila ou oferecer o seu lugar? Ao oferecer ajuda, imaginando seu cansaço, já provoca um grande impacto.

Segundo a minha atual pesquisa sobre empatia, respeitar a cultura do outro é uma de suas formas, portanto, presumo que o terrorismo poderia ser combatido com a alteridade. Por que não se colocar no lugar da vítima e tentar entender que ela, muitas vezes, não fez nada de ruim ao povo muçulmano para ser condenada segundo suas crenças? Por que não se colocar no lugar do muçulmano e tentar entender que ele tem uma crença e o mundo deve respeitá-la?

O mundo é heterogêneo e, para que mantenha-se estável, deve agir com empatia e respeito.

Colaboradora.

(Texto 12)

Benefício próprio e mútuo

Colaboradora

O ódio instala-se em uma pessoa quando a empatia já não mais se faz presente. Há quem diga que este comportamento traz muitos laços sentimentais e intimidades desnecessárias. Porém, como psicóloga especialista em comportamento humano, posso afirmar que se a humanidade já tivesse conseguido aprender ag, digo, agir com solidariedade nossos problemas seriam bem menores e alguns até inexistentes.

A grandiosidade das mudanças provocadas pela empatia atinge desde o convívio familiar diário até relações entre países. Assim como filhos devem colocar-se no lugar de seus pais, Americanos devem colocar-se no lugar de Mexicanos, por exemplo. Isso não significa tomar decisões estritamente baseadas em outrem e sim ter a oportunidade de ver a situação de modo mais abrangente. Sempre dizemos que quem vê a situação “de fora” vê melhor, e é justamente essa oportunidade que se apresenta.

Além disso, a partir do momento que passamos a dar importância ao sentimento alheio e compreender suas razões, temos chave para o autoconhecimento. Isso é de extrema necessidade, já que precisamos encher para melhor para podermos fazer escolhas mais acertadas. O filósofo Sócrates já disse. “Conhece-te a ti mesmo”, comprovando esse fato. Dessa forma, a empatia traz benefícios para nós mesmos por nos agrega auto conhecimento, e também nos faz compreender as atitudes do outro, ajudando na convivência e redução de problemas de ambos.

(Texto 13)

Por um mundo menos individual

O ser humano apresenta uma necessidade urgente em nossa sociedade: a de o ser humano desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro. Quando nos proporcionamos a tentar compreender os sentimentos alheios, ou mesmo entender seu ponto de vista, agimos de maneira empática. E agindo com empatia nos tornamos pessoas melhores.

Para que possamos ser justos diante de uma situação problemática envolvendo pontos de vista diferentes, é essencial observar e compreender da perspectiva do outro. Portanto, colocar-se no lugar do outro ajuda a olharmos a situação de maneira diferente e assim podemos analisar diversos pontos de vista justa e racionalmente.

Além disso, olhar pelos olhos do outro proporciona um amadurecimento emocional e social muito grande. Acredito que partindo do ponto de vista alheio compreendemos diferentes sentimentos e emoções, aprendemos assim a lidar com vários conflitos, internos e externos. Agindo de maneira empática, nós passamos a tratar o outro com mais respeito e mais compreensão. Isso é essencial para uma sociedade não viver em meio ao caos e com pessoas egocêntricas.

Colaboradora.

(Texto 14)

Precisa-se de empatia

Colaboradora

Já diziam os filósofos que “o homem é o lobo do próprio homem” e “sei que nada sei”. Acredito eu, psicóloga e especialista em comportamento humano, que eles estavam certos, porque esse mundo extremamente competitivo as pessoas estão se tornando cada vez mais egoístas e se acham melhores que outras, o que resulta na ignorância como o próximo e com o próprio conhecimento. Há quem diga o contrário, que a sociedade de Durkheim, a atual, visa a individualidade, o que indica o maior grau de desenvolvimento. Mas minha atual pesquisa sobre empatia indica que é justamente a capacidade de se colocar no lugar do outro – a empatia – é que transformará o mundo.

Além disso, penso que a empatia traz benefícios mútuos: ao mesmo tempo em que se consegue compreender quais são os pensamentos e sentimentos do outro e, logo, ajudá-lo, essa capacidade de ver o mundo sob vários pontos de vista favorece àquele que praticam o ato e entender porque as pessoas se comportam de certa maneira. Ou seja, a sociedade, por consequência, seria mais tolerante das divergências de opinião, crenças, e até mesmo etnia. Em uma escala menor, seríamos capazes de evoluir a forma de como são nossas relações interpessoais, estabelecendo laços mais concretos pela prática da empatia.

Dessa forma, reforço a importância de se colocar no lugar do outro pois o ato fará bem para o próprio empático. Assim, o mundo precisa de mais empatia nas atividades mais banais do dia-a-dia e até nos mais abrangentes e, cada um fazendo sua parte, a Terra será um lugar mais agradável para se conviver, logo, precisa-se disso urgentemente!

(Texto 15)

O olhar (urgente) ao próximo

O mundo está em um momento crítico, logo à metade do ano de 2016, já passamos por crises políticas, econômicas, atentados e outras situações que vem amedrontando a sociedade. Como psicóloga: especialista em comportamento humano, vejo que não há garantia de estabilidade, segurança ou paz, mas acredito que é possível superar esse momento através do exercício da empatia.

Vivemos em sociedade, portanto, em teoria, dependemos uns dos outros; no entanto, muitas pessoas prendem-se exclusivamente às suas vidas, de modo egoísta, dificultando o convívio social, o que pode acarretar em problemas políticos, por exemplo. A vida privada, na sociedade, está atrelada à social e por isso o olhar ao próximo é imprescindível para o funcionamento da sociedade. Dependemos que alguém olhe por nós para termos direitos e seguridade social, da mesma forma, temos que olhar para os outros, convivendo e colaborando com eles.

Em meio à realidade atual, a falta de empatia se evidencia. No entendimento psicológico, percebo cada vez mais como a humanidade está egoísta: pessoas por cima de outras para ascender no emprego tramam armadilhas e olham apenas para sua vida, esquecendo que dependem da vida social. O mundo passa por um momento de urgência: vemos pessoas sendo mortas em massa, tragédias e embora tudo pareça distante de nossas vidas pessoais, parte de alguém, uma pessoa como nós com as mesmas capacidades humanas.

Assim, é urgente a nossa participação, através do exercício da empatia para transformar o convívio social no mundo em que vivemos.

Colaboradora

(Texto 16)

Empatia, apatia ou distopia?

Colaborador

Guerras, ataques terroristas e o auge do capitalismo financeiro. De fatos essas situações tornaram-nos frios e apáticos. Há quem defenda essa realidade como natural da modernidade. Porém essa visão soa profundamente ingênua aos meus olhos, ao passo que essa sociedade frígida consome nossa humanidade. Ante esse inimigo surge como herói a empatia.

Como psicólogo dessa área, enfatizo como a empatia é fundamental para as relações humanas visto que essa serve de intermediadora entre os extremos de um conflito. Como pontua o livro “Efeito lucifer”, não há bem ou mal apenas opiniões pautadas em um viés diferentes, entretanto só compreendemos isso quando estamos dispostos a dialogar, a usar a empatia.

Alem disso a perda da empatia enfraquece a perda de nossa humanidade. A capacidade de entender o outro é valiosa para a vida em sociedade. O livro “Admirável mundo novo” demonstra como nos tornaríamos sem a empatia: frios mecânicos, esboços de humanos. É preciso resgatarmos nessa humanidade: lutar contra o medo do diálogo, para que não nos tornemos retalhos de uma distopia fictícia.

(Texto 17)

E se mudarmos de perspectiva?

É um fato: o ser humano, gradativamente mais egocêntrico e imediatista, desconhece a primorosa arte de se colocar na condição do outro, ou a empatia. Embora haja os que têm convicção de que ouvir o outro é perda de tempo, quiçá conversar e compreender genuinamente os sentimentos alheios, é imprescindível absorver a capacidade empática como forma de melhorar a convivência em sociedade e transformar o mundo (o que não há de acontecer, convenhamos, se os indivíduos só enxergam o próprio umbigo). Na posição de psicóloga, especialista em comportamento humano, preconizo a urgência do desenvolvimento de um cotidiano mais altruísta, compreensivo e pacífico, dado que todos, sem exceção, estão sujeitos a erros e adversidades, carecendo sempre de auxílio emocional, não é mesmo?

Vislumbrar a ótica do outro, seja ele amigo, inimigo, parente, desconhecido, agradável ou ríspido, é mais do que, nesse sentido, incorporar uma postura estática diante do que se escuta ou vê. Ser empático é saber que ninguém é plenamente realizado se é sozinho, é perceber a reflexão que o próximo causa em nós mesmos; é apoiar, motivar e demonstrar compaixão pela condição alheia, tão irremediavelmente mísera quanto a sua. Quase como um apelo, as novas gerações imploram, sob tal contexto, por mais abraços e menos telas de smartphones. Perceber o quão fundamental é mudar de perspectiva sempre que lhe for requisitado fará, um dia, esperançosamente, o mundo deixar de ser guerra e assumir a paz. Por Colaboradora.

(Texto 18)

Efeito Dominó

Desde a antiguidade até os dias de hoje, é comum vermos situações que acabaram resultando em desentendimentos e confrontos pelo fato de que nenhum dos envolvidos pararam para pensar no que motiva o outro a agir como tal. Como psicólogo e especialista em comportamento humano, eu digo que muitas coisas mudariam para melhor se a empatia, assunto da minha atual pesquisa, fosse levada em consideração pela população mundial.

Ao se colocar no lugar do outro, compreender seus sentimentos e agir com a empatia, muitos conflitos poderiam ser evitados. Imagine como seria se no Oriente Médio todos respeitassem e compreendessem o próximo independente de sua religião e sem tentar impor suas próprias crenças? A empatia, se levada a sério, poderia diminuir também o número de pessoas que vivem em condições desumanas, pois muitos estariam dispostos a ajudar. Até em casos mais simplórios, como socorrer um amigo que passa por um momento de necessidade, a empatia está presente.

De modo geral, nossa sociedade precisa ser capaz de agir com empatia e a entender mais as intenções do próximo urgentemente, com o intuito de aumentar a qualidade de vida própria e das pessoas a sua volta, até que isso tenha “efeito dominó” e atinja a todos.

Colaborador

(Texto 19)

Ser mais humano

Alguma vez você já pensou que se estava mesmo certo ao julgar a atitude de alguém, sem saber o motivo? Provavelmente, não. Embora o ser humano tenha empatia, o senso comum prevalece e se expressa mais na maioria das pessoas, pois é muito mais fácil apenas criticar do que primeiro analisar a situação com os olhos de quem a viveu.

O homem é um ser social, vive em sociedade, e precisa da empatia para conviver em harmonia. Muitas das tragédias ocorrem no mundo, desde pequenas discussões, até a atentados, poderiam ser evitados se cada um se propusesse a ver com os olhos do outro, e a entender seus ideais, sentimentos e cultura.

A falta de empatia pode ser um dos motivos que esta levando o ser humano a viver cada vez mais sozinho, evitando se relacionar com os outros, ou limitando esse relacionamento a internet, onde a quase inexistência desse valor também é problema recorrente.

Por esses motivos, é dever de cada um buscar agir com mais empatia e, ao menos tentar entender os outros. Se isso fosse feito o mundo já seria melhor, pois poder se relacionar verdadeiramente bem com os outros e si mesmo é o que faz do ser humano, mais humano.

Colaboradora.

(Texto 20)

Outros mundos

A importância de perceber o mundo de outra pessoa à partir dos olhos dela aumenta as emoções do ser humano. Chamamos isso de Empatia. Há quem acredite ser mais importante estar sempre em primeiro lugar, não se interessando pelo outro por nunca ter vivenciado a Empatia. Como Psicóloga, sou a favor da quebra das barreiras desse egocentrismo, pois se colocar no lugar de outrem nos faz experimentar suas emoções, compreendendo o.

Além disso, tive o prazer de ler sobre filósofos como Roman Krznaric, que sempre dizia: “a empatia cria laços humanos que fazem valer a pena viver. Com isso, reitero que a empatia pode tornar o mundo com pessoas mais fraternas. Conhecer experiências diferentes é fundamental.

Você já desenvolveu empatia por alguém? Não precisamos ir tão longe. Pode-se ajudar, por exemplo, aquele morador de rua durante o inverno. Coloque-se no lugar dele e imagine seu sofrimento sem ter roupas para se esquentar. Ajudá-lo pode ser algo gratificante.

ANEXO B - REDAÇÕES DISPONIBILIZADAS PELA CVU MARCADAS COMO MÉDIAS

(Texto 1M)

É preciso entender primeiro o que é “empatia”? Empatia é compreensão, você pode compreender os sentimentos de outra pessoa, seja amigo, colega, desconhecido, irmão (ã), pais, etc. pode se colocar no lugar deles o que estão passando ou seja você está conhecendo a pessoa.

Antes de falarmos qualquer palavra devemos para e pensar se não vamos magoar ou ofende-los. Se as pessoas comessem a pensar nisso, isso melhoraria a própria vida, e ajudamos a transformar um mundo melhor. Quando temos um olhar mais empático passamos a conhece-los melhor as pessoas e até o mundo.

Assim, conversar com um estranho para muitos isso não é muito agradável ou melhor não é do nosso dia-a-dia, mas sabendo que pode ser uma aventura. Um desconhecido que senta ao nosso lado no banco do ônibus, avião, etc, pode ser qualquer tipo de pessoa mas não podemos esquecer: “É um ser humano igual nós”.

Colaboradora.

(Texto 2M)

Tudo o que precisamos é um pouco de empatia

Já tentou se colocar na situação de alguém muito diferente de você, ao menos uma vez? Ouvimos, ou melhor, ouve-se sempre o discurso de que “cada um é cada um”, mas talvez esse pensamento torne as pessoas extremamente egoístas.

Nossa sociedade, infelizmente, vive em constante isolamento social e pessoal. As pessoas costumam enxergar seus problemas sempre maiores que os dos outros, sendo essa a justificativa de sua falta de empatia. Em uma, digo, um tempo cheio de preconceitos e violência, encontrar coisas mais preocupantes é tarefa difícil.

Há uma necessidade de observar ou pelo menos ouvir o que as minorias sociais sofrem diariamente, por exemplo. Quando há uma análise mais profunda mais profunda do assunto, chega a ser chocante a opinião que esses indivíduos sofrem diariamente. Não apenas visando minorias sociais, mas também os idosos que em meio a tantas dificuldades, ainda existem indivíduos questionando direitos como fila preferencial e vagas de estacionamento. Um dia alguns deles serão idosos, porém a empatia não é apenas em si mesma vivendo certa situação no futuro, e sim enxergar as pessoas e suas dificuldades no próprio presente.

Colaboradora

(Texto 3M)

Comportamento empático

Será que estamos vivendo em um mundo de Autistas e psicopatas? em que ninguém tem a capacidade de compreender os sentimentos dos outros? A sociedade se tornou egoísta, vivemos ne um mundo individualista.

Pensar de uma maneira empática se colocando no lugar do outro, pode ajudar a ter um mundo sem guerras, pois ao ver o ponto de vista de ambas as partes, poderia se chegar a um acordo que beneficia a todos.

Preconceito, opressão ou Bulling são derivados desta falta de compreensão em relação ao seu próximo, em que se é julgado uma pessoa em uma situação sem ao menos se colocar no lugar dela, ou analisar o contexto que ela passa ou vive.

O mundo precisa ter uma visão mais empática, e no futuro além de empatia as pessoas possam ser simpáticas, compreendendo e desejando o bem estar dos outros.

(Texto 4M)

Empatia, o artigo de luxo

Um fato em nossa sociedade: a carência de sentimentos. O ser humano tornou-se imune ao outro de modo que o individualismo transcende a educação e o respeito e nos deixa sedentos de uma convivência mais real. Há a necessidade de reconhecer, compreender e colocar-se no próximo.

Como psicóloga a profissão me proporciona outra perspectiva das pessoas tenho percebido na minha pesquisa a dificuldade que muitas possuem em expressar pensamentos. A falta dessa habilidade é refletida nas relações superficiais e distantes. Não decifrar as próprias emoções nos incapacita diante de outro indivíduo. Somos capazes de transformar essa realidade?

A instantaneidade das informações é um fator responsável pelo egoísmo construído. Sentimentos de compaixão e amor fraterno são inexistentes. Na França e na Bélgica, o terrorismo evidenciou as relações líquidas e ausência de respeito dos agressores.

A empatia é precária no meio social. Assim que houver consciência que essa capacidade é necessária ao desenvolvimento de uma convivência harmoniosa, o mundo será um lugar mais prazeroso e digno.

Colaboradora

(Texto 5M)

A solução está em você

Quem nunca se pegou reclamando do mundo atual? Eu já afinal, em todos os lugares falta alguma coisa, algo que poderia mudar o mundo, falta empatia.

Aos nos colocar no lugar do próximo, poderíamos evitar desde discussões à roubos e acidentes, tudo só de deixar de lado o individualismo e o egoísmo, pensando assim em como o outro se sentirá.

O primeiro passo é tomar cuidado com o que se fala, ajudar em casa, dar bom dia e etc, pois eu sei que são exemplos simples e que parece utópico pensar que isso transformaria o mundo, mas é nessa simplicidade que precisamos começar a praticar a empatia.

Zelar pelo outro é necessário, uma vez que não somos nada além do outro de alguém. A solução para os problemas está em sua mão.

Colaboradora

(Texto 6M)

O ser humano, deve ser humano

“Coloque-se no lugar dele”, “adote o ponto de vista do outro”, “seja mais humano”. Essas são algumas das frases que mais ouvimos quando o tema é empatia. Como psicóloga e especialista em comportamento humano e que dirige atuam, digo, atualmente uma pesquisa sobre empatia, fui convidada por, esse, digo, este jornal de grande circulação para escrever um artigo sobre a importância de as pessoas serem empáticas como forma de melhorar suas vidas e de transformar o mundo colocando-se no lugar do outro. Apenas o fato de vivermos em uma aldeia global, é suficiente para que o exercício da empatia tornar-se um pré-requisito para uma boa convivência? É claro que sim. A ideia de que a empatia não é uma forma de melhorar suas vidas e de transformar o mundo é generalista, simplista e ingênua. É visível que somos interdependentes.

Vivemos em uma sociedade orgânica e globalizada. Não é a ciência que irá transformar o mundo, mas sim “o braço estendido” para o outro, para as diferenças e não apenas para o próprio umbigo. Pesquisas comprovam que ser empático, melhora a qualidade de vida, afinal estamos todos ligados. “O ser humano deve ser humano”, exercendo a empatia. Colaboradora.

(Texto 7M)

Empatia e sua vida

A empatia, capacidade de se colocar no lugar no, digo, do outro é uma atividade que precisamos exercer o mais rápido possível, se formos considerar o mundo egocêntrico em que vivemos, onde cada um se preocupa apenas consigo mesmo. Precisamos desenvolver essa qualidade, que nos levará, no futuro, a criar relações mais generosas e mais afetuosas, transformando para melhor nossa sociedade.

Desenvolvendo a empatia podemos criar laços humanos que fazem valer a pena viver, saindo da nossa zona de conforto e entrando na vida dos outros, promovemos nosso bem estar, e quando estamos bem tudo está bem também.

Grata,
Colaboradora

(Texto 8M)

Em uma sociedade egocêntrica, na qual vivemos, raramente se encontram pessoas empáticas, ou seja, aquela que se coloca no lugar do outro e compreende-o. Além disso, uma das melhores maneiras é conversar com desconhecidos e descobrir assim pontos de vista diferentes. Bem como, em minha pesquisa, a qual tento entender melhor a vida das pessoas, mesmo que não desperte o desejo de ajudá-las. Outrossim, a raiva é um dos problemas ocasionados pela falta de empatia, portanto, a compreensão de um indivíduo com o outro é

necessária para manter a paz e o bem-estar de cada um. Imagine um mundo sem guerras e com harmonia, o quão bom seria? A oportunidade de melhorar a produção deve ser dada por intermédio do diálogo e deve começar por cada um, com a empatia.

Atenciosamente, Colaboradora

(Texto 9M)

Como Descartes previa, a sociedade tende a ser “descartável”. A falta de relações primárias ou secundárias, resultou em um espaço egocêntrico desprovido de empatia e/ou simpatia. Sem estes, segregações sociais passaram a dominar popo, digo, populações. Não ajudar o próximo, resulta em uma redução no desenvolvimento tecnológico relacionado às necessidades pessoais. Com baixa produção de novos equipamentos, o consumo abaxaria, levando milhares de empresas à falência.

Neste ecossistema onde ninguém doa tempo ou habilidades a fim de melhores condições à outros e o individualismo digital predominante, a harmonia e paz em diferentes etnias/religiões, não passará de um mito. Atualmente, vivemos em um planeta de lutas baseadas em opiniões particulares, na falta do interesse de entendimento em ambas, digo, ambos os lados. Sem compaixão ou empatia ao próximo, nossa biosfera passaria a concordar com a frase de um filósofo, “o homem é lobo do homem”.

Colaborador.

(Texto 10M)

O mundo está violento, agressivo, desumano... e se todos fossem mais empáticos?!

A empatia é uma solução para a sociedade atual. As pessoas precisam pensar umas nas outras, se colocar no lugar do próximo seria suficiente, para um estuprador por exemplo, ou será que ele gostaria de ver o próprio filho sendo violentado.. com certeza não, mas é o que muitos deles fazem com as vítimas! Talvez essa nova iniciativa contribua para o bem do planeta e melhore a vida de todos.

O homem necessita de mais Humanidade!

A população está cansada de ser atacada, violada todos os dias, falta amor e principalmente solidariedade, como afirmou Durkheim, esses fatos agravantes geram patologias no corpo social, prejudicando todo o funcionamento de uma rotina ideal, é urgente a necessidade de se estancar essa “ferida”, como analisadora de comportamento humano, vejo o futuro ideal, caso haja transformação no pensamento dos homens, na parceria mútua de todos, ousou ainda dizer: “a união faz a força”, união saudável obviamente.

Este é o meu desejo como colaboradora, e o seu qual é?!

(Texto 11M)

Sociedade Empatizada

Colaborador

Chegar em casa, deitar no sofá, ligar o noticiário. Essa simples rotina evidencia a importância e a urgente necessidade de uma sociedade que conheça o significado de empatia.

A psicologia, minha área de estudo e de trabalho, define empatia como a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo seus sentimentos sem vivenciar as mesmas emoções, simplesmente o que está em falta no mundo atual.

Guerras, conflitos ou simples disputas judiciais, a complexidade dos fatos varia, mas todas se resolveriam ou ao menos se remediariam com uma dose diária de empatia entre as pessoas. Audiências de reconciliação são os exemplos comuns do uso da compreensão através do ponto de vista do outro.

O que deve ser deixado claramente exposto como afirma o escritor Roman Krznaria, é o bem-estar gerado pela empatia, que _____ tera-nos de nosso próprio égo, digo, ego, visando através da perspectiva alheia.

(Texto 12M)

Mudança urgente

“Menina de 16 anos sofre estupro coletivo de 33 homens”. Todos ficamos chocados com tal notícia não é? Como psicóloga e especialista em comportamento humano, confesso que não consigo entender tal, digo, tamanha brutalidade. Sabe o que é pior? É que estamos inseridos nessa sociedade egocêntrica e narcisista, a qual não é capaz de enxergar o lado do outro. Para melhorarmos nossas vidas e impedirmos que atos brutais como esse ocorram precisamos nos por no lugar uns dos outros e respeitar as diferenças de cada um.

Precisamos, de forma urgente, mudarmos nossa postura e desenvolvermos a empatia, pois a cada dia vemos um planeta se esgotando e uma sociedade de moral degenerada que se mata e comete atrocidade em nome do prazer próprio. Nossa intorância e imoralidade chegou à níveis que não estamos sendo capazes de lidar. Por esses motivos, uma revolução moral pautada empatia como forma de se por no lugar do outro- ou do planeta- para tentar compreender os sentimentos e os pontos de vista alheios, é a saída mais lógica e eficaz para termos vidas e um mundo melhor.

Colaboradora.

(Texto 13M)

O dom da empatia

Ninguém é capaz de conhecer uma pessoas com um único contato, podemos até simpatizar com alguém, mas para conhecer verdadeiramente uma pessoa, nós precisamos desenvolver empatia por ela. Mas o que seria empatia? Eu diria que é a capacidade ou até mesmo o dom de se por no lugar do outro, sem visar nenhum benefício próprio. O mundo está se tornando um lugar triste e vazio, pois estamos perdendo a capacidade de olharmos para a pessoa que está ao nosso lado, nos preocupamos apenas com o “nosso umbigo”. Vivemos em sociedade, portanto, temos que ser sociáveis, a pessoa antipática é aquela que vive sozinha, não se importa com nada além de si, esse tipo de pessoa tem grandes chances de desenvolver depressão ou outro tipo de doença.

Se importe, desenvolva empatia pelas pessoas, o que pode ser sem importância para você, pode ser “o fim do mundo” para alguém. Não se esqueça de ser sociável, e ter empatia.

Atenciosamente, Colaboradora

(Texto 14M)

Empatia é uma ação muito importante para a sociedade.

Segundo a revista Vida Simples, empatia é compreender o sofrimento do próximo, ou a alegria que ele sente colocando no lugar do outro.

Se ao mínimo cada um de nós tivéssemos, empatia com o próximo, teríamos uma sociedade melhor ter empatia e ter um olhar de compreensão do próximo e por segundo ter simpatia de ver o outro bem.

Precisamos necessariamente praticar essa ação, que não é muito difícil mais requer cuidado ao analisar e julgar ao nosso próximo na primeira vista.

(Texto 15M)

“Coloque-se no meu lugar”

A capacidade de compreender o sentimento ou o ponto de vista do outro é extremamente necessário para uma sociedade, o que infelizmente está escasso, no dias atuais.

Como psicóloga especialista em comportamento humano, analiso muito o cotidiano das pessoas, e vejo o trágico “mundinho das mentes fechadas” que estamos vivendo. É preciso se libertar para do egoísmo. Ajudar ao próximo é comprovado por estudos que faz para a saúde.

Ser uma pessoas empática é a rara capacidade de saber se colocar no lugar do outro, conseguir sentir o que as pessoas têm a nos ensinar.

Todos passam nas nossas vidas por algum motivo, e sempre nos ensinam experiências novas, saiba aproveitar as chances da vida.

(Texto 16M)

A importância da empatia nos dias atuais

Nos dias de hoje, pouco tem se falado da importância da empatia em nossos dia-a-dia, porém, porém mo, digo, mais do que nunca este assunto precisa se tornar presente em nossas vidas, vejo como psicóloga essa necessidade.

A empatia leva a simpatia, ações que, se fazem, nes, digo, necessárias na atual sociedade individualista em que vivemos. A comunidade LGBT, negros, mulheres e outras minorias vem ganhando espaço em nossas sociedade, e para que sejam de fato tratados como iguais, a empatia precisa ser colocada em prática. Outro fato também ligado a isso é o de que, quando somos empáticos uns com os outros a sociedade se torna um lugar melhor, onde cada um pode expressar sua liberdade individual e onde um é capaz de ajudar o outro sem querer nada em troca. Resta que, haja conscientização e que cada um faça sua parte no mundo, para termos assim uma sociedade, um mundo cada vez melhor.

Grata pela atenção.

Colaboradora

(Texto 17M)

Quantas vezes dizemos uns aos outros “coloque-se no meu lugar” ou “coloque-se no lugar dele”. Mas realmente fazemos isso na pratica? Como psicóloga e especialista em comportamento humano e recentemente fazendo uma pesquisa a qual fala sobre empatia.

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Mas porque devemos ser empáticos? Simples, para melhorar não somente nossa vida mas transformar o mundo segundo Roman Krznaric “O hábito de empatizar pode criar laços humanos que fazem valer a pena viver” e segundo o americano Lauren Wispe “A empatia é um modo de encontro com o outro”. E como diz Krznaric nosso bem estar depende de sairmos do nosso próprio ego e entrarmos na vida de outros.

Colaboradora

(Texto 18M)

A empatia é algo que todo ser humano deveria desenvolver. A capacidade de se colocar no lugar do outro, para conhecê-lo e entender seus sentimentos, ponto de vista e ações, servir um bem para toda a humanidade. Tal ação tornaria o mundo um lugar melhor, com pessoas mais compreensivas.

Puxar conversa com um desconhecido, focando em temas mais importantes como as prioridades da vida, as idéias e os sonhos, pode ser um exercício poderoso, segundo o escritor Roman Krznaric. Atitude essa de total importância para o meu ver. Assim ficaria muito fácil se colocar no lugar do outro.

Outro ponto importante a se ressaltar é não julgar as atitudes da outra pessoa, com toda certeza ela teve seus motivos para que a levasse fazer aquilo. Ao julgar não estamos sendo compreensivos e acabamos inibindo o outro.

Se todos nós buscarmos essas atitudes em nosso dia-a-dia despertaríamos em nós o nosso melhor, acarretando no bem do próximo. Vamos buscar agir assim e, melhorar o mundo, você, nós, só temos a ganhar com isso!

Colaboradora.

(Texto 19M)

Corrente do bem

A empatia não está só em grandes atitudes solidárias, como doações de bens materiais, mas também em pequenas atitudes diárias que tornam o mundo um lugar melhor para viver.

Em um artigo que publiquei na Revista da Psicologia sobre o comportamento humano, afirmo, com base em pesquisas, que a empatia faz parte do subconsciente humano. A ausência desta caracteriza os psicopatas e, a inibição, os autistas. Nos importamos com as pessoas à nossa volta é, mais que semear o bem, colher bons frutos. As pessoas tendem a ajudar quem já as ajudou e têm maior dificuldade em prejudicar quem lhes ofereceu boas atitudes.

A empatia mostra um lado bom do egoísmo: “fazer bem sem olhar a quem” uma vez que se todos aderirem a esse lema, o bem retornará ao próprio “bem-feitor”. Ou seja, cada um que age com empatia, ajuda a construir um mundo melhor para todos, inclusive si mesmo.

(Texto 20M)

A correria do dia-a-dia gera duas graves consequências, afasta as pessoas umas das outras e gera uma sociedade cada vez mais egocêntrica, o que chama a atenção de vários especialistas em comportamento humano.

Raramente observa-se uma pessoa que tenha um tempo em sua agenda para ajudar o próximo, seja com um sorriso, seja se colocando no lugar do outro. Coisa que é fundamental para viver em harmonia com a sociedade e consigo mesmo.

Há vários tipos de problemas desde deficiência até uma doença e, todos os possuem. Porém se cada um fosse empático para como o próximo, os problemas poderiam parecer mais leves e mais fáceis de serem solucionados.

Desta maneira, a sociedade em geral deve ser empática, pois estudos comprovam a empatia é capaz de melhorar o humor, a qualidade de vida e de transformar o mundo, basta agir de coração sem querer nada em troca.

Colaboradora – 15 de maio de 2016.

ANEXO C - REDAÇÕES DISPONIBILIZADAS PELA CVU MARCADAS COMO RUINS

(Texto 1R)

Um brinde ao sentimento alheio

O ato de nos posicionarmos do outro lado da moeda não está muito visível em nossa sociedade. O ser humano dia após dia deixa de pensar no coletivo e pensa em si próprio, o que não é uma atitude sábia.

Porque praticar a empatia? O benefício de vivermos harmoniosamente traz qualidade em nossa saúde mental e psicológica, já que desviamos de desentendimentos diários, e ao nos apoiarmos nisto, nosso rol de amigos aumenta, proporcionando uma melhor interação social.

Compreender a situação alheia é uma das melhores formas de tornar nossa convivência em grupo melhor.

Colaboradora

(Texto 2R)

Caro colaboradores sabendo que a uma grande importância, a ter com as pessoas, que nos convivemos. Durante os dias, como no trabalho ouvi-lo, entedido, e compreender o que diz sendo assim explicar de maneira coerente que ela compreenda com clareza.

Dessa forma você estará competindo com pessoas e também e mostrando seu potencial a forma como você lida com elas, isso e a empatia.

Se todas Interagisse de maneira agradável não só pensando em si mesmo poderia mudar o mundo ou melhorar um pouco e assim acabaria com esse egoísmo que todos tem.

Colaborador

(Texto 3R)

Nós não podemos julgar os outros nunca, coloque-se no lugar de outra pessoa, você gostaria de ser julgado? Aposto que não, sou psicólogo a 20 anos, e vejo que o ser- humano, se quer tenta entender o que a pessoa está sentindo, ou até mesmo ter um ponto de vista mais amplo da sociedade que nós vivemos.

Se todos pararem para pensar no que o disse, Teríamos assim então um mundo em que as pessoas Teriam a capacidade de pensar pelos seus atos, haveria assim então um mundo mais repleto de amor e bondade entre as pessoas.

(Texto 4R)

Venho por meio deste artigo relatar um “problema” da sociedade podemos ver o individualismo hoje ate mesmo na nossa família, o irmão ve a roupa do outro jogada no chão e não tem o capacidade de falar e nem de pegar so passa por cima como se não tivesse nada ou melhor o marido chega em casa senta no sofa e não quer saber de nada nem se quer o

sentimentos de sua esposa, isso tem cada dia se tornado mais comum, temos de ser democratico ouvir o que o outro tem a dizer se colocar no lugar dele as vezes achar a solução se for um problema, as vezes a pessoa tem um problema e não consegue resolver, você tem a solução mas por motivo, ou, de individualismo nem se quer saber qual é o problema, ao invés disso poderia procurar saber o problema, porque pode ser uma coisa tão simples e a pessoa esta confusa e não sabe o que fazer, e so você se colocar no lugar dele para entender assinado: colaborador

(Texto 5R)

Falar e ouvir não é sentir

Colaborador

A expressão “empatia”, muitas vezes em falta no nosso vocabulário, é muito importante adquiri-la para sua melhor convivência e à sociedade.

A questão de aceitar as dificuldades e defeitos dos outros não significa só saber lhe dar com as pessoas, mas sim compreende-las e sentir seus sentimentos, de forma que isso torna-te uma lição de vida, como forma de “consciência” para uma sociedade melhor.

As vezes falamos de alguém sem se colocarmos no lugar dela e ter a visão do que passa realmente, este ato acaba tornando-se um mal para si próprio e para que sabe ou não do que pensam dela, concluindo que a empatia encaixa-se com respeito e educação, que no qual forma uma sociedade.

(Texto 6R)

Estamos vivendo em uma sociedade em que as pessoas não chega a conhecer uns aos outros nem a si proprio, gosta de julgar sem mesmo conhecer o próximo. Há quem diga que não é necessario se envolver com os outros pois já temos problemas de mais. Contudo não penso dessa maneira, nós devemos melhorar os nossos aspectos e ser um pouco mais empatico com as pessoas, isso ajudaria a ser melhor não só com os outros más com nós mesmo.

Pare de jogar as pessoas tende-se colocar no lugar dela, veja, o que ela passa, sinta na pele, você vai ver como você pode mudar a vida de alguém e até si proprio.

Atenciosamente, Colaboradora

(Texto 7R)

“No lugar do próximo”

As pessoas devem parar de pensar apenas nelas mesmas, e ver qual é a situação dos outros, pois todos acham que seus problemas são os piores, mas as vezes se colocarem-se no lugar dos outros que se encontram em estado de calamidades vão poder conhecer quais são de fato os verdadeiros problemas do mundo.

Pois as pessoas que se importam com os outros, e são assim as empáticas, visam o mundo de forma diferente, e procuram ajudar os outros o maximo possivel, pois elas se põe no lugar dos outros, sendo que se fossem com elas também iriam requerer de ajuda. Assim como muitos sofrem por preconceito de vários tipos e ou por condições financeiras, ou diversos outros problemas, mas se você é aquela pessoas que critica ou faz pouco caso dos

outros, pare e se coloque no lugar dele, e assim se for o caso poderá parar de ser o mal da história.

Colaborador.

(Texto 8R)

Empatia

Colaboradora.

Laços humanos, solidariedade e compreensão é o que falta para uma humanidade mais gentil. Há quem diga, que esses sentimentos de empatia não mudará a sociedade. Como Psicóloga, especialista em comportamentos humanos, vejo nesta medida uma solução.

À solidariedade para com os outros, isso é o que falta para termos um mundo mais justo e compreensivo. Poderíamos, compreender a visão do outro se colocar diante de seus sentimento, tendo visão da situação. Assim teríamos um mundo melhor.

A empatia, deveria ser levada em conta pelas pessoas, pelos prazeres que são proporcionados por ela, trazendo benefícios até mesmo na qualidade de vida. Sendo assim, a solidariedade e compreensão é o que falta para um mundo melhor.

(Texto 9R)

Basta há desigualdade

Você já parou para se perguntar o porque de tanta desigualdade no mundo? A maioria de nós provavelmente sim mas raramente nos colocamos na situação de outra pessoa, pensando geralmente em nós mesmos, se fossemos mais empáticos e encarássemos os problemas da sociedade como nossos, talvez fatos tão graves como a fome, violência doméstica, drogas entre outros não seriam tratados de forma tão banal.

Não espero que as pessoas tomem problemas alheios para si, mais que possam ao menos encher galo como de fato é, e assim não repetindo o mesmo erro.

A mudança acontecem em cada um de nós, por isso não devemos perder tempo e começar agora a fazer a diferença

Ass. Colaborador

(Texto 10R)

Pensando no próximo podemos se tornar pessoas melhores, mas nem todo mundo pensa assim, alguém deles são egoístas e não se coloca no lugar do outro. Na minha opinião isso não faz ninguém melhor que ninguém e pelo ao contrário, as vezes não enxergamos que alguém precisa de cada um. Exemplo, talvez um simples bom dia já faz uma pessoas se sentir bem e isso faz a outra pessoa se sentir melhor, quem sabe se pensamos mais no próximo o mundo seria melhor.

Colaboradora

(Texto 11R)

Estamos em uma sociedade que se torna cada dia mais egocêntrica, pessoas tem atitudes estúpidas antes mesmo de se por no lugar do outro.

Precisamos mudar esse comportamento, se colocar no lugar do próximo é um ato de amor, ter a capacidade de compreender e agir da maneira correta e ajudar a pessoa que necessita.

Muitas das vezes a pessoa não precise de muito para se sentir melhor, precisa de alguém que se ponhe em seu lugar e a entenda o que se passa, pequenos atos podem mudar vidas.

(Texto 12R)

Empatia o remédio para o mundo

Colaboradora

É comum no consultório onde trabalho como psicóloga, os pacientes apresentar problemas emocionais relacionados a desentendimentos com familiares, colegas etc.

Isso ocorre muitas vezes, porque os mesmos não se colocam no lugar do outro, recusando-se a compreender o ponto de vista do próximo.

É de extrema importancia sermos empáticos isso fara com que viveremos mais felizes além do mais ajuda na saude mental.

(Texto 13R)

Ponto de vista

Lembra-se daquela discussão que teve com seu amigo por algo tão irrelevante você sabia que essa situação poderia ter sido evitada se você tivesse sido um pouco mais paciente, como isso poderia terminar sem ser uma discussão?

Bem neste mundo existe uma palavra que se você aplicar ela em sua (va)vida há grandes chances de suas relações com as pessoas ficarem menos problemáticas, pois quando você começa a enxergar os dois lados da moeda você começara a opinar melhor nesta situações, tudo isso você sabendo o (significado) significado de empatia.

Quando você começa se empatizar com as pessoas a sua volta, sua vida tende a melhorar pois você deixa de ser um ser um ser autoritário para ser um mais socializado

De colaborador

(Texto 14R)

Uma pessoa empática irá fazer o bem tanto para si, como para o próximo. Por tanto um ser empático não pensará somente em ti mais sim para seu próximo, irá tentar compreender seus sentimentos contudo conseguimos fazer pessoas melhores deixando um mundo melhor com a empatia, porem quando temos um olhar com empatia em que consegue enxergar além de si mesmo em que pensamos de como conseguir compreender o próximo, fazemos a mudança acontecer para conseguirmos ter um mundo melhor.

Assinado por: Colaborador.

(Texto 15R)

Talvez o maior problema mundial seja a falta de empatia que consequentemente leva a falta de intolerância, o que causa discussões, desavenças, guerras.

Isto se dá pela falta de compreensão por parte da sociedade envolvendo eles próprios, o meio em que a gente vive precisa de empatia, precisamos ser capazes de reconhecer o que se passa com o outro e aprender com isso.

Tendo em vista que devemos respeitar todos independentes de suas crenças, opiniões ou etnia, pois tendo empatia, conseguindo entender e se colocar no lugar das pessoas, o mundo viveria, em paz e , alcançaríamos o respeito com todos.

Colaborador.

(Texto 16R)

Atualmente o número de pessoas que se coloca no lugar de outras pessoas e bem pequeno, o que deveria ser o contrário, pois a empatia é um tipo de conhecimento que além de ajudar pessoas esse O, digo, conhecimento pode ser utilizado em situações parecidas além disso as pessoas que se colocam no lugar de outras para resolver um problema acaba conseguindo criar laços de amizades, pois quando uma pessoa está enfrentando um problema ela não consegue achar uma solução, pois as pessoas acabam entrando em desespero e não conseguem parar de pensar no problema, já uma pessoa que se colocou no lugar do outro ela tem uma maior facilidade de achar uma solução, porque, a pessoa não fica desesperada para achar uma solução, pois nada vai acontecer há ela, além disso as pessoas conseguem adquirir conhecimentos de situações problemáticas, além de conseguir ajudar pessoas, que acabará criando laços de amizade que se o número de pessoas que se coloca no lugar das outras aumentar, o número de conflitos vai diminuir.

(Texto 17R)

“O humano sem coração”

“O sentimento só existe quando a pessoa quer”, hoje em dia, nossa sociedade sofre com a falta de empatia entre as pessoas, que nada mais é, que a interpretação dos sentimentos dos outros, sendo assim, sua falta é um grande mal para o povo. Por isso é necessário que as pessoas empatizem mais. Para isso, basta apenas que queiram sentir o que o outro sente.

Em outro caso, sem a empatia, não há um “amor certo”, onde os sentimentos são verdadeiramente compartilhados, caso não a interpretação sentimental, digo, caso a interpretação sentimental não exista, não existe também, um amor que se possa “sentir”, por isso os jovens de hoje em dia se convencem que não sabem amar, sendo assim, basta que apenas cheguem à empatia, antes de continuarem com algo mais difícil.

Colaborador.

(Texto 18R)

Londrina – PR, 13 de setembro de 2014

Caro leitores(a) do jornal Hoje, sou formado em psicologia e irei argumentar a importância da empatia.

O objeto da empatia é a compreensão e tem a característica de um modo de conhecimento, desenvolver essa qualidade seria excelente ao nosso futuro que teria pessoas

mais compreensivas, educadas, generosas e afetivas. Atualmente vivemos em uma sociedade egocêntrica, onde a maioria das pessoas pensa só em si mesmo, desse modo sem as pessoas entender o ponto de vista do outro as pessoas acabam sendo autistas e alienados.

Devemos refletir sobre isso e ir em busca de uma melhor qualidade de vida em meio a sociedade.

Colaborador

(Texto 19R)

Em minha opinião as pessoas devavam digo deveriam sem digo ser sim empáticas umas com as outras, deveriam se colocar no lugar uma da outra para ver o que estão fazendo de errado e assim melhorando a forma de vida delas. Com essas ações ira ter muitas coisas boas, menos brigas no transito, as familias poderiam ir no estádio de futebol sem tumulto, o grande problema do lixo nas ruas sera resolvido.

Atenciosamente colaborador

(Texto 20R)

Pessoas empáticas pessoas felizes

Na minha opinião pessoas empáticas são pessoas felizes por que elas se poem no lugar das outras não para julgar e sim para ter um amplo conhecimento dos pensamentos e idéias contrárias, se as pessoas usassem mais esse método e pensar serião mais compreensíveis o que tornariam elas mais felizes e descontraídas para ter um melhor aproveitamento das coisas boas da vida.

Acho que as pessoas empaticas são mais felizes e por isso vivem mais, por não haver estres e conflitos no seu dia-a-dia.

Colaborador.

ANEXO D - REDAÇÕES DISPONIBILIZADAS PELA CVU MARCADAS COMO ZERO

(Texto 1Z)

Um ser humano sozinho, com ideias totalmente injustas, só pensa em si, o que acontecerá com um cidadão destes? Temos que saber que no mundo não estamos sozinhos, temos que saber dividir e somar, em todos os sentidos literalmente, duas cabeças pensando são melhores que uma só. Uma pessoa só na vida não sabe o que deve ou não fazer, ele pode agir ser pensar e acabar ferindo alguém, já se existir uma sociedade (amigos, família, desconhecidos) ele saberá que certas coisas não se deve fazer, as vezes temos que parar para pensar um pouco, se colocar na situação do outro, será que eu gostaria de estar passando por isso? Só assim saberemos conviver em armunia com a sociedade, saber lidar com as situações do dia dia, e se tornar grandes cidades.

(Texto 2Z)

Você se colocar no ponto de vista dos oprimidos pela sociedade? Eis a questão, eu como colaborador ensino as pessoas a olhar os dois lados da moeda, em uma sociedade onde há preconceito em todos os lugares independente da classe, caráter, etc..., não existe empatia nos preconceituosos. Quando um afro-descendente é chamado por apelidos de mau gosto por outros apenas para rir e “brincar”, onde nossa sociedade vai parar?, este tipo de pessoas devem ser punidas por estes atos, somos todos humanos independente de cor, classe social. Se colocar o opressor para passar um dia com o oprimido ele sentirá na pele o que é ser humilhado durante quase o dia todo, pois ele virá a realidade e deixará de ser do jeito que era. Não podemos julgar as pessoas apenas pelo tom de pele, vestimentas entre outros fatores, temos que aceitar o jeito de ser de todos, não importa se o tom de pele é mais claro ou escuro, isto não muda o caráter dela, quem julga as pessoas assim não sabem a realidade fora de sua casa.

(Texto 3Z)

A razão pela qual

O fato de a maioria de nós querer ser o que não somos, sentir aquilo que não sentimoara fa-

(Texto 4Z)

Metodos de melhoramento

O que mais precisa hoje em dia são pessoas se colocando diante do problema dos outros para poder ajudar. Uma dica importante para uma pessoa triste e sozinha é inserir ela no meio de outras para ver que ela não é a única que tem problemas.

Outra dica muito importante também é tentar descobrir o que uma certa pessoa passa em seu dia, e por isso ela pode estar triste, um simples gesto de carinho com ela vai cair muito bem, ou até uma conversa, que irá trazer bem estar para ambos, podendo gerar uma boa amizade, pois enfrentar um problema é difícil, mas com um amigo do lado fica moleza.

Assinatura: colaborador

(Texto 5Z)

Vivenciando novas vidas

Venho estudando a convivência das pessoas no dia a dia e através desses estudos tive a oportunidade de ver com novos olhos o dia a dia de outras pessoas, com isso pude perceber que todos temos nossas dificuldades, mas se nos colocarmos no lugar de outras pessoas, que convivemos ou até mesmo pessoas que não conhecemos podemos ajudalos ou até mesmo sermos ajudados e uma coisa leva a outra, se todos adotarmos esse habito podemos perceber que um mundo melhor pode sim existir, basta acreditar e fazer acontecer.

Atenciosamente
Colaborador

(Texto 6Z)

Há como esse mundo é belo, quantas pessoas boas existem nesse imenso planeta, alguns podem me chamar de radical! Mas tenho uma opinião sobre “empátia”. Talvez voltar ao passado só um pouquinho é a forma das pessoas voltar a ser empáticas, quando pessoas olharem uma para as outras, darem mais atenção, se dialogarem em grupos nos casos, através de um cafezinho uma boa conversa se descobria muito de uma pessoa.

Eu digo voltar ao passado por motivos óbvios, como vou me colocar na vida de uma pessoa, ou vamos nos colocar, só passamos horas e horas com a cabeça baixa olhando para um aparelho, vendo amigos através do que eles postam, conhecendo tal pessoa somente por um aparelho, o que são postados, talvez não seja a realidade da pessoa, e sim uma falsa realidade de mostrar que estou bem. Precisamos conversar, sentir na conversa que aquela pessoa não está bem, puxar uma cadeira para um cadeirante, que fica horas na área, ajudar uma mulher com sacolas etc... simples

(Texto 7Z)

Nos dias de hoje ninguém é simpático com ninguém, pois a maioria das pessoas, sai trombando em todo mundo, que cada um tem que ter a gentileza de dar licença, ou também pedir desculpa ou do lugar, cada um se faz a sua parte, hoje na sociedade não teria nada de violência. Na minha opinião os seres humanos em si tem que ter uma harmonia com o outro,

pois cada um tem que colocar no lugar do outro e não saindo atropelando todos. Também acho que cada um tem uma obrigação de dar o respeito ao outro, se cada um pensa no outro tudo dará certo e nada será um transtorno.

Colaboradora

(Texto 8Z)

Que angustia

Sou psicólogo há anos e nunca passei por uma fase na vida de se colocar no lugar do próximo e defender a sociedade. O objetivo de cada pessoa é sempre estar se colocando no lugar do outro, sendo assim o que você acha que pode ser ruim pode estar ajudando muito, no que precisa. Cada ser humano tem um sentimento que não é fácil de se controlar sozinho, a ajuda do próximo faz com que ele pare e observa o mundo de outra forma. Não é fácil suprir o superego, aonde as pessoas querem te pessotear. Se cada pessoa tiver o hábito de ajudar o próximo sem recompensa, todos colocariam há ajudar, mas cada um pensa em estar sempre pensando em si só e esqueci dos outros que precisam muito mas de você, sabendo que a sociedade um dia precisara de você em alguma forma.

Colaborador!

(Texto 9Z)

É possível afirmar que a empatia é um dos males da humanidade, onde os julgamentos muitas das vezes vem antes mesmo de conhecer ou da comunicação a si, pelo simples fato da aparência. Para quem pratica a capacidade de se comunicar com outras pessoas, em um mundo, que cada um só se preocupa consigo mesmo é uma das melhores qualidades.

Então quem pratica esse esporte chamado “empatia”. Só terá benefícios tanto para você quanto a do teu colega. Benefícios como: o bem estar, paz, alegria, simpatia entre vários outros.

Diante disto este esporte tende a ser compartilhado entre amigos e familiares, divulgando, praticando exercendo, pós quanto mas você treina mas resultados aparece.

Colaboradora.

(Texto 10Z)

Desde o tempo de escravidão existem preconceitos entre indivíduos, porém ele foi-se modificando até os dias através. Existem diversos preconceitos e um deles está ligado a empatia. Há quem diga que empatia não é uma forma de exclusão, no entanto, como psicóloga considero que a sua falta gera uma forma de exclusão um dos fatores são

(Texto 11Z)

Como psicologa todos nos devíamos ter uma boa comunicação e um bom diálogo.

(Texto 12Z)

No cotidiano em que vivemos estamos cada vez mais individualistas e julgadores fazendo com que quando avistamos algo que não achamos certo logo julgamos e repudiamos, porem nunca tentamos nos colocar no lugar dele e tentar entender o que aconteceu.

Como diz o juiz da receita federal “ sempre quando tenho que resolver uma acusação tento me colocar nos dois lugares (acuzador e acusado) para ser justo com ambos.

E como diz também o delegado do presídio de Londrina “ varios prezidiários dizem ser inocentes mas quando ouso a historia deles é tão repugnante que não tem como se colocar no lugar deles

Assinado: colaborador do jornal

(Texto 13Z)

Já dizia o profeta

Como colaboradora e profissional da área de direitos humanos, venho por meio deste, suplicar a paz mundial relacionadas às divergências humanas. Sugiro que sejamos mais sensatos e compreensíveis com as pessoas, independente de suas escolhas, sonhos e motivações.

Não fica difícil quando você baseia-se no seguinte pensamento “gentileza gera gentileza”. Saia da rotina, abra sua mente e passe a enxergar o mundo de forma clara e não preconceituosa. Tenha a ideia de que são sete bilhões de pessoas com hábitos e cotidianos diferente do seu. Busque conhecer novos conceitos sobre a vida, aceitando as pessoas como você gostaria de ser aceitado.

Não haverá paz enquanto existir o ridículo ego humano que em pleno século XXI só tende a aumentar. Seja inteligente e passe a agir aceitando todo tipo de gente, por que assim como todos, você também sente.

(Texto 14Z)

Eu na frente sempre!

Colaboradora

Sou psicóloga, especialista em comportamento humano, e ao observar a sociedade vejo como a “síndrome do eu” está cada vez mais gritante, e a humanidade, cada vez mais desumana.

Minhas necessidades estão sempre em primeiro lugar, não importa por cima de quem eu deva passar, já tenho problemas demais pra ter tempo de resolver o problema dos outros, eles que se virem! Mas quando eu precisar de ajuda e vocês me negarem isso... que espécie de seres humanos são vocês que não tem amor ao próximo?

Um mundo que não tem humanidade, não tem futuro, já está condenado! Nós precisamos começar a olhar pro outro e nós colocar no lugar dele, e assim você perceberá que os seus problemas nem são tão grandes assim.

(Texto 15Z)

Noticiários, revistas e jornais vemos frequentemente confrontos entre povos que crimes, essas tragédias que afetam a maioria da população mundial é um mal que poderia ser evitado com o simples fato de se colocar no lugar do outro.

A liberdade de cada um vai até infligir a de outros, o simples fato de sonegar imposto ou não devolver um troco errado, por exemplo, é uma forma de roubo. Fazendo o certo temos a consciência limpa perante a sociedade e contribuimos para a evolução da mesma.

(Texto 16Z)

Um mundo frio

Hoje em dia o mundo em que vivemos está muito frio. Frio as pessoas não se importa mais umas com as outras, nem importa com seus atos e nem o que vai gerar se vão ou não machucar alguém.

Mas deveríamos pensar um pouco nas consequências, tudo que fazemos vai nos afetar de uma forma ou de outra, bom ou ruim. Devemos ajudar uns aos outros pois não recebemos o dia de amanhã, hoje estamos bem andando, caminhando, nas cidades, mas amanhã não sabemos. Cuide do próximo para que ele possa cuidar de você

Colaborador

(Texto 17Z)

Maringá, 18 de julho de 2016

Uma boa conversa é uma xícara de chá não faz mal a ninguém, e ajuda a construir um relacionamento essencial para o ser humano.

Praticar empatia traz para nossa vida benefícios em todos os sentidos; cada experiência e história e como se fossem páginas novas no nosso livro da vida.

O que falta para as pessoas alcançar uma vida saudável e o contato com os demais, falta amor, falta compreensão falta tudo no geral. Amigos!

(Texto 18Z)

A dor do seu semelhante

Atualmente o frio vem causando um grande número de mortes relacionado a moradores de rua, pois estão sendo esquecidos e abandonados pela sociedade e seus governantes. Isso não pode acontecer! Afinal são seres humanos.

As suas necessidades mais básicas são a comida e a falta de abrigo, pois as condições climáticas estão muito severas no inverno. O “ser humano”, se assim podemos chamar,

deveria se colocar no lugar do próximo, o seu semelhante, pois o eu falta na sociedade atual é mais empatia. Afinal ninguém sabe o dia de amanhã. Não é mesmo?

Colaborador.

(Texto 19Z)

Após alguns estudos e pesquisas feitas sobre a empatia que nós seres humanos não sabemos lidar.

Tenho notado que a mesma não está sendo usada como deveria lateralmente ser. Percebe-se que quando usada de forma correta tudo flui melhor independente de como for usada, tanto para conhecer algo novo, pessoas novas e entre outros ou até mesmo para conservar o que já se tem presente no dia-a-dia que é algo primordialmente para um bom convívio em sociedade

Atenciosamente

Colaborador

(Texto 20Z)

Povo nordestino

Em todo o Brasil há grandes dificuldades de diversos tipos, uma delas é a que o povo nordestino vive e vive até nos dias atuais.

Região onde as dificuldades climáticas e financeiras tornam um ambiente de miséria.

Em uma reportagem da TV Globo em 2013, nos informamos a dificuldade de um chefe encontrar em obter alimento para sua família.

Se comparamos com outros estados brasileiros, onde, transporte, moradia, e margem de emprego, entenderemos a dificuldade que o povo nordestino vive é grande.

Muitos os deforam com crítica de um povo preguiçoso e mal caráter. Mas e se trocarmos de lugar, como seria?

Se em muitos momentos de nossa vida, colocarmos nos lugares dos outros, antes de fazer uma crítica, entenderíamos que às vezes as nossas dificuldades são menores que as dos outros.